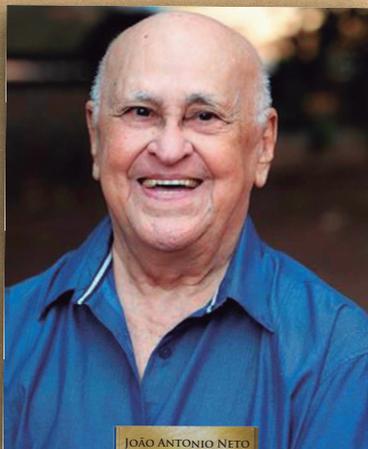




REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

VOLUME 99

COMEMORATIVA AO CENTENÁRIO DE JOÃO ANTONIO NETO,
E À MEMÓRIA DE BENEDITO PEDRO DORILEO E
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE



JOÃO ANTONIO NETO

*Há homens que não morrem,
não podem morrer – encantam-se,
como diria Guimarães Rosa,
e Dom Aquino passou por aqui,
e aqui ficou encantado e encantando*
(D. Aquino, o orador. 2001).



BENEDITO PEDRO DORILEO

*A Amazônia não admite
o verbo domar,
mas conviver,
investigar,
e proteger.*
(Pensar para fazer, 1984).



MARÍLIA BEATRIZ DE
FIGUEIREDO LEITE

*Porque a mágica
não é do mágico
é do olho que vê*
(O Mágico e o Olho
que vê, 1982)



REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

NÚMERO 99

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO
DE JOÃO ANTONIO NETO, E À MEMÓRIA
DE BENEDITO PEDRO DORILEO E
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE
(1921-2020)



ACADEMIA MATO-GROSSENSIS DE LETRAS – AML

Presidente Sueli Batista

1º Vice-Presidente José Cidalino Carrara

2º Vice-Presidente Moisés Mendes Martins Júnior

1º Secretário Valério Oliveira Mazzuoli

2º Secretário Luiz Orione Neto

1ª Tesoureira Nílza Queiroz Freire

2º Secretário Odoni Gröhs

Conselho Fiscal Ubiratã Nascentes Alves
Tertuliano Amarilha
Yasmin Jamil Nadaf

Conselho Editorial Amini Haddad Campos
José Ferreira de Freitas
Carlos Gomes de Carvalho

Coordenação Aclyse Mattos
Editorial Elizabeth Madureira Siqueira
da Revista 99 Fernando Tadeu de Miranda Borges



REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

NÚMERO 99

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO
DE JOÃO ANTONIO NETO, E À MEMÓRIA
DE BENEDITO PEDRO DORILEO E
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE
(1921-2020)



Cuiabá, MT
2020

Copyright © 2020 / Academia Mato-Grossense de Letras

Todos os Direitos Reservados. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 5610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Ficha Catalográfica elaborada pela Editora Paruna – São Paulo, SP

ISSN: 2447-021X

Revista da Academia Mato-Grossense de Letra, nº 99.

Direção/organização de Aclyse Mattos, Elizabeth Madureira Siqueira e Fernando Tadeu de Miranda Borges.

São Paulo: Paruna Editorial, 2020.

128 p.

1. Cultura 2. História 3. Literatura 4. Memória

Revisão e Normalização

Comissão Organizadora

Capa, Editoração e Projeto Gráfico

Candida Bitencourt Haesbaert | Paruna Editorial

Foto de capa:

Acervo AML

Impressão:

Gráfica



AML – Academia Mato-Grossense de Letras

Rua Barão de Melgaço n. 3.869 (Centro) – Cuiabá/MT

CEP: 78005-3000 – Celular institucional (65) 99354 5206

Site: academiamtdeletras.com.br

presidente@academiamtdeletras.com.br

administrativo@academiamtdeletras.com.br

ÍNDICE



APRESENTAÇÃO: EMOLDURANDO MEMÓRIAS9
Sueli Batista dos Santos (Cadeira 34)

EDITORIAL11

HOMENAGEM AO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOÃO ANTONIO NETO

HOMENAGEM DA FAMÍLIA PELO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOÃO ANTONIO NETO

JOÃO ANTÔNIO NETO: A CORAGEM DA ÉTICA -
NOSSO PAI E GRANDE SER HUMANO18
Regina Beatriz Guimarães Neto

HOMENAGEM DOS ACADÊMICOS A JOÃO ANTONIO NETO

CENTENÁRIO DE JOÃO ANTÔNIO NETO.....27
Neila Maria Souza Barreto (Cadeira 19)

A CONSCIÊNCIA ILUMINADA DE JOÃO ANTONIO NETO.....31
Marta Helena Cocco (Cadeira 18)

DOIS MOMENTOS DA LITERATURA DE MATO GROSSO DEFINIDOS
POR UM SUJEITO PARTÍCIPE E ESPECIAL, JOÃO ANTONIO NETO...36
Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

HOMENAGEM A BENEDITO PEDRO DORILEO

HOMENAGEM DA FAMÍLIA A BENEDITO PEDRO DORILEO

PAI EDUCADOR.....47
Ivo Leandro Dorileo

HOMENAGEM DOS ACADÊMICOS A BENEDITO PEDRO DORILEO

PROFESSOR BENEDITO PEDRO DORILEO.....56
Nilza Queiroz Freire (Cadeira 14)

BENEDITO PEDRO DORILEO: UMA ÁRVORE CUIABANA DE RAIZ
DA AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE61
Fernando Tadeu de Miranda Borges (Cadeira 33)

BENEDITO PEDRO DORILEO E SUA ESTREITA
SINTONIA COM A EDUCAÇÃO.....66
Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

O MAGNÍFICO, “CÍCERO CUIABANO”69
Ubiratã Nascentes Alves (Cadeira 1)

DORILEO: UM PERSONAGEM DA CULTURA CUIABANA.....78
Carlos Gomes de Carvalho (Cadeira 40)

HOMENAGEM À ACADÊMICA
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE

HOMENAGEM DA FAMÍLIA À ACADÊMICA
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE

MARÍLIA – U.I E T.M.81
Moema Figueiredo Leite

HOMENAGEM DOS ACADÊMICOS A
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE

MARÍLIA BEATRIZ: TRAÇOS DE UMA POÉTICA91
Lucinda Nogueira Persona (cadeira 4)

MARÍLIA BEATRIZ EM ABSOLUTA SINESTESIA99
Olga Maria Castrillon-Mendes (cadeira 15)

NO ENTANTO 104
Marta Helena Cocco (Cadeira 18)

LEGADO, INSPIRAÇÃO E SAUDADES..... 106
Sueli Batista dos Santos (Cadeira 34)

MARÍLIA: POESIA ATÉ NA PROSA!..... 113
Aclyse Mattos (Cadeira 3)

HOMENAGEM PÓSTUMA À MINHA CONFREIRA DOUTORA
MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE FALECIDA
RECENTEMENTE!..... 118
Tertuliano Amarilha (Cadeira 23)

ACRÓSTICO PARA MARÍLIA 123
Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

PAPAI, COMO EU ME SAÍ? 125
Lindinalva Rodrigues (Cadeira 37)

SAUDAÇÃO À MARILIA BEATRIZ FIGUEIREDO LEITE..... 127
José C. Carrara (Cadeira 9)

MEMÓRIAS





APRESENTAÇÃO

EMOLDURANDO MEMÓRIAS

Sueli Batista dos Santos (Cadeira 34)

Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras

A Revista 99 da Academia Mato-Grossense de Letras-AML chega como uma dádiva vestida de cores vibrantes da celebração por uma vida centenária que pulsa, e com a mantilha rendada pelas palavras carregadas de lembranças que reverenciam duas vidas que partiram para o plano de luz.

Com a pandemia do novo Coronavírus e o consequente isolamento social, a AML cancelou e adiou suas atividades públicas. Três atividades no ano de 2020, consideradas muito importantes, foram adiadas para o próximo ano: o centenário do confrade, João Antonio Neto (Cadeira 25), comemorado em 19 de abril, e duas sessões magnas da saudade, a primeira delas programada no calendário das atividades, para Benedito Pedro Dorileo (Cadeira 26), falecido no dia 12 de dezembro de 2019, e a segunda, que estava fora da programação anual, devido a partida prematura de Marília Beatriz de Figueiredo Leite, que faleceu no dia 3 de setembro deste ano, sendo uma das vítimas da Covid 19.

A presente publicação, entretanto, é uma forma de tributo para honras antagônicas, a vida e a morte. Uma forma encontrada pela AML para manifestações de reconhecimentos, em uma época de drama coletivo, devido aos inestimáveis legados deixados. Confrades que escreveram, ora com galhardia e ora com irreverência, páginas importantes e especiais em suas vidas, cada qual ao seu tempo e com suas peculiaridades em perfis marcantes.

Sinto que a obra parece estabelecer, mesmo que sem pretensão, um diálogo entre os três homenageados. Isso, entretanto, não foi colocado como desafio aos editores. Acredito que os leitores terão a oportunidade de conectarem-se com as histórias de muitos João Antonio Neto, Benedito Pedro Dorileo e Marília Beatriz de Figueiredo Leite, isso porque, em seus traços individuais, eles tomaram para si múltiplos conhecimentos que os tornaram plurais.

As biografias dos homenageados, embora trata-se de personalidades bem diferentes, são contornadas por atividades diversas, que se abraçam e conversam muitas das vezes: educadores, advogados, escritores e poetas. Na vida acadêmica doaram parte importante dos seus respectivos tempos e abriram campos para novas vozes ecoarem. São únicos, entretanto, nas honradas trajetórias.

Na Revista 99 há uma diferença em relação às edições passadas. Não estão contemplados os discursos de posses da nova diretoria e também os de posses das acadêmicas Lindinalva Correia Rodrigues (Cadeira 37) e Neila Maria Souza Barreto (Cadeira 19), ocorridas na atual gestão. Restringir, para apenas o tributo aos três homenageados foi uma decisão editorial ao meu ver muito assertiva.

São compartilhamentos de peculiaridades do cotidiano dos homenageados em diferentes tempos de suas vidas. Contém parágrafos com a singeleza de gestos, que se referem a um pai que, ao dirigir, parava o carro para, junto da família, colher flores encontradas no percurso; a um progenitor que promovia festas de aniversário enfeitadas de bandeirolas e lâmpadas coloridas, e a uma irmã que conquistou admiradores e fãs de carteirinha na intimidade do convívio familiar.

Penso que quando se tem uma ideia que se deixa somente na própria cabeça, ou digitalizada, e até mesmo só no papel, sem o compartilhamento, ela é apenas algo que não faz sentido real. Esta obra, portanto, só se tornou realidade porque consegui quem dividisse comigo a tarefa da sua concretude: Acllyse Mattos (Cadeira 3), Elizabeth Siqueira Madureira (Cadeira 29) e Fernando Tadeu de Miranda Borges (Cadeira 33). Confrades que assumiram a Coordenação Editorial.

Que as letras contidas nesta publicação, muitas vezes transbordadas de sentimentos, não apenas inundem as almas já impregnadas de amor, reconhecimento, inspiração e saudade. Que elas possam vicejar para além do tempo presente, principalmente porque emolduram memórias.

EDITORIAL

A presente Revista da AML, que tomou o n. 99, inclui tripla homenagem aos Acadêmicos: João Antonio Neto, pelo seu centenário de nascimento, para nossa felicidade presente entre nós, e aos falecidos Benedito Pedro Dorileo e Marília Beatriz de Figueiredo Leite, que nos deixaram recentemente, para nossa tristeza.

A estrutura interna da Revista, para cada homenageado, inclui três partes, sendo a primeira a *Mensagem da Família*, a segunda os *Dados Biográficos* e os *Pitacos Poéticos e de Prosa*, e a terceira parte dedicada aos textos dos Acadêmicos.

Nosso periódico inicia com JOÃO ANTONIO NETO, incluindo uma bela mensagem da Família, escrita por sua filha Regina Beatriz Guimarães Neto, intitulada *João Antônio Neto: a coragem da ética - nosso pai e grande ser humano*, texto revestido de competência acadêmica, no qual sobressai o lado afetivo que a liga ao pai, um eterno exemplo de progenitor carinhoso e que sempre esteve ao seu lado amparando e aconselhando-a, assim como aos irmãos Fábio e Ivã. O texto faz fulgurar momentos da convivência com os filhos, com quem João Antonio se divertia e se fazia presente nos momentos mais importantes do processo educativo.

Nesse olhar sobre o passado, Regina não deixa de lembrar D. Eva, mãe e companheira constante, porém, uma referência marcou sua trajetória com o pai, a Biblioteca, onde compulsou, desde criança, livros interessantes e que lhe serviram de referência por toda vida.

Após destacar as qualidades de João Antonio Neto, recortou duas delas, a *coragem* e a *ética*, tão marcantes no seu percurso pessoal e profissional. Ao final, Regina relaciona a produção intelectual do homenageado, encerrando a mensagem familiar com um aconselhamento precioso de seu progenitor: “*não digas pouco em muitas palavras, mas muito em poucas*” (Pitágoras, século VI a.C.). A homenagem da Família constitui uma peça literária condizente com a inteligência e a sensibilidade herdadas.

Seguem os *Dados Biográficos* de João Antonio Neto, encadeados com os *Pitacos Poéticos*, onde estão estampados breves trechos dos poemas *Autenticidade*, *Fidelidade*, *Perplexidade* e *Desvantagem*, reveladores de sua grande sabedoria e inteligência privilegiadas.

Homenagearam João Antonio Neto os seguintes Acadêmicos: Neila Maria Souza Barreto, com *Centenário de João Antônio Neto*, traçando breve

percurso e arrolando sua vasta produção intelectual. Finaliza o texto considerando ser “*Sua principal diversão, até hoje, é ler e isso vem desde a sua mocidade, quase uma meninice, como ele gosta de dizer*”. Encerra com a poesia *Namorados*, porque todo o dia é dia dos namorados.

Marta Helena Cocco, em *A consciência iluminada de João Antonio Neto*, analisa brevemente os poemas *Facinora*, *Pudicícia*, *Subterfúgio*, *Prevalência* e *Receita*, na linha do poema-síntese, tão característico do Modernismo, destacando “*o ímpeto subversivo e inteligente de um eu lírico que questiona a história*”. Finaliza sua análise considerando que “*No limite, nos convida a refletir sobre a (in)signi-ficância no tempo*”.

Em seguida, em *Dois momentos da Literatura de Mato Grosso definidos por um sujeito partícipe e especial*, João Antonio Neto, Elizabeth Madureira Siqueira, tendo por base o opúsculo *D. Aquino, o orador*, seguido de *O Modernismo em Mato Grosso, reencontro com Silva Freire*, alinhava os momentos marcantes da trajetória de D. Aquino e também do Modernismo no cenário literário mato-grossense, com destaque para quatro poesias de autoria de João Antonio Neto, hoje raras, publicadas originalmente no jornal *Ganga*, dirigido por ele, Agenor Ferreira Leão e Rubens Mendes de Castro, são elas: *A Guerra*, *Mendigo*, *A Vida e o Livro*, *A Minha Mesa de Trabalho* e *Inútil Preocupação*, revestidas de extrema sensibilidade e espírito humanitário. A Acadêmica finaliza sua homenagem com a frase *Há homens que não morrem, não podem morrer - encantam-se, e JOÃO ANTONIO NETO passa por aqui, e aqui fica encantado e encantando*.

A homenagem conferida pela Revista da AML ao confrade BENE-DITO PEDRO DORILEO traz na abertura a foto de seu casamento com a Professora Marlene Garcia Dorileo, profissional competente, dedicada, talentosa, com quem fez Bodas de Ouro, ao lado dos três filhos e familiares. A foto escolhida revela, nos subterrâneos da alma, que por onde o confrade Benedito Pedro Dorileo transitou suas relações foram fortes, vibrantes e duradouras.

O confrade Benedito Pedro Dorileo, tanto na vida pública quanto na vida privada, cultivou e irradiou felicidade: um ser humano musical, festivo, esportista e que desde cedo compreendeu o significado e a importância da extensão do conhecimento e da pesquisa junto à comunidade, tendo feito isso com muita frequência, quando jovem, em sua própria casa, alguém que compartilhou alegremente experiências e que enviava cartões e presentes aos confrades com anotações delicadas.

Ivo Leandro Dorileo em, “*Pai Educador*”, dedica a Benedito Pedro Dorileo, seu pai, em nome da família, no escrito produzido: *amor, respeito, amizade e admiração*. A trajetória do confrade foi toda voltada para a família e para a Universidade Federal de Mato Grosso, na intenção de que a Universidade da Selva se tornasse *realidade aceita* em Cuiabá e Mato Grosso, revela o escrito. O envolvimento da família era tão grande que a minuta do Primeiro Estatuto da Universidade Federal de Mato Grosso foi datilografada pelo filho Ivo Leandro Dorileo e a Profa. Marlene Garcia Dorileo, esposa do confrade, esteve presente em todos os momentos. Resumo da ópera do cavaquinho: uma família voltada para a educação.

Dos dados biográficos, a passagem do confrade Benedito Pedro Dorileo pela Educação, com toda certeza, outorga-lhe o troféu de defensor da nossa cultura e das nossas tradições, tendo como signo a Amazônia mato-grossense, no seio da Universidade da Selva. Foi um guardião de Cuiabá, Centro Geodésico da América do Sul, discípulo de Rondon, fiel seguidor de Dom Francisco de Aquino Corrêa, e aluno dos mais notáveis da saudosa musicista cuiabana Zulmira Canavarros, a quem consagrou um livro, considerado referência na literatura.

A acadêmica Nilza Queiroz Freire (Cadeira 14) lembra em, “*Professor Benedito Pedro Dorileo*”, que o confrade era chamado carinhosamente de “Nhozinho”, conta que foram contemporâneos de colégio, e que admirava a educação trazida de casa pelo conterrâneo. O “Mundéo”, bairro onde o confrade Benedito Pedro Dorileo residiu, conforme registrado pela acadêmica, provavelmente exerceu influência na vida do homenageado, ao ponto de levá-lo desde muito cedo ao desejo de cuidar do mundo. E aqui um destaque: antes mesmo de ser criado o MOBREAL, projeto de alfabetização de adultos, o confrade Benedito Pedro Dorileo já alfabetizava pessoas. O prefácio do livro “*Crônicas da Cidade Verde*”, de Nilza Queiroz Freire, foi escrito pelo confrade Benedito Pedro Dorileo, que, segundo relato da acadêmica, além de grande profissional, era um ser humano extraordinário, e que teve como amigo fiel “Cholo”, um cachorrinho de estimação, com quem provavelmente dividiu muito do seu mundo inventado.

Em “*Benedito Pedro Dorileo - uma árvore cuiabana de raiz da Amazônia mato-grossense*”, o acadêmico Fernando Tadeu de Miranda Borges abre o texto com duas homenagens dedicadas em vida ao confrade Benedito Pedro Dorileo, pelo trabalho realizado na educação, nas artes, na música, na saúde e na editoração, alguém especial da cultura mato-grossense e que

deu o melhor de si para as pessoas, as instituições e Cuiabá. A primeira homenagem ocorreu, em 22 de agosto de 2013, com a entrega de flores pelo novo ocupante da Cadeira 33 da AML, Fernando Tadeu de Miranda Borges, e a outra foi feita pelo saudoso acadêmico Lenine de Campos Póvoas, antigo ocupante da cadeira 33 e Presidente da AML, por ocasião da entrada festiva do confrade Benedito Pedro Dorileo na AML (Cadeira 26). E, aqui, uma constatação: muitos dos acontecimentos importantes na vida do confrade Benedito Pedro Dorileo, nascimento, casamento, criação da Universidade Federal de Mato Grosso, ocorreram dia 10, ao que lhe conferimos dez com louvor pelas brilhantes realizações.

A confrreira Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29) destaca em, “*Benedito Pedro Dorileo e sua estreita sintonia com a educação*”, que o confrade foi recebido na AML pelo acadêmico João Antônio Neto, e que o discurso de posse do estreante foi emocionante por conta do destacado desempenho na educação, pela participação majestosa na fundação da Universidade Federal de Mato Grosso, em 10 de dezembro de 1970, pelos trabalhos desenvolvidos quando vice-reitor e depois reitor e como professor-fundador. João Antonio Neto, professor-fundador da Universidade Federal de Mato Grosso, destaca, segundo a confrreira Elizabeth Madureira Siqueira, que “*A Universidade foi uma gigantesca improvisação racional*”. E nas passagens do confrade Benedito Pedro Dorileo pelos lugares onde exerceu função, prestou assessoria, desenvolveu atividades, ficou a lembrança traduzida nos registros contidos em documentos, livros, artigos, crônicas e relatórios.

O confrade Ubiratã Nascentes Alves (Cadeira n. 1), em “*O Magnífico Cícero Cuiabano*”, destaca a luta do confrade Benedito Pedro Dorileo para fazer o Curso Superior, sua passagem pelo Curso de Direito da Histórica Faculdade de Direito de Cuiabá, com a formatura, em 19 de dezembro de 1961, a experiência interessante vivida na política, o trabalho dedicado na Procuradoria de Justiça, a estruturação jurídica da Universidade Federal de Mato Grosso, as grandes realizações, considerando o confrade Benedito Pedro Dorileo o nosso “*Cícero Cuiabano*”. O texto-homenagem do acadêmico Ubiratã Nascentes Alves detalha os grandes momentos do confrade Benedito Pedro Dorileo, emociona pela trajetória espetacular do educador, que teceu com linhas de ouro uma linda história de vida, e que foi tirado de cena antes das Bodas de Ouro da sua tão cantada e encantada Universidade Federal de Mato Grosso.

Em “*Dorileo: um personagem da cultura cuiabana*”, o acadêmico Carlos Gomes de Carvalho ressalta no confrade: “*finura no trato, gentileza e cordiali-*

dade”, qualidades essas compartilhadas, conforme assegura, com todos os membros da AML, durante quase trinta anos, nas acaloradas e deliciosas reuniões. Ressalta também que o confrade Benedito Pedro Dorileo foi um dos fundadores do Centro de Ciências e Letras de Cuiabá, primeiro Chefe do Departamento de Letras, Presidente do Conselho Administrativo do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá e primeiro reitor escolhido através de consulta à comunidade universitária da Universidade Federal de Mato Grosso, para o exercício do cargo no biênio 1982-1984, um *personagem* da educação, com um amor enorme devotado a Cuiabá e sua esposa Marlene Garcia Dorileo, orgulho de familiares e contemporâneos.

Quanto à Marília Beatriz Figueiredo Leite, personalidade dinâmica, pioneira e multifacetada, a homenagem que ora se apresenta na Revista 99 da AML é também multifacetada, para tentar evidenciar, se não todas, pelo menos algumas das compreensões da escritora, poeta, jurista e figura de destaque na Cultura de Mato Grosso.

Partindo da visão terna e emocionada de sua irmã, Moema Figueiredo Leite, que nos apresenta uma “*Marília – U. I e T. M.*” filha, irmã e tia, mas também estudante engajada e figura feminina vencedora. Farol na cultura e na Universidade, o mosaico de visões de Marília se ilumina com os poemas “*No entanto*,” de Marta Helena Cocco e “*Acróstico para Marília*”, de Elizabeth Madureira Siqueira, em que Marília se faz inspiração, exemplo e musa.

A musa Marília era única e era tantas que Olga Maria Castrillon-Mendes nos encaminha pela beleza da sinestesia e da essência que a nossa poeta e presidente da AML espalhou como as flores e os perfumes, que sendo efêmeros, mais vida e poesia nos despertam. Tanto assim que, em “*Marília Beatriz em absoluta sinestesia*”, Olga vai da história à literatura e termina por nos brindar com uma poesia, como a nos dizer que Marília (essência e sinestesia) não cabe em apenas um retrato e um texto. Afinal, é uma Marília deslimitada que sempre encontraremos.

Essa mesma multiplicidade unívoca orienta o texto “*Marília: poesia até na prosa?*”, de Aclyse Mattos, em que encontrar Marília é sempre um momento inaugural, como a iluminação poética que ainda reflete nos poemas de “*Pequeno Tríptico*”. Marília voz, Marília imagem, Marília poesia, Marília lembrança. Sempre uma nova Marília que agora a encontraremos em seus textos e relatos.

A paixão de uma longa e intensa amizade é o motivo seguido por Tertuliano Amarilha para nos trazer sua visão de Marília. Essa linda história entre-

tecida com poesia e laços fraternais é o que lemos em “*Homenagem póstuma à minha Confreira Doutora Marília Beatriz Figueiredo Leite, falecida recentemente!*”

Emocionado e emocionante é o texto de Lindinalva Rodrigues, *Papai, como me sai?*, em que a autora capta e descreve a essência e a potência de artista e ser humano que Marília era capaz de infundir a nós todos. Escrita de fina sensibilidade e empatia.

O acadêmico José Carrara, através do afetuoso relato *Saudações à Marília Beatriz Figueiredo Leite*, descreve a força e a determinação do talento de Marília ao tempo de sua presidência na AML. Tempos difíceis, em que a casa estava em reforma e as questões de saúde eram delicadas. Mas Marília a tudo enfrentou e mobilizou. Na analogia que Carrara nos traz: “*os grandes portões se movem por meio de pequenas dobradiças*”. Perfeita comparação sobre o poder poético e social de Marília.

Um pequeno vitral polifônico e maravilhoso se descortina com o artigo “*Legado, inspiração e saudades*”, da Presidente da AML, Sueli Batista dos Santos, em que cada depoimento e relato nos mostram a imensa gama de influência que a postura e a obra de Marília Beatriz despertaram em seus colegas e contemporâneos. Marília Beatriz, cujo nome já é uma dupla homenagem a duas musas da história da poesia (Marília de Dirceu e Beatriz de Dante) não caberia apenas em um artigo, uma revista, uma Academia: Marília merece que o estudo de sua obra e vida se estenda por muitos projetos mais, já que tanto semeou e iluminou nos caminhos de sua trajetória sempre poética e acolhedora, exemplo de liderança feminina!

Que um início para essa compreensão da energia poética de Marília nos seja dado pelo texto “*Marília Beatriz: traços de uma poética*” de Lucinda Nogueira Persona. Com o cuidado poético de sua leitura, Lucinda nos apresenta a obra de Marília já apontando caminhos e possibilidades, percursos e transformações que a poética de Marília ainda nos tem muito a dizer e sugerir.

Em suma, que esta Revista 99 da Academia Mato-Grossense de Letras possa ser mais um caminho de criatividade e arte entre as pedras do mundo, nem sempre aproveitadas para sonhar templos e abrigar afetuosamente o Ser que nos move.

Coordenadores Editoriais da Revista 99 da AML

Aclyse Mattos
Elizabeth Madureira Siqueira
Fernando Tadeu de Miranda Borges

FAMÍLIA

HOMENAGEM PELO
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DE JOÃO ANTONIO NETO



JOÃO ANTÔNIO NETO: A CORAGEM DA ÉTICA - NOSSO PAI E GRANDE SER HUMANO

Regina Beatriz Guimarães Neto

Cada relógio é coração do tempo
Marca, pulsando, cada dia, a idade
Mas o relógio para num segundo
E para o coração na eternidade!
João Antônio Neto



Acervo da Família

Escrever sobre um pai que teve uma influência marcante, sobretudo nos anos formadores, constitui-se um ato de amor com a leveza da emoção. Minhas lembranças como filha são como fios de Ariadne que me levam a infinitos caminhos. Inicialmente, irei folhear meu diário de maneira aleatória, como no enigmático conto de Virgínia Woolf (O legado), lendo as memórias da menina até os dias de hoje. São recordações que operam o folhear de um livro da vida, em busca de algumas passagens significativas com meu pai. Abro uma página e encontro anotado que eu, com 9 anos de idade, ia declamar um poema dele – muito extenso – no Colégio das Freiras em Rondonópolis. Ele, como autoridade – era o primeiro Juiz de Direito da nova Comarca – ocupava com outras presenças da sociedade

local e do Colégio a mesa da recepção de um evento comemorativo. Fui escolhida para declamar uma poesia de autoria de meu pai. Ocorre que ao esquecer alguns versos, ele ia lembrando baixinho para mim... Considero esta memória representativa de uma cumplicidade que se estenderia por toda a vida. Uma parceria de amor, em que dizemos sempre um ao outro: “estou aí e você está aqui”. Como conversamos todos os dias por *WhatsApp*, muitas vezes por vídeo (pois, atualmente, moro em Recife e sou professora na UFPE), ele declama pequenos versos para mim e eu declamo os dele para ele e assim estabelecemos o elo mais forte por meio da linguagem da rememoração. Algumas vezes ele declama seus versos completos, porém há momentos em que a memória, nos seus quase 101 anos, dá certos dribles e sou eu, que aí, “assopro”. Atualmente, quando faço palestras na forma de *Lives*, ele assiste e depois faz comentários absolutamente lúcidos, que me dizem o quanto sua inteligência e sensibilidade estão ativas. Em uma delas, minha palestra foi sobre “Trabalho escravo contemporâneo: tempo presente e usos do passado”, ele fez uma severa crítica a este tipo de exploração em nosso mundo atual, comparações eruditas com outras formas de escravidão e uma defesa contundente dos direitos humanos.

Em outra página do meu diário descubro-me aos 11 anos de idade assistindo aula de história no Ginásio em Rondonópolis. Meu pai era o professor. Passei a gostar muito de história, porque ele mexia com a imaginação da turma em sala de aula, transportando-nos para o Egito, Grécia antiga... História medieval... Princípios da era moderna...

Participar de suas aulas sobre a história de Maria Stuart e da rainha Izabel, sobre os escravos na Roma antiga e os servos no período medieval, entre muitas outras personagens e sujeitos marcantes da história, tornou-me uma leitora de biografias e sensível a situação de escravos e, em especial, das trágicas desigualdades sociais. Para o seu tempo, ele era “historiograficamente” muito avançado, sabia distinguir os regimes de historicidade, não incorria em anacronismos. Hoje como historiadora e professora de História, reconheço o quanto devo a ele este “gosto” e aprendizagem pelas muitas leituras e por querer sempre conhecer universos culturais e históricos desconhecidos. Meu pai sempre foi meu eterno professor de português, corrigindo todos os meus textos. As suas contribuições foram e ainda são inestimáveis. Ele não apenas corrigia, mas também anotava as regras de português ao lado, com sua bela letra sublinhada. Quanta falta isso me faz! Uma enorme saudade desses nossos momentos como sua aluna na escrita de artigos e livros.

Folheio mais uma página no meio do livro-diário, também encontro: “meu pai, você é como um anjo em minha vida”. Havia dito isso a ele, quando, olhou-me surpreso e disse – “eu não sabia, mas me reconforta”.

O presente que me dava eram livros: “Para minha filha, afetuosamente”. E aparecia a sua assinatura tão bem feita, tão bonita. Parecia desenhada. Em todas as dedicatórias a mesma palavra, nos mais diversos livros: “afetuosamente”. Minha biblioteca está povoada dos “afetuosamente” em dicionários os mais diversos, livros de história, ciência política, biografias, obras completas, como a de Borges e tantas e tantas outras obras... Considero que esta presença inscrita nos livros são uma forma de viver com ele e que me alimenta e alimentará por toda a vida.

Continuo abrindo o meu diário, vejo meu pai saindo para pescar, levando meu irmão Fábio César, ainda menino. Era o seu companheiro de pescarias! Essa imagem se associa a outras, à beira do rio Coxipó, onde tínhamos uma pequena chácara, em que meu pai também pescava, mas agora com meu filho, seu neto Cláudio Fernando, outro parceiro. Era um grande pescador. Já incitei meu irmão Fábio, que é escritor e poeta e de formação acadêmica, advogado, a escrever um livro sobre as aventuras nas pescarias da sua infância, nos belos rios no município de Rondonópolis. São inúmeras as recordações de incontáveis eventos ocorridos nas pescarias e lembrados por Fábio, um narrador como poucos.

Vejo, ainda, as anotações que fiz sobre meus irmãos mais novos, Augusto Wagner, que, do meu ponto de vista, tem várias expressões e “jeitos” parecidíssimos com meu pai – até mesmo uma certa distração com os espaços – Augusto era e é muito solidário e grande companheiro dos meus pais, especialmente, quando estes iam a São Paulo fazer seus tratamentos de saúde ou quando dele necessitavam em Cuiabá. Recomendou-me não esquecer de anotar em meu diário algo fundamental em sua vida, uma espécie de DNA: “Aprendi com meu pai o bom humor, sempre muito positivo, e a alegria de ensinar.”

Logo nas páginas seguintes, encontro Ivã Guimarães, recordo-me seu cuidado e apreço em tornar o ambiente do apartamento, onde meus pais iriam morar, prazeroso, leve e livre para circulação (com a biblioteca ocupando lugar privilegiado...). Ivã, coração sábio, que pensa salvar a vida no valor incomensurável dos livros, dos filósofos, das poesias, de Rilke e de Marcel Proust...

*

Meus pais, agora juntando pai e mãe, foram extremamente atentos e cuidadosos com nossa educação. Diziam que era a maior riqueza que nos poderiam dar. Meus irmãos mais novos foram estudar no Rio de Janeiro. O primeiro, Ivã Guimarães, tornou-se arquiteto, com o seu trabalho muito reconhecido em Mato Grosso e, o segundo, Augusto Wagner, médico, passou a residir e a exercer a profissão com competência e muita dedicação em São Paulo. Fábio fez Direito na UFMT, tornou-se defensor público (foi defensor público geral); eu fiz minha graduação em história na UFMG e mestrado e doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), já quando era professora da UFMT. As trajetórias dos três filhos e da filha foram sempre motivo de alegria para os pais. Todos nós somos grandes amantes dos livros e criamos também nossas bibliotecas. Meu pai dizia que cada livro encerrava um universo próprio e que alguns deles jamais poderiam ser deixados sem lê-los. Carregamos este legado em nossas bagagens de vida, cada um de nós com suas preferências.

Uma das imagens mais constantes, emoldurada em nossas lembranças, é a de nosso pai em sua rica biblioteca. Era o seu lugar, seu verdadeiro habitat, sempre a ler e a escrever (muitas vezes, começava às 03.00 h da manhã, depois de tomar o seu guaraná em pó). Um lugar mágico, silencioso... Muitas vezes, também, entrávamos silenciosamente para compartilhar algum livro, dúvidas, indagações. E aí ouvíamos sua voz forte e sonora.

Nossa mãe, Eva, era sua companheira de todas as horas. O que marca muito a lembrança dos filhos e da filha, assim como a dele (e de nossa mãe quando viva), é a imagem do final do dia, no retorno para casa, quando saíam da chácara do Coxipó. Meu pai costumava parar o carro em locais estratégicos. Ele e nossa mãe (e nós quando estávamos juntos) saíam para “catar flores”, existiam belíssimas flores do campo, flores do cerrado, das mais variadas cores no caminho percorrido. Era uma alegria! Nossa sensibilidade foi também formada pelo amor às plantas e flores. E na biblioteca de nosso pai havia e há dicionários de flores e árvores...

Nosso pai foi e é um poeta sensível às vicissitudes da vida e às desigualdades sociais. Seu livro de poesias *Remanso* (Cuiabá:UFMT, 1982), publicado após *Vozes do Coração* (1941), expressa a delicadeza da sua alma. Em *Poliedro* (1970), seu livro de crônicas, aprendemos a meditar sobre sua linguagem imagística. Publicou também uma obra histórica, *História do Judiciário* (publicação do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, 1ª edição 1984; 2ª edição ampliada, 2004), que tive o prazer em escrever uma pequena apresentação. Na ocasião escrevi: “O autor se dedicou à minuciosa

pesquisa histórica, alimentando-se do legado dos cronistas do século XVIII, como Barbosa de Sá, e avançou nos estudos que focalizavam a emergência da organização do sistema judiciário, pesquisando normas, regras, condutas.” Sempre foi um apaixonado por Direito e História.

Depois de publicar livros e textos em diversos estilos e temáticas, poemas, crônicas, estudos de história, ensaios, ele, desde os seus oitenta anos, começou a reunir uma série de escritos filosóficos que problematizavam a linguagem. Para usar uma referência do filósofo francês Michel Foucault, João Antonio, nosso querido pai, passou a “rachar as palavras”, isto é, a “desdobrar e desmembrar” as palavras, cada palavra em outras palavras (palavras grávidas) e, talvez, criar outros sentidos... Nossa querida Marília Beatriz (Academia Mato-grossense de Letras) prefaciou esta obra e nela encontrou um dos sentidos viscerais: a “mônada”, sem portas e nem janelas, mas que ilumina um pedaço do mundo. Diz Marília: “Cada vocábulo tem suas peculiaridades devassadas pela apaixonada grafia/ausculta do arquiteto construtor das maquetes estruturais.” Ou, ainda, “... do poeta que lança para o universo das palavras a sua lavoura poética.” E meu pai escolheu como uma das epígrafes “Sou todos os autores que li” (Jorge Luis Borges) E quantos autores!

Para nossa emoção, nosso pai dedicou a trilogia da obra publicada a nós seus filhos e filha e à nossa mãe, na época do lançamento recentemente falecida. Estávamos todos reunidos – netos, netas, bisnetos, bisnetas, nora e genro – no lançamento da obra, como se cada um de nós carregasse um pouco do lume da sua luz.

Será lícito dizer que, nestas últimas, seu amor à leitura e a curiosidade pelas palavras apareceram desde menino. O pai o levava a cavalo para acompanhá-lo às áreas de garimpo no leste de Mato Grosso, para comercializar mercadorias. Ele me disse em entrevista (para meu livro: *As cidades da mineração. Memória e práticas culturais. Mato Grosso na primeira metade do século XX*): “eu era menino, não era bom no comércio, quando podia ficava dentro da barraca lendo meus romances prediletos”.

No universo infinito da memória, são muitas lembranças para contar. Entretanto, para respeitar o que nosso pai citou em epígrafe da obra *Revelação das palavras* (primeiro volume da trilogia, composta também por *Palavras Grávidas* e *Banquete de Palavras*; Ed. Entrelinhas, Cuiabá, 2015): “não digas pouco em muitas palavras, mas muito em poucas” (Pitágoras, século VI a.C.), finalizarei este breve relato com uma lembrança que se

desdobra em metáfora. Quando menino, nosso pai era encarregado pelo seu pai, Pedro Antunes, para levar o cavalo ao pasto ao entardecer. O lugar para onde devia se deslocar era um pouco mais afastado do povoado (Tesouro MT) e sempre estava muito escuro. E isso lhe dava muito medo. Não contava isso a ninguém, mas – enfatizava – tremia de medo. Depois, quando se passaram vários anos, quando já era Juiz de Direito, teve de enfrentar situações tensas e perigosas nas comarcas de Alto Araguaia e, depois, Rondonópolis (finais da década de 1950 e meados da década de 1960). Então, ele nos disse – “diferente daquele ‘menino do pasto’, sempre enfrentei as difíceis situações com muita coragem” e nós, sua família, testemunhávamos esta coragem diuturnamente. Rindo, com aquele jeito positivo de sorrir, completava: - “fiz do medo matéria prima para moldar a coragem.”

À luz do que foi dito sobre nosso pai, entendo que a coragem é irmã da ética. A opressão e a desigualdade social são os grandes desafios do Estado de direito. João Antônio Neto sempre foi um magistrado que teve a coragem de ser ético, o bem mais valioso.

Ética

“Da política, pressupõe o bem comum (...)

Não dispensa a delicadeza

Estética do comportamento”

(João Antônio Neto. *Banquete de palavras*. Entrelinhas, Cuiabá, 2015)

DADOS BIOGRÁFICOS E PITACOS POÉTICOS

Dados biográficos

Natural de Couto de Magalhães-TO, nasceu no dia 19 de abril de 1920. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (1944-1948). Teve efetiva atuação no magistério secundário de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e também no magistério superior, como docente da Unic, nos Cursos Especiais do DASP, em Cuiabá (1949); na antiga Faculdade de Direito de Cuiabá (1967-1970), e Professor Titular Fundador da Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenou, na Universidade Federal de Mato Grosso, o Centro de Humanidades (1973-1976) e o Centro de Letras e Ciências Humanas (1976-83). Diretor Fundador e Professor da Escola Superior da Magistratura do Estado de Mato Grosso. No âmbito do judiciário atuou como Advogado nos auditórios de Cuiabá, Guiratinga, Alto Araguaia, Poxoréu, Alto Garças e Barra do Garças (1951-1958 – 1983-1990); Procurador Fiscal do Estado de Mato Grosso (1949); Consultor Geral do Estado de Mato Grosso (1950-1951); Juiz de Direito de diversas Comarcas de Mato Grosso; Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso; Juiz do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso, Diretor dos *Anais Forenses* do Estado de Mato Grosso, entre 1967 e 1973; Compilador e organizador da Revista *Juriscível, Jurispenal e Trimestral de Jurisprudência dos Estados*, do Estado de São Paulo (1965-1976); Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil-MT (1979-1985); Assessor Técnico da Presidência do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso (1988). Seu veio literário e histórico timbra sua ampla produção. Membro efetivo do IHGMT e da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a Cadeira n. 24. Em 2020 comemorou seu centenário, para orgulho da AML.

Publicações em livro

Vozes do coração (1941); *Três gerações* (1949); *Poliedro* (1970); *Remanso* (1982); *Silhuetas* (1988), *Comemorando os 90 anos da Academia Mato-Grossense de Letras: Dom Aquino o orador e O Modernismo em Mato Grosso, reencontro com Silva Freire* (2001) e a coleção *Banquete de Palavras*, composta de três volumes: I – *Revelação das Palavras*, II – *Palavras Grávidas* e III – *Banquete de Palavras* (2015).

PITACOS POÉTICOS DE JOÃO ANTONIO NETO

Autenticidade

a caveira,
desinibida,
ri da comédia da vida.

Fonte: NETO, João Antonio- *Silbuetas e (In)Significâncias*. Cuiabá: Ed. Amazônia, 1989

Fidelidade

O epitáfio do morto
merece um pouco de fé:
se mente no que foi ontem
não falha no que hoje é.

Fonte: NETO, João Antonio- *Silbuetas e (In)Significâncias*. Cuiabá: Ed. Amazônia, 1989

Perplexidade

A borboleta pousou
levemente
sobre a flor,
como joia no engaste...
- e agora não sei
quem saiu pelo ar
e quem ficou na haste...

Fonte: NETO, João Antonio- *Silbuetas e (In)Significâncias*. Cuiabá: Ed. Amazônia, 1989

Desvantagem

O que se tem visto
é quase sempre isto,
com poucas variações:
- para cada Jesus Cristo
no mínimo dois ladrões.

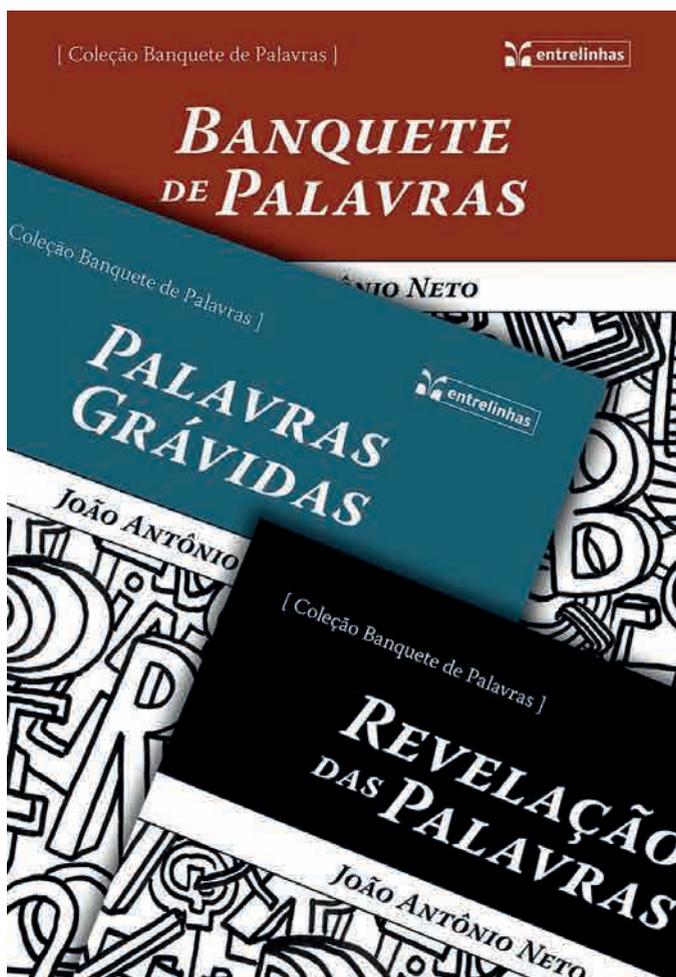
Fonte: NETO, João Antonio- *Silbuetas e (In)Significâncias*. Cuiabá: Ed. Amazônia, 1989.

HOMENAGEM DOS
ACADÊMICOS
AO CENTENÁRIO DE
NASCIMENTO
DE JOÃO ANTONIO NETO



CENTENÁRIO DE JOÃO ANTONIO NETO

Neila Maria Souza Barreto (Cadeira 19)



Em um tempo que vivemos mundialmente uma crise na saúde, vive Cuiabá momento tão importante para sua história. É o Centenário do Desembargador João Antonio Neto. Vivo, pleno, falante, lúcido e com muitas histórias a contar.

Professor, desembargador, escritor, poeta, nascido em Couto Magalhães, também, chamado Porto Franco, na beira do Araguaia, em frente a Conceição do Araguaia, antes Goiás, hoje Tocantins, em 19 de abril de 1920, filho de Pedro Antunes de Souza (Bahia) e de Inezínia Antunes Pimentel (Maranhão), sua primeira professora e a responsável por apresentar a ele as letras, a escrita, a poesia, os poetas, os escritores. Casou-se com Eva Balbino Guimarães Neto, já falecida, pais da professora Regina Beatriz Guimarães Neto; do arquiteto Ivan Sérgio Guimarães Neto, do advogado Fábio César Guimarães Neto e do médico Augusto Vagner Guimarães Neto.

Chegou a Mato Grosso aos nove anos de idade, cursando o primário em Guiratinga-MT. Em seguida estudou no Colégio São Gonçalo, em Cuiabá-MT, e fez faculdade de Direito no Rio de Janeiro-RJ, no período 1944/1948, onde foi orador da sua turma, cuja cerimônia aconteceu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, *“eu brilhei do início ao fim do curso, por isso fui escolhido orador”*, lembra João Antonio.

Em Cuiabá-MT, foi professor titular-fundador da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, tendo lecionado Direito Civil, Direito Processual, Filosofia do Direito, entre outros cursos, também, na Universidade de Cuiabá – UNIC e na Escola Superior de Magistratura do Estado de Mato Grosso, da qual foi fundador e diretor, sobrando ainda, tempo para advogar em diversas cidades de Mato Grosso e para exercer inúmeras funções políticas, como procurador fiscal do Estado de Mato Grosso, consultor geral do mesmo Estado.

Foi o primeiro Juiz de Direito de Rondonópolis-MT e fundador da Comarca da cidade, além de ter atuado em diversas comarcas do Estado, Desembargador do Tribunal de Justiça, vice-presidente do Tribunal de Justiça – TJ-MT, juiz do Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso – TRT-MT e outros inumeráveis. Participou da 97ª gestão do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, assumindo a presidência em 16 de fevereiro de 1970.

Literato, é membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso-IHGMI, da Academia Mato-Grossense de Letras-AML, da União

Brasileira de Direito Criminal, da Academia de Letras Maçônicas MT, da Academia de Direito e Ciências Políticas, dentre outras instituições. Fundou a revista cultural Canga, em 1951, um veículo que marcou época.

Dentre seus trabalhos publicados temos: *Vozes do coração* (1941); *Três gerações* (1949); *Poliedro* (1970); *Remanso* (1982); *Silhuetas* (1988), a coleção *Banquete de Palavras*, composta de três volumes: I – Revelação das Palavras, II – Palavras Grávidas e III – Banquete de Palavras, que percorrem e selam o corpo alfabético com o afetado estilete que escritura a carne da palavra existente/insistente. Nessa coleção é possível sentir a necessidade de colocar para o leitor aquilo que importa qualificada escritura de João Antonio Neto ou como ele mesmo assina JAN: a tessitura rara das expressões adequadas, dentre outras obras inéditas e que virão a lume no momento oportuno, a exemplo do *Dicionário Biobibliográfico de Juristas Brasileiros*, certamente uma grande contribuição à historiografia nacional; *História do Poder Judiciário de MT* (1985), inserido no campo das obras científicas obrigatórias para o estudo da história de Mato Grosso, principalmente à compreensão do período colonial, conforme a Historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto.

A historiadora, também, registrou que: “*Mas poderíamos esperar menos do talento de João Antonio Neto? Decididamente não. Homem da Poesia, pertencente à Academia Mato-Grossense de Letras, escritor de primeira linha (também contos belíssimos), ensaísta, crítico e historiador da literatura mato-grossense, professor de Direito, aclamado por sua erudição e conhecimento do assunto, e que conseguiu ao longo da sua carreira na magistratura, de juiz a desembargador, acumular experiências, informações, pesquisas sobre a organização do judiciário em Mato Grosso, desde os seus primórdios*”.

Sua principal diversão, até hoje, é ler e, isso vem desde a sua mocidade, quase uma meninice, como ele gosta de dizer. Ele é um eterno namorado e enamorado de suas lembranças de menino e, por isso, reproduziu aqui seu poema “Namorados”, porque todos os dias é dia dos namorados. Namorar as flores, os rios, a meiguice das crianças, o sol, a lua, a chuva, as pessoas de bem, porque para mim não existe dia, apenas “tempo”:

NAMORADOS

João Antonio Neto

*MENINOS... e namorados,
Bendito e suave sois!
Gozai os dias dourados!...
Ninguém sabe o que há depois...
Que Deus vos tenha abençoados,
Um só – em forma de dois!...
OLHOS em olhos mergulhados,
Para o bom, para o pior,
Caminhai de braços dados,
Que o peso fica menor...
Dois juntos – dois amparados!
Se um é bom – dois é melhor!
QUALQUER que seja o momento,
Haja o elo que vos liga!
Sorri da chuva e do vento,
Das traições e da fadiga!
Que vale o maior tormento
Quando a alma noutra se abriga?...
QUE essa união, que tem por preço
“Eu por ti e tu por mim”,
Caminhe ao mesmo endereço,
Repartindo o Não é o Sim...
Companheiros, no começo;
Unidos, até ao fim...
UM só – em forma de dois,
Que Deus vos tenha abençoados!
Ninguém sabe o que há depois...
Gozai os dias dourados!
Benditos e suaves sois,
VELHINHOS... e namorados!...*

Dr. João Antonio Neto! Viver um século de vida é pertencer à História do mundo de uma forma mais profunda, autêntica e rara. É uma mágica de 100 anos de existência que muitos gostariam de alcançar, vivenciar, comemorar. Que a sua história de vida seja exemplo para muitos. Feliz aniversário!

A CONSCIÊNCIA ILUMINADA DE JOÃO ANTONIO NETO

Marta Helena Cocco (Cadeira 18)

João Antonio Neto, nascido em Goiás e radicado em Mato Grosso desde os 9 anos de idade, residindo inicialmente no município de Guiratinga e depois em Cuiabá, é um poeta amadurecido e vivo em todos os sentidos. Em abril deste ano, completou cem anos. Lucidez sobre a natureza e a cultura humanas é um substantivo que traduz um dos seus livros mais importantes: *Silbuetas & (in) significâncias*¹, objeto desta resenha.

O livro foi publicado em 1989 como parte da coleção “*Letras matogrossenses*”, pela Fundação Cultural, dirigida por Carlos Gomes de Carvalho. Possui 60 páginas e é dividido em duas partes: *Silbuetas*, composta de poemas curtos e *(In) significâncias*, composta por verbetes. A primeira parte se subdivide em três: *Anthropos* (ser humano), *Physis* (natureza, princípio, fonte) e *Ethos* (um conjunto de costumes e hábitos que perfazem um comportamento cultural). Numa das páginas, em entrevista, o poeta afirma que a literatura pode transformar o mundo, como todos os produtos do engenho humano. Pois é desse engenho, cujos produtos podem transformar para o bem ou para o mal, que João Antonio Neto extrai sua lírica sintética e filosófica, nem sempre doce, aliás, predominantemente ácida, pois, nos engenhos da vida, a poucos cabe o sumo do açúcar e a muitos as dores da moenda.

Uma obra não deve ser explicada pela biografia do autor, assim como não se conhece uma flor pelo adubo, conforme advertiu Gaston Bachelard². Mas, certamente, as experiências pessoais e coletivas se inscrevem no texto e, da sua convivência como profissional do Direito e do Poder Judiciário, veio à tona o pensamento apurado também sobre as contradições que perfazem essa esfera do engenho humano. O primeiro poema do livro já anuncia o que será o tom dominante na obra: o desencanto com a nossa espécie:

1 NETO, João Antonio. *Silbuetas & (in) Significâncias*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso; Ed. Amazônia, 1989. (Coleção Letras Matogrossenses: Série poetas Contemporâneos.)

2 Do livro *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 13.

Facínora

Colocaram-NO
entre dois ladrões
face a face
e cravaram-LHE as mãos
para que ELE não os roubasse (p. 27).

Facínora é sinônimo de criminoso. À primeira vista, o eu lírico apresenta um criminoso preso para que não roube outros dois ladrões colocados a seu lado. Mas, essa leitura pode ser contrariada se observarmos o uso de maiúsculas nos pronomes que referenciam esse facínora. Letras maiúsculas geralmente são usadas para fins de ênfase e ou de reverência a algo considerado superior. Nesse caso, o conhecimento da cultura, mais especificamente da herança judaico-cristã, permite-nos inferir que o poema não é o que aparenta ser. O choque, de pronto, no início do livro, mostra o ímpeto subversivo e inteligente de um eu lírico que questiona a história. Na sua época, Jesus foi morto porque enfrentou e se opôs a um sistema injusto e de escravidão. Mas, sua mensagem pode ser deturpada, inclusive quando se diz que morreu para salvar a humanidade, em vez de se dizer que morreu por causa da humanidade. Foram humanos que o julgaram e o crucificaram, justamente aqueles cujo poder se sentia ameaçado por suas palavras de amor e de fraternidade. Também foram humanos os que condenaram os dois ladrões ao lado dele. Não se sabe o que roubaram, nem as circunstâncias do roubo, mas sabe-se que Jesus, como divindade, perdoou-lhes porque admitiram arrependimento. Como Deus tudo sabe, é possível que os tenha perdoado também pelo fato de que os que os julgaram não tinham as mínimas condições morais de fazê-lo. Assim, o verbo roubar assumiria outra conotação: a de resgatar, a de trazer para junto de si. Com esse texto, o livro começa no melhor estilo do poema-síntese, que é a concisão filosófica expandida na referência a conhecimentos partilhados por uma determinada cultura, além dos aspectos formais em que palavras de parentesco sonoro contribuem para uma expressão estética vigorosa, sofisticada e irônica.

Outro texto, na mesma direção irônica, vem a seguir:

Pudicícia

A Justiça cobriu os olhos
 com aquela venda,
 em sinal de pudor,
 para não ver a venda
 e o vendedor. (p. 28)

Pudicícia significa brio, decência, decoro, integridade. O título do poema se contrapõe, no entanto, a certos atos humanos de um dos poderes da República, a Justiça ou Judiciário. A venda nos olhos refere-se ao símbolo que caracteriza essa esfera de poder, a figura mítica da deusa grega Themis com uma balança nas mãos. Há outras referências que podem ser atribuídas a essa figura, como a deusa egípcia Maat que empunha uma espada. Da mitologia grega à romana, em que a equivalente de Thémis é a deusa *Iustitia*, crê-se que foi incorporada a venda nos olhos, para que, além dos princípios de equilíbrio e rigor, fosse incorporado o de imparcialidade. No poema de João Antonio Neto, entretanto, Pudicícia está mais para os sentidos de vergonha. A deusa ou o símbolo, num gesto de constrangimento, tapa os olhos para não se sentir cúmplice daqueles que vendem sentenças, condenam os mais frágeis e absolvem os fortes especialmente sob o crivo econômico. Inúmeras notícias de jornais, todos os dias, comprovam que o olhar agudo do poeta não se circunscreve à época da publicação do livro. Infelizmente.

Contribuem para a qualidade estética do texto a polissemia do vocábulo *venda* cuja repetição forma uma rima cruzada, assim como o par *pudor/vendedor* que compõe um trio de rimas com a palavra *olhos*, cuja vogal tônica coincide, caracterizando uma rima toante somada ao par consoante.

Coincidentemente esses dois poemas foram selecionados pelo pesquisador Dr. Luiz Renato Souza Pinto para compor a antologia poética comentada *Nossas Vozes, nosso chão*, volume 3, publicada no formato digital e com acesso gratuito pela editora da Unemat. Seguindo em nossa seleção, apresentamos o poema:

Subterfúgio

Quem dá aos pobres
 empresta a Deus...
 (Algo de muito obscuro!)
 □ E se Deus logo lhes desse,
 não seria mais seguro?... (p. 29)

Subterfúgio significa manobra, pretexto, estratagemas. Uma das habilidades do ser humano que, dependendo da situação e da intenção, configura vício e não virtude. O poema traz uma mensagem muito clara, quase literal. Neste mundo dividido entre aqueles que acumulam e detêm as posses e aqueles que servem como mão de obra, há uma falsa ideia de generosidade escondida no ditado popular que compõe os dois primeiros versos. Geralmente aos pobres cabem os piores salários e as doações, muitas vezes de produtos que não servem mais, que estão encalhando, sobrando: faces do acúmulo e do consumismo. O cúmulo da hipocrisia é colocar Deus, um ser compreendido como justo e amoroso, no centro dessa oferta. Se, perante Deus todos são irmãos e irmãs, como explicar que a riqueza de uns é fruto de bênçãos divinas?

O poema, com uma mensagem explícita, traz um verso entrecortado em parênteses que se encerra com uma exclamação apropriada para os sentidos de desconfiança. Essa desconfiança é acentuada pelo uso de reticências e pelo par de rimas *obsuro/seguro* que adquire conotação antitética. Não bastasse, o sinal de interrogação que fecha o poema (mas não definitivamente, como sugerem as reticências) indica que a pergunta não objetiva uma resposta, mas, sim, uma reflexão.

São muitos os poemas desse livro que, contrariando o tamanho dos versos e das estrofes, causam uma imensa e profunda imersão no nosso *ethos*. Cada um deles mereceria destaque e comentário, mas numa resenha cabem apenas alguns. Da terceira parte destaco:

Prevalência

Ser ou não ser,
 não é a questão
 que tem feito correr
 sangue e suor...
 □ Ter ou não ter,
 é a questão maior. (p. 47)

Prevalência significa predominância, supremacia, superioridade. O vocábulo tem parentesco com prevaecimento. Assim, o que predomina, o que se sobrepõe, não tem a ver com a questão proposta pelo dramaturgo inglês Shakespeare, por meio do personagem Hamlet. Tem a ver com o que um ser humano é capaz de fazer por dinheiro. Assim, antes de nos impelir aos recônditos do espírito, o diálogo intertextual nos desloca para as margens do que se nutre de sangue e suor.

Muitos são os signos ambivalentes na poesia de João Antonio Neto. Ambivalentes porque dizem respeito à vida e à morte e se retroalimentam no paradoxo ‘morte em vida’. Talvez, por isso, o poeta tenha atribuído ao verbete “espelho” o significado de “exatidão da mentira”. No conjunto, há essa tendência de desdobrar um título-conceito nos versos que o seguem, desnaturalizando as convenções e conferindo autenticidade apenas ao que é definitivo: a morte, como se observa em: AUTENTICIDADE/ A caveira, desinibida,/ ri da comédia da vida... (p. 33); e FIDELIDADE/ O epitáfio do morto/ merece um pouco de fé;/ □ Se mente no que ontem foi,/ não falha no que hoje é. (p. 34).

Encerro esta resenha com um poema que, a despeito de toda decepção com o humano, propõe uma esperança. Porque o humano, fazedor de mortes, também pode fazer coisas belas, quando sua consciência reflete a luz de uma alma forjada nas lições da justiça e da fraternidade:

Receita

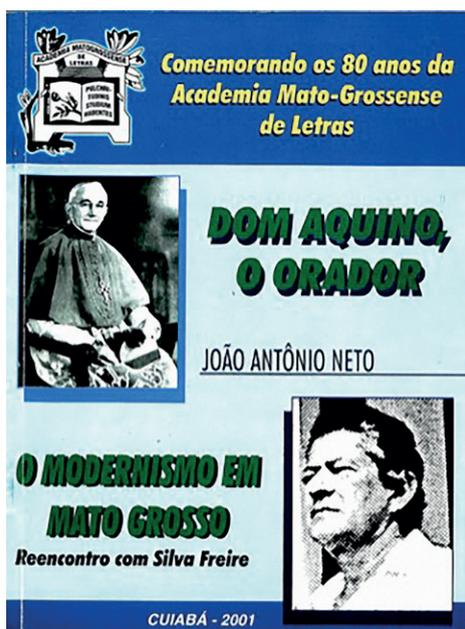
Para por fim à aflição
e retomar a doce calma
só uma pequena alteração:
arma, por alma. (p. 46)

O autor realizou, neste livro, uma das propostas do movimento modernista, o poema-síntese. E, dizendo o suficiente, com o uso de recursos como a ironia, nos convida a questionar as sentenças estabelecidas na cultura, a reparar os comportamentos de boa aparência e péssima essência e a nos colocar diante da própria silhueta multifacetada (como ilustra a imagem da capa da primeira edição). No limite, nos convida a refletir sobre a (in)signi-ficância no tempo.

João Antonio Neto ocupa a cadeira número 25 da Academia Mato-Grossense de Letras. Aos cem anos de vida, é uma luz lúcida e forte que se propaga na vibração dos seus versos.

DOIS MOMENTOS DA LITERATURA DE MATO GROSSO DEFINIDOS POR UM SUJEITO PARTÍCIPE E ESPECIAL, JOÃO ANTONIO NETO

Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)



Capa Comemorando os 90 anos da Academia Mato-Grossense de Letras, 2001

O nosso centenário homenageado João Antonio Neto reuniu em um opúsculo dois textos da maior relevância para a literatura mato-grossense, o primeiro, *D. Aquino, o orador*, seguido de *O Modernismo em Mato Grosso, reencontro com Silva Freire*.

Tomo como base documental a citada peça literária editada em Cuiabá no ano de 2001 e que enfeixa duas análises primorosas e profundas, uma verdadeira pérola literária, fazendo jus à máxima de que nos menores frascos se encontram os melhores perfumes.

A ORATÓRIA DE D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA

Na primeira parte, após tecer um panorama histórico sobre o nascimento do dom da palavra, a oratória, Antonio Neto, numa demonstração de grande historiador, depois de percorrer o cenário da Antiguidade, chega à realidade nacional e, com demonstração clara de sua vasta cultura, comenta sobre o *“Pe. Antônio Vieira, passando pelos Andradas, seguida da eloquência de Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e Quintino Bocaiúva. Nos tempos mais recentes, aí estão João Neves da Fontoura, João Mangabeira, Gustavo Capanema, Juscelino Kubitschek, - e o mais importante de todos eles, o malogrado e incomparável Carlos Lacerda”* (ANTONIO NETO, J. 2001, p. 6). Para incluir D. Aquino neste rol, considerou: *“Mas esta galeria brasileira dos grandes artistas da palavra não estaria completa, se nela não se incluisse o nome daquele que, ao lado de Vieira, de Monte Alverne, de Júlio Maria e Leonel Franca, deve ser apontado como o maior orador sacro do Brasil contemporâneo: Dom Francisco de Aquino Corrêa”* (Ibidem).

Centrando na oratória, recorte onde D. Aquino se encaixava perfeitamente, o autor compara o orador mato-grossense a dois exponenciais do início do século XX, Júlio Maria, gaúcho, e Leonel Franca, fluminense. Teve oportunidade de assistir pessoalmente este último, e em sua avaliação, *“Leonel Franca, que era um orador algo frio, embora de grande fluência e servido por uma cultura enciclopédica que, em muito, lhe facilitava amplo acesso aos temas mais tormentosos”* (Ibidem, p. 8). Depois de cotejar estes dois oradores, qualificou D. Francisco de Aquino Corrêa ombreado com eles, ou melhor, *“Mas, Dom Aquino ia extremamente mais longe. Era também um erudito completo, mas, igualmente um esplendente burilador da frase. Uma figura humana impressionante, pela compostura, pelo talhe aristocrático e pelo equilíbrio; nele, não se perdia inutilmente um único gesto; era belo, gentil, sábio e galante, ao mesmo tempo, principesca figura de um cardeal da renascença, como diria Pedro Calmon”*³ (Ibidem, p. 8).

Na concepção de João Antonio Neto, tanto a oratória de Júlio Maria quanto a de Leonel Franca se caracterizaram por tons incisivos, ao passo que D. Aquino, ao invés de se utilizar dos argumentos de ambos, *“[...] usava tacapes forrados de seda, sendo raríssimo se lhe ver alguma coisa ríspida”* (Ibidem).

D. Aquino tinha a capacidade de introduzir o universo cristão de fé em qualquer pronunciamento, característica que timbrou sua oratória. Analisando este aspecto, João Antonio Neto considera: *“qualquer que fosse*

3 Este texto de D. Aquino foi produzido em 2 de julho de 1981, e publicado em 2001.

a solenidade, a ocasião ou o tema dominante; fosse num simples brinde, uma abertura de solenidade, um ato patriótico, um acontecimento diplomático, uma lição de literatura, de Filosofia ou de História - fosse o que fosse, irrevogavelmente, Dom Aquino achava o lugar e o momento certo para introduzir o espectro da Fé e a imagem da presença divina, terminando por transformar em festa espiritual o acontecer mais tipicamente mundano” (Ibidem, p. 11-12).

O MODERNISMO: TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÃO

Discorrer sobre o Modernismo em Mato Grosso seria uma pretensão de minha parte, visto o imenso acervo literário já produzido. Meus comentários, agora, serão da segunda parte do opúsculo *D. Aquino, o orador*, seguido de *O Modernismo em Mato Grosso, reencontro com Silva Freire*, que traça um trajeto evolutivo do Modernismo no cenário mato-grossense.

Nossa proposta foi a de trabalhar este momento literário específico, tendo por base o andamento dado pelo homenageado, João Antonio Neto. Nada melhor do que ele para discorrer sobre o tema, uma vez que vivenciou os diversos momentos históricos e deles participou intensamente.

Admite ter sido Lobivar Matos o primeiro representante do Modernismo em Mato Grosso, corumbaense que viveu no Rio de Janeiro, morreu aos 33 anos e publicou dois livros de versos: *Areotorare*, 1935 e *Sarobá*, em 1936. A primeira obra tem estreita ligação com os índios Bororo, ancestrais de Cuiabá e de Mato Grosso, sendo que a segunda privilegia como temática o cenário social, com predileção para as camadas inferiores. Assim, para João Antonio Neto, “*a poesia de Lobivar já não tem, nem de longe, nuvens de opala, rosa purpurina, tapizvirente, longas veigas, névea gaze, treda noite, nem muito menos coma amorosa... Ao contrário, aparecem beco sujo, sentidos assustados, mulher magra, cabra danado, cadelinha sarnenta, samba gostoso*” (Ibidem, p. 23).

O movimento modernista em Mato Grosso se configurou através de periódicos, especialmente revistas onde eram veiculadas poesia e prosa escritas numa proposta diferenciada do que até então se produzira na literatura regional. Em Cuiabá surgiu, em meados de 1939, a Revista *Pindorama*, dirigida por Gervásio Leite, João Batista Martins de Melo, substituído por Euclides Motta e Rubens de Mendonça.

No momento de sua anúncio, Gervásio Leite escreveu:

De um lado a rotina, a desmoralização, a pasmaceira, a agonia.
Na outra margem, os espíritos sedentos de novidades, a vida, o

movimento, a energia. Sempre duas gerações que se combatem, que se mutilam, que se destroem. Nunca num mesmo plano o velho e o moço comparecem para discutir os seus problemas. Sempre a intolerância. Se o velho, esfriado pelos anos, toma uma atitude passiva diante da vida, não acompanha o ritmo da idade nova, petrifica-se na sua geração; o moço, por sua vez, levado pelo entusiasmo da idade, pelo ardor dos anos, desprezita o passado, despreza a tradição, e se embriaga com as conquistas modernas. É ele o lógico, o razoável, o justo. Este é o programa de uma revista de moços - *Novidade e Atualidade*. Geração moderna deve procurar nas coisas atuais elementos para construir um mundo melhor. Se as possibilidades são poucas, muitas são as esperanças (LEITE, G. In: NETO, J. Antonio, 2001, p. 24-25).

No final de 1939, Euclides Motta lançou o *Movimento Graça Aranha* que, na concepção de Antonio Neto, com base no seu Manifesto:

[...] tinha por finalidade arregimentar todos os que fazem do pensamento e da arte motivos fundamentais da vida, despertar dentro do nosso Estado o gosto pelas coisas do espírito, o movimento do pensamento na criação [...] O Movimento Graça Aranha visa, acima de tudo, possibilitar às nossas realizações artísticas o lugar que merece dentro da Terra brasileira. Levar à Nação a nossa mensagem, feita de crença nas coisas do espírito, de solidariedade e de compreensão. Queremos transmitir à inteligência mato-grossense esse dinamismo criador que sacode todo o País na hora decisiva em que vivemos. [...] O Movimento Graça Aranha visou, acima de tudo, possibilitar às nossas realizações artísticas o lugar que merece dentro da Terra brasileira. Levar à Nação a nossa mensagem, feita de crença nas coisas do espírito, de solidariedade e de compreensão. Queremos transmitir à inteligência mato-grossense esse dinamismo criador que sacode todo o País na hora decisiva em que vivemos” (MANIFESTO... In: NETO, J. Antonio, 2001, p. 25).

Seguiu-se um período de estagnação decorrente da Guerra, porém o modernismo mato-grossense renasceu na revista *Ganga*, uma publicação aberta e dirigida por João Antonio Neto, Agenor Ferreira Leão e Rubens Mendes de Castro. Na concepção do primeiro,

Ganga foi uma espécie de estufa e depois um berçário... Ali nasceram, por exemplo, já bem delineados e definidos, os antes desconhecidos Wladimir Dias Pino, Silva Freire, Amália Verlangieri – enquanto inúmeros outros reafirmavam suas excelentes qualidades; eram essas últimas, de todas as tendências, desde o simbolismo surpreendentemente pagão e arrebatado de Otávio Cunha, passando pela poesia descritiva, algo romântica de Agenor Leão, até a voz penetrativa de José Antônio da Costa, com seus poemas de sabor doméstico e folclórico, e o inesperado Newton Alfredo, exímio trovador, além de poeta social de marcada expressão universalista. (Ibidem, p. 26).

Para compor o grupo da revista *Ganga*, foi incorporado um poeta diferenciado, Wladimir Dias Pino que, na visão Antônio Neto, “[...] *era um terreno impenetrável que de quando em vez, lá num canto da revista, deixava filtrar alguns raios dum subjetivismo também, até então, descabido da poesia mato-grossense.*

*Os meus gritos se perdem nas sombras
que são pegadas
perto e longe
de todas as amadas
que partiram, reunidas)*

*O meu coração se transforma
em adeus.*

*Um adeus preso
Dentro do corpo imóvel* (Ibidem, p. 26).

Ganga foi, no dizer de João Antonio Neto, *estufa e berçário*, acolhendo diversas tendências literárias e reservando espaço especial para autores modernistas, como ele, mas também onde escreveram José de Mesquita, Otávio Cunha, Rubens de Mendonça, Agenor Ferreira Leão, Rubens de Castro, Lenine Póvoas, José Antônio da Costa, Newton Alfredo, Euricles Mota, Leal de Queiroz e Amália Verlangieri, mas modernizada ainda mais com a participação de Wladimir Dias Pino e Silva Freire.



Jornal Ganga. Acervo da Casa Barão de Melgaço

Conheçamos algumas das poesias modernas de João Antonio Neto publicadas na Revista *Ganga*:

<p style="text-align: center;">A guerra</p> <p style="text-align: center;"><i>O verde bom das leves trepadeiras Morreu, por falta de água, nas janelas... E as flores festivas das laranjeiras Rolaram como cinzas amarelas...</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Companheiros perderam companheiras... E a grama tomou conta das vielas... E nunca mais em torno das lareiras, Houve histórias de reis e cinderelas!...</i></p> <p style="text-align: center;"><i>O sangue das divinas esperanças Fugiu do rosto pobre das crianças Vazias de consolo e de prazer...</i></p> <p style="text-align: center;"><i>No céu não brilham mais estrelas novas, E sobre a terra só se pode ver A orografia irregular das covas!...</i></p> <p>(Revista Ganga – Ano , n. V - 30/05/1951, fl. 1)</p>	<p style="text-align: center;">Mendigo</p> <p style="text-align: center;"><i>Quando, na rua mão de forasteiro, Deixei cair meu pródigo tostão, Tu me julgaste um nobre cavaleiro, E eu me julguei apenas um ladrão.</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Quando tu me estendeste a tua mão, Para pedir meu último dinheiro, Eu não to dei, por simples compaixão, Pela dor do teu triste cativoiro...</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Dei-to somente, porque to devia, E não porque teus olhos de agonia Hajam vendido minhas mãos espessas...</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Mendigo! Flor sem mel e sem corola! – Por minha esmola – nunca me agradeças... Mas me perdoa – pela minha esmola!</i></p> <p>(Revista Ganga – Ano I, n. V - 30/05/1951, fl. 8)</p>
--	---

A Vida e o Livro

*Ora cheios de dor incompreendida,
Cheios ora de músicas cantantes,
O destino dos livros e o da vida
São dois destinos muito semelhantes.*

*Podem ambos ter sorte resumida,
Ambos podem viver milhões de instantes,
Como podem curar qualquer ferida,
Ou destilar venenos abrasantes.*

*Iguais no seu poder de redensões,
Também podem rolar pela descida,
Despedaçando almas e corações!...*

Mas, há uma diferença, que eu não louvo:

*Não se pode viver, de novo, a vida,
E o livro, a gente pode ler de novo!...*

(Revista *Ganga* – Ano I, n. VI – junho/1951,
fl. 6)

À minha mesa de trabalho

*Querida mesa de cruel labuta
E às vezes desse esplêndido trabalho
Que dulcifica a minha inquieta luta
E um pouco desse muito que eu não valho...*

*Tudo o que meu espírito executa
Passa por teu suavíssimo agasalho;
De ti me vem a essência absoluta
Desse pouco de luz que em torno espalho.*

*Gosto de ti, sem brilho e sem toalha,
Coberta de papéis, revolta, intensa,
Como se fosse um campo de batalha...*

*Assim, a traduzir, tosca e bisonha,
Toda essa indisciplina de quem pensa,
E essa ingênua desordem de quem sonha!...*

(Revista *Ganga* – Ano I, n. VI – junho/1951, fl.
10)

INÚTIL PREOCUPAÇÃO

*Tu desejas morrer à sentinela
Da glória que desfralda as auriflamas!...
Outro, prefere a morte, mais singela
Com mais leves e suaves panoramas!...*

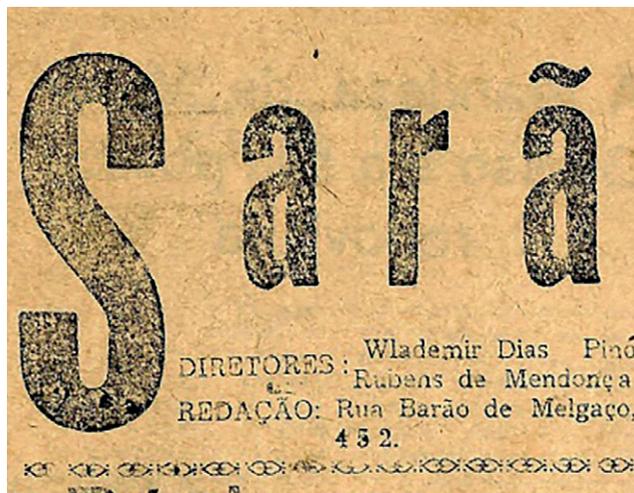
*Aquele, quer morrer nalguma cela
Longe do olhar das luminosas damas...
Outro, prefere ter, em vez de vela,
Um crepúsculo esfeito em véus de chamas!*

*Ouço a todos e fico a meditar...
Por que tanto se vive a idealizar
Essa hora de tristeza e de agonia!?...*

*E embora saiba que sou vento e espuma,
Jamais espero a morte em qualquer dia,
Nem desejo morrer de forma alguma.*

(Revista *Ganga* – Ano I, n. X – outubro/1951, fl. 1)

O poeta Antonio Neto, de escrita sensibilíssima, finaliza a análise do Modernismo em Mato Grosso com as evoluções subsequentes reveladas através do jornal *O Arauto da Juventude*, já na década de 1940, com a dupla Silva Freire e Wladimir Dias Pino, a quem ele qualificou de *os Cosme e Damião da nossa literatura*. Abria-se, assim, uma nova possibilidade de expressão dos novos poetas: “*O Arauto tinha um sensível toque de novidade; era decididamente mais agressivo do que o Ganga, muito mais comprometido com uma linha definida do que a citada revista*” (Ibidem, p. 30).



Frontispício do Sarã. Acervo da Casa Barão de Melgaço

Seguiu-se o *Sarã*, em 1951, sob a direção de Wladimir Dias Pino e de Rubens de Mendonça. Se *Arauto* fora novidade, o jornal *Sarã* se mostrou enquanto revelação, quando o modernismo ganhou tintas de requinte ainda maior. Ao apresentar o jornal, Wladimir assim se pronunciou:

Sarã (planta da família das Euforbiáceas) é o maior amigo das margens do rio. Protege contra correnteza, faz mais o avançar em velocidade do que o parecer uma lagoa. Com a nossa experiência literária, com amadurecimento, seremos, quem sabe, um sarã em nossa literatura moderna. Homem, queremos ver, é água correndo. Literatura pulando. Literatura rápida para dar lugar à renovação (Ibidem, p. 31).

Nascia naquele momento o Intensivismo,

[...] o qual seria um simbolismo duplo. A aparência não esgota a realidade; nesta, o intensivista busca todas as revelações não manifestas, criando em torno delas, ou delas arrancando, novas formas de beleza. O simbolismo convencional descreve o que imagina ver; o intensivista cria, esculpe, o que o comum dos mortais não vê, mas ele vê. O intensivismo é construtivo. O simbolismo é apenas contemplativo. [...] Como observamos, aí já aponta o pensador, o filósofo da arte, característica frisante da ação artística de Wladimir. Ele, naquela sua aparência estática e monótona, de caramujo ou de aranha, é, todavia, um dínamo: do Modernismo suscitou o Intensivismo; fez uma pausa no Parvinismo; passou depois ao Concretismo e, agora, desemboca no Poema-Processo (Ibidem, p. 31).

Finalizamos este texto externando louvor ao grande João Antonio Neto que, de D. Aquino e José de Mesquita, adentrou ao Modernismo da década de 1930, com Lobivar de Matos, passando por diversos periódicos modernos regionais até chegar ao Poema-Processo, numa demonstração de que sua escrita se mantém sempre atual, graças à invejável inteligência e sensibilidade de quem vivenciou uma trajetória longa e frutífera.

Uma frase que se encaixa perfeitamente ao poeta, historiador, jurista e beletrista João Antonio Neto é a que ele utilizou para qualificar D. Aquino, mas que se encaixa perfeitamente à personalidade do nosso centenário homenageado:

Há homens que chegam e passam - mas, outros, são intransitivos e se transformam em vertentes do tempo: são os homens plurais, que viram substantivos comuns, e aparecem transfigurados, às vezes, em ruas e praças, estradas e rios, confundidos com a poeira de todas as datas, como o perene e o eterno.

Há homens que não morrem, não podem morrer - encantam-se, como diria Guimarães Rosa - e Dom Aquino passou por aqui, e aqui ficou encantado e encantando.

Diríamos:

Há homens que chegam e passam - mas, outros, são intransitivos e se transformam em vertentes do tempo: são os homens plurais, que viram substantivos comuns, e aparecem transfigurados, às

vezes, em ruas e praças, estradas e rios, confundidos com a poeira de todas as datas, como o perene e o eterno.

Há homens que não morrem, não podem morrer - encantam-se, e JOÃO ANTONIO NETO passa por aqui, e aqui fica encantado e encantando.

VIVA O IMORTAL HOMENAGEADO!

FAMÍLIA

HOMENAGEM A BENEDITO
PEDRO DORILEO



PAI EDUCADOR

Ivo Leandro Dorileo



Casamento do Prof. Benedito Pedro Dorileo com Profa. Marlene Garcia Dorileo – Acervo da Família.

Nossas férias escolares eram cheias de alegria e divertimento. No casarão do centro de Cuiabá, na Praça Bispo Dom José, o quintal tomado de árvores frutíferas nos chamava às brincadeiras pueris. Subir e pular nos galhos das goiabeiras, correr sob as suas sombras, com minhas irmãs Izis e Cidinha, e Cléber Figueiredo, Lélío Duarte (*in memoriam*), Conceição Pereira, Ronaldo Sena, os irmãos Benedito Cléber e Telma Modesto, filhos do fraternal e saudoso professor Lídio Modesto, e tantos outros queridos amigos, era o deleite máximo de um tempo em que sentir felicidade era mais importante do que ter razão.

Fomos crianças naquela casa, onde nosso pai promovia as festas de aniversário enfeitadas de bandeirolas e lâmpadas coloridas, e todos participavam na confecção dos bolos e doces na cozinha animada da minha mãe Marlene: tios, tias, amigos e a criançada. Meu pai conhecia eletrônica e instalações elétricas. Fazia toda a instalação e ainda das caixas de som. Havia um cômodo nos fundos, que servia como sua oficina ou laboratório, onde se viam motores elétricos, aparelhos de solda, válvulas, ferramentas, instrumentos de medição, como amperímetros e muitos tipos de lâmpadas. Acompanávamos, com curiosidade, os consertos de aparelhos e

artefatos montados ali, seus dons com a eletricidade. Vale lembrar que a primeira transmissão de rádio amador com alto-falantes feita em Cuiabá, de uma partida de futebol, foi realizada pelo meu pai, ainda adolescente, na rua Comendador Henrique. A Praça Dom José conviveria, ao longo dos anos 1960, nas campanhas políticas, com autênticos festivais de sons de altos-falantes – instalados sob sua supervisão – com música, hinos e marchinhas de candidatos do PSD, além de discursos inflamados do meu pai e de correligionários. Era o poder da oratória, da palavra – o professor, o advogado do Tribunal do Júri e o político em ação numa mesma pessoa.

Cuiabá era uma cidade-vila. “Faltava luz” boa parte do dia e da noite. Meu pai, amante da música e dos instrumentos musicais, tocava o violão à luz de velas ou de um incandescente lampião a gás, compondo um cenário de ternura e paz. Seu amor à arte era incondicional. Para satisfação da família, as filhas Izis e Cidinha cursaram e concluíram o Ballet Clássico e o Piano, respectivamente. A música das grandes orquestras, aquelas que nos tocam a alma e o coração, e os famosos compositores clássicos sempre integraram sua coletânea, quando instalou a eletrola em casa, dotada de rádio e toca-discos. Ouvíamos com gosto as lindas obras do mundo! Admiráveis sensibilidade e altruísmo superando adversidades da vida juvenil, principalmente com a morte do meu avô Pedro Gratidiano-Dorileo, tornando-se verdadeiramente homem, em maturidade precoce, perdendo a todos.

Céu azul, chuva, tempestades, sonhos, felizes surpresas, “...vagarosas saudades, silenciosas lembranças”, como escreveu Cecília Meireles. Nosso pai sentado à mesa do escritório da casa, que ficava voltado para a rua, trabalhava intensamente todos os dias, como advogado e primeiro defensor público da Capital; e nos seus textos para os jornais em colunas permanentes, começando a sua história como escritor no jornal *A Cruz*, em 1960. Mostrava particular anseio pelo Jornalismo e mantinha uma relação inspiradora com esse ofício, tendo sido diretor-secretário do Social Democrata e, depois, colaborador na editoria da *Folha Mato-grossense* com seu estimado amigo Ranulpho Paes de Barros. Atividade intelectual viva! Eu já admirava as estantes de frontaria de vidro com livros de Direito, Língua Portuguesa, Literatura e Filosofia. Entre eles, obras dos poetas, de sua incontestável admiração, Castro Alves e Guimarães Rosa. Era um ambiente no qual eu me sentia bem, inclusive fazendo as tarefas e leituras próximo ao meu pai.

Como exímio professor, tinha olhar atento para acompanhar a evolução dos filhos, ainda no curso primário. Nosso pai improvisara um quadro negro de menores dimensões para nos ensinar a língua portuguesa, como uma espécie de “reforço” às aulas da escola. Aprendemos nos divertindo. Com um pai entusiasta da literatura e com livros à disposição, li muitos romances marcantes como “*Olhai os lírios do campo*”, de Érico Veríssimo, praticamente todas as coleções de Machado de Assis, com sua inigualável “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, e de Graciliano Ramos, com sua inconfundível “*Vidas Secas*”, mais Joaquim Manuel de Macedo, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e tantos que me forjaram na linguagem e no caráter. Eram obras-parte da predileção do meu pai, que propunha a leitura como um ensinamento fundamental para construção cultural e integral de um indivíduo.

Aos 12 anos eu já era incentivado a ler o *Jornal do Brasil*, jornal carioca diário e matutino, tradicionalíssimo, fundado em 9 de abril de 1891 por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco, e também o *Estado de São Paulo*, religiosamente presentes todos os dias em casa. Com flama me dediquei a colecionar o “*Suplemento Cultural*” dos domingos do jornal paulista, de muito conteúdo científico, ajudando a fazer nascer, desde cedo, um companheirismo entre nós, nas pesquisas, na assimilação de neologismos e na compreensão de assuntos emergentes para os seus textos, já com vistas para os seus primeiros livros, na década de 1970. Tal era agora sua confiança em mim, que, ao me matricular no curso de datilografia, previa também um “filho-secretário”. Este atributo de datilógrafo me logrou êxitos nos trabalhos do ginásio, evidentemente! Mas, o mais interessante foi eu ter datilografado, no ano de 1971, a minuta do primeiro estatuto da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso.

O livro “*Miçanga*”, o primeiro, de 1970, sempre lhe foi a menina dos olhos. Observei nesse livro especial dedicação na sua preparação, o zelo com as crônicas e o cuidado para escolher o título. Bem mais tarde, recebemos, eu e minha esposa Jeruza, uma dedicatória: “*Estas são crônicas escritas, com distâncias cronológicas, em plena mocidade. Precioso período da minha vida, não simplesmente pela idade, mas pelo exercício de conduta e crença. São pilares fortes, que, ao depois, enfrentando as borrascas do mundo, dão-me sustentação, hoje, para tentar concluir uma vida sadia espiritualmente – como celebram as parábolas de Jesus (Lucas, 15). Minha homenagem aos meus descendentes todos. Cuiabá, 29 de julho de 1995*”.

Mudamos para a casa do Bairro Bandeirantes, onde meus pais eram anfitriões dos talentosos pianistas Dunga Rodrigues e Penha, do violinista Tote Garcia, meu avô materno, e da artista Balbina Garcia, minha tia-avó. Com eles passávamos tardes ouvindo músicas clássicas ao piano da minha irmã Cidinha, além dos rasqueados cuiabanos. Que privilégio nós tivemos!

Lá, uma biblioteca inteira estava instalada – era uma “sala acadêmica”. Meu pai produziu expressivamente nesse espaço. Tanto a universidade foi beneficiada com esse “canto tranquilo de produção” como sua criatividade e habilidade para o trabalho literário.

A jornada educadora continua. A cada refeição à mesa era um aprendizado novo. Verdadeiras aulas de latim, sobre os prefixos e sufixos gregos e etimologia das palavras da língua portuguesa. Para completar a conversa, o assunto era o futebol, com fervorosos destaques para o Mixto Esporte Clube e o Clube de Regatas Vasco da Gama, nossas paixões eternizadas.

Há imperfeições em todos os homens. Via no meu pai um homem honesto, justo e generoso. Acolheu pessoas em casa e deu-lhes vida digna, como José Roque, Luiz Bispo - um velho maquinista da Empresa de Força, Luz e Água – EFLA, e Maria Almeida. Amparou crianças, idosos, e andarilhos, como Zé Bolo Flor, e cultivou a caridade em inúmeras casas de apoio e de saúde.

A sua ação se sobrepunha à sua boa vontade. Era uma mente impetuosa, inteligente que, pelos esforços pessoais, conquistara uma legião de admiradores e amigos, desde o limiar da carreira de professor no Colégio Salesiano São Gonçalo, aos 22 anos.

Tenho um grande ânimo para escrever sobre o meu pai, com elevadas afeições. Abstrair-se nas boas lembranças e bonomias faz bem. É uma das veredas para não perdermos a substância das pessoas com as quais convivemos, dando-lhes mais luz! É mais vivificante!

Cuiabá, 06 de novembro de 2020.

DADOS BIOGRÁFICOS E PITACOS POÉTICOS

Dados biográficos

Cuiabano de Nascimento, foi sempre do magistério. Ainda adolescente, reunia crianças e adultos para aulas de alfabetização, à noite, com luz elétrica ou de lamparina. Moço, torna-se professor do Centro de Instrução, no Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar, no posto de 1º tenente, exonerando-se para dedicar-se ao magistério civil e à vida forense. Conquistando aprovação perante o CADES-MEC, com professores do Colégio Dom Pedro II, RJ, lecionou Língua Portuguesa no Colégio Salesiano São Gonçalo e no Ginásio Dom Aquino. Admitido na Escola Técnica Federal-MT, mediante concurso público. Em 1968, torna-se professor fundador do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, em nível superior, onde foi Chefe do Departamento de Letras e, após, eleito, pelo Conselho Administrativo, o seu Presidente. Antes, em 1962, já bacharel em Direito, foi eleito vereador da Câmara Municipal de Cuiabá, por estímulo de estudantes e de professores. Exerceu a advocacia, tendo ingressado no Ministério Público por meio de dois concursos públicos, para Defensor Público e Promotor de Justiça, sendo em ambos aprovados. Foi membro do Conselho Superior do Ministério Público. Aposentou-se como Procurador de Justiça. Com o advento da UFMT (1970), integrou o quadro docente de professores fundadores, no magistério de Letras e Direito de Família. Nomeado para compor o Conselho Diretor da Fundação, em 5 de maio de 1971, exerceu os cargos de vice-presidente da Fundação; depois vice-reitor acadêmico, vice-reitor e reitor. Seu pendor literário é reconhecido, tendo editado diversos livros e mantém-se como colaborador de diversos periódicos de Mato Grosso. Membro da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira nº 26, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, da Academia Paulistana da História e da Ordem Nacional dos Bandeirantes (SP). Faleceu em Cuiabá, em dezembro de 2019.

PITACOS POÉTICOS DE BENEDITO PEDRO DORILEO

A EGÉRIA

Benedito Pedro Dorileo

*Fogem-lhe logo bálsamo e esperança,
não mais acode esplêndido vivace.
Estende o cárus e já o véu alcança
paz, serenidade, ilumina a face.*

*Na asa há pouco lá da fantasia,
ledice lbe acorria, ninfa graciosa.
Acordes, teatro e esporte fazia
do cômico, à entrapelia chistosa.*

*Soluça a natureza o seu adens,
Doridas lágrimas em a cidade.
Choram e cantam e louvam a Deus.*

*Revive a Egéria doce simetria,
Encarnada, cintila a claridade.
Densa luz rompe, transcende a'gonia.*

(Do livro Zulmira Canavarros, a Egéria Cuiabana)

A LÍNGUA

I

*A língua
água
a linfa
faminta
da fama
da fala
da lama simbólica
da alma na lama
ou lama na alma
alamada da água espargida
da fonte
do monte
temendo
fervendo
da febre que arde
que queima
a língua falante*

II

*Língua que fala
O quimbundo,
ambundo
ou o tâmil
purificado, limado
dravídico, escondido
no esperanto sonbado
de um mundo pacífico
o éden perdido
entaramelado do homem
a busca
a ânsia
d'outro universo
de encontro
em volta de um ponto.*

(Fonte: Revista da AML, 90 anos, 2016)

PITACOS DE PROSA DE BENEDITO PEDRO DORILEO

EFEMÉRIDA

Benedito Pedro Dorileo

Os pescadores também têm, além das suas estórias, um conhecimento profissional infalível para aplicá-lo na hora certa. Quando por sobre as águas voam nuvens de siriruiá, já recolhem os anzóis: “hoje não dá peixes, estão cevados, é dia de siriruiá”.

Ainda que a larva aquática demore na caprichosa metamorfose das mudas de pele, renovadas várias vezes, a forma adulta apta para a vida só é atingida com decurso de um a três anos.

Se para o homem cada dia representa uma cena, cada ano um ato, o último coroa a peça; para a siriruiá, ou efemérida, o viver tem uma única cena que se confunde com um só dia de vida. Ou mesmo algumas horas lhe são bastante.

Um par, ou mais completa com dois pares de asa artisticamente reticuladas, tem um corpo minúsculo de um centímetro, sobressaindo-se os fios que descem multiarticulados do abdômen.

A vida explode-lhe quando da larva surge a ninfa; fende-se a pele, descerra o pano de boca, o palco abre-se para a existência: eis a efemérida gloriosamente a voar, aspirando o oxigênio, seu único alimento —, inaugura a vida.

Uma vez mais ocorre a muda post-ninfal e ela está noiva do tempo.

Naturalmente, que o nome foi motivado no étimo de efêmero, o pouco na conceituação do homem — o presentâneo, o ligeiro, o rápido, o passageiro. Pois bem, num lance de vista, de um salto, “uno saltu” para a efeméride é o suficiente para cumprir o ciclo previsto pela sua concepção.

A ordem temporal, medir o tempo, como medem os ansiosos relógios, marcadores dos compassos em minutos que somarão horas para ingresso no portal do novo século.

Na finitude do ser humano, o tempo lhe é algoz, quando não aproveitado por inteiro. Mas o que é aproveitar o tempo se até o ócio temporário é benfazejo?

“*Euntanni*”, o tempo no conceito humano é célere. Goethe enchia-se de indignação, como afirma Riboulet, diante do espetáculo da imensa dissipação que faz a humanidade dessa matéria preciosa e tão rara que é o tempo. Com uma espécie de fervor tátil, ele queria reter entre as suas mãos esse tecido parcimoniosamente medido. Cada um dos seus dias era assinalado por uma divisão nítida, lúcida de seu tempo.

A instintiva sabedoria da efemérida dá-lhe a dimensão exata dos seus passos vitais, levando-a, instantes antes da sua morte, a casar-se, eternizando a própria espécie. Ela viverá para sempre na recriação cíclica da existência.

O *homo sapiens* iniciou em laboratório a reprodução de células humanas, a clonagem é uma realidade a ingressar audaciosamente no terceiro milênio; a longevidade é perseguida cientificamente, a todo custo. É prevalente esta conquista, mas não se esqueçam, os cientistas, do Criador.

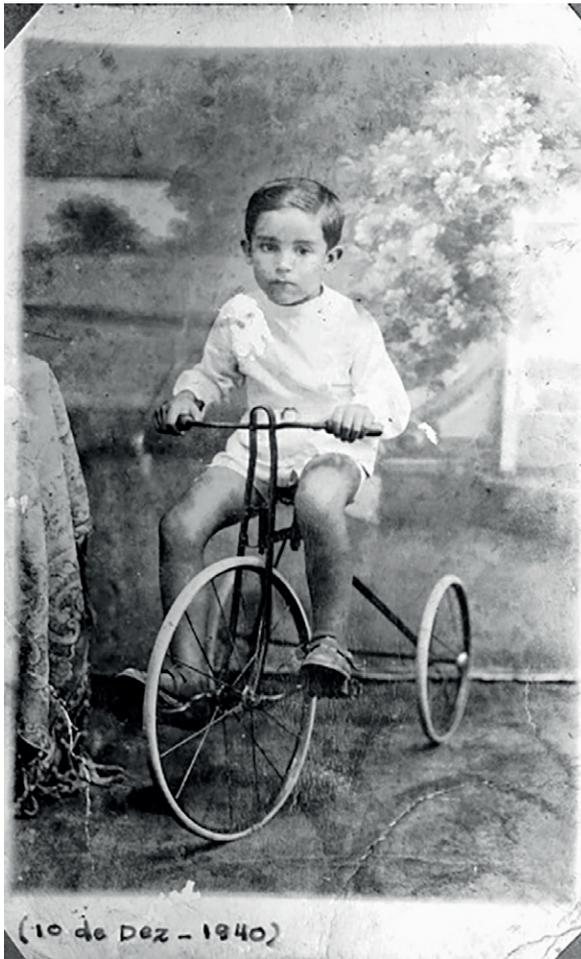
Contrasta, dolorosamente, quando, da primavera ao inverno da vida, o homem atinge a última quadra, cabelos nevados, passos vacilantes, ruína de uma antiga obra vigorosa, nega-se-lhe a dignidade da assistência subsidiária, tomando-lhe o cajado dos proventos necessários.

O poder, ah o poder, este quase sempre cega o poderoso –, só amanhã doerão os seus ossos de velho achacado em senil arrependimento. No Brasil, tem-se falado, insensivelmente, que o aposentado pesa nos cofres da Nação, ou é vagabundo. Repelir é obrigação que todos devem assumir, pois comum é o caminho da florescência à folha seca e morta.

Assim, efemérida, que a vida lhe seja bela e longa, compatível com a aspiração da sua natureza e espécie. E o ser humano, carregado de anos o quanto ele conquistar com sua inteligência e luta, seja respeitado em seus direitos até soar a hora de render o seu espírito a Deus.

HOMENAGEM DOS ACADÊMICOS A BENEDITO PEDRO DORILEO PROFESSOR BENEDITO PEDRO DORILEO

Nilza Queiroz Freire (Cadeira 14)



Benedito Pedro Dorileo em dezembro de 1940 – acervo da Família.

Moradores do Bairro “Mundéo”, nas imediações da Santa Casa de Misericórdia de Cuiabá, conheci o menino “Nhozinho”, carinhosamente chamado pela Sra. sua mãe, Dona Joaquina.

Nossas moradas se cruzavam: eu, na Avenida General Mello; ele na Avenida Dom Aquino.

Nasci em 1932 e ele, em 1934, com a diferença de dois anos. Naquela época, menina não brincava com guri e até nas escolas os gêneros feminino e masculino eram separados por classe e horário das aulas. Os homens, de manhã; as mulheres, à tarde.

O menino “Nhozinho” fez o curso primário na mesma instituição estadual que estudei, a Escola Modelo Barão de Melgaço, dirigida pela competente professora Alina do Nascimento Tocantins. Chamávamos de professora aquela que dominava a sala de aula; a diretora era Dona Alina.

Aluno da Profa. Zizi Nonato de Faria, fez os quatro anos primários com a mesma mestra; eu tive no primeiro ano, Marcelina de Campos; no segundo e terceiro ano, Cirina Molina; no quarto ano, Carolina de Souza Bouret. Fomos muito bem escolarizados pelas normalistas da Escola Normal Pedro Celestino.

Posteriormente, o menino foi para o Colégio Salesiano, conhecido como “Colégio dos Padres”. Nesse estabelecimento de ensino muito se dedicou à Língua Portuguesa, daí seu despertar para o idioma pátrio.

Eu fui para o então, Colégio Estadual de Mato Grosso, hoje, Liceu Cuiabano – Dona Maria de Arruda Müller, nome muito bem lembrado, pois, além de lecionar no interior, para depois lecionar na Capital, chegando à Diretoria do Colégio em questão, que fora construído na administração de seu marido, como interventor do Estado de Mato Grosso, o nosso saudoso Júlio Strübing Müller.

Como Garoto, “Nhozinho” jogava bola na rua com seus amigos e quando avistava as pessoas querendo passar, interrompia a brincadeira. Isso presenciei com o Sr. Maneco, de terno, chapéu e bengala, que teve a passagem liberada, por ordem do menino muito bem-educado pela Dona Joaquina.

Veio a adolescência e “Nhozinho” aprendeu a aplicar injeção e fazia isso, gratuitamente, aos vizinhos que necessitavam desse procedimento. No seu lazer, dedilhava o cavaquinho.

O pai, Pedro Dorileo, que lhe fazia as vontades respeitando limites, ofereceu-lhe uma bicicleta e as mocinhas do bairro do “Mundéo” foram

se achegando a ele, por ser moço bonito, educado e gentil. Minha irmã Maria de Lourdes era uma delas, que tomava emprestado o veículo e ia até ao Porto, bairro à beira do rio Cuiabá, enquanto o dono da bicicleta pacientemente esperava pela sua volta.

Entre as fãs, Marlene Cuiabano Garcia foi a vencedora na conquista e os bilhetinhos animavam a paixão. O pedido do noivado realizou-se no aniversário de Marlene e foi feito pelo Sr. Juvelino de Freitas, padrinho dela.

O referido pedido foi aceito pelos pais da candidata, os quais faziam muito gosto pela intenção dos nubentes.

O jovem noivo, antecipando o Mobral, preocupou-se com o analfabetismo e lecionava, na sua própria casa, para adultos que tinham vontade de saber ler e escrever. Não visava dinheiro; o prazer pela boa ação, compensava seu trabalho.

Tudo isso, eu observava de longe...

A Maria de Lourdes, minha irmã, era mais chegada ao casal de noivos e, posteriormente, embora morando no Rio de Janeiro, nunca relaxou a amizade.

O noivo, a estas alturas, já era Professor da Língua Portuguesa e fazia curso de Oficialato na Polícia Militar do Estado de Mato Grosso.

No dia do casamento religioso (aniversário dele) na Igreja da Boa Morte, celebrado pelo Frei Quirino, houve uma grandiosa chuva, que abençoou o casal por mais de 60 anos de mútuo respeito, ao lado dos filhos Izis, Ivo e Marlene Aparecida, a Cidinha.

Como o noivo era aluno militar, houve cruzamento de espada sobre os recém-casados ao sair da igreja. A recepção foi na casa do Sr. Juvelino de Freitas, padrinho da noiva.

Marlene Garcia Dorileo é filha do Sr. Tóte Garcia e Dona Alzira Cuiabano Garcia. Foi Professora do curso primário, onde se aposentou; depois, passou a dar cobertura ao sucesso do marido:

- Professor da Língua Portuguesa.
- Vereador da Câmara Municipal de Cuiabá, chegando à presidência da mesa de diretora.
- Advogado pelo curso de Direito.
- Promotor concursado do Judiciário mato-grossense.

- Empresário da advocacia, junto com o amigo Benedito Pereira do Nascimento, ex-desembargador.
- Integrou o Instituto de Ciências e Letras, uma das Instituições que deram origem à UFMT.
- Vice-reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, na administração do Dr. Gabriel Novis Neves.
- Primeiro Reitor eleito da “Universidade da Selva” - UFMT.

Com todas essas ocupações, o Professor Dorileo - como se indicava, deixou o cavaquinho, mas não deixou a música de lado e, na Universidade Federal de Mato Grosso, criou a Orquestra Sinfônica.

Na sua aposentadoria, dedicou-se à literatura e muito contribuiu não só com as diretorias, como deveras escreveu para o Instituto Histórico de Mato Grosso e para Academia Mato-Grossense de Letras, onde ocupou a Cadeira nº 26. Lançou vários livros de grande utilidade aos pesquisadores.

A esposa do Prof. Dorileo, Marlene, foi nossa vizinha, parede-meia. Acompanhei seu namoro na base de bilhetinhos levados e trazidos pelo seu irmão, pois, em matéria de comunicação, a escrita nos salvava. Ela sempre foi alegre, festiva e animada com o Carnaval, caprichando na fantasia. Muito espirituosa, traz consigo a veia cômica do seu pai Tóte Garcia. Mulher forte, esteve ao lado do marido na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, conforme o juramento do matrimônio - um dos sete sacramentos da Igreja Católica. Recebe muito bem os amigos, com bolos de arroz e de queijo, curau, arroz-doce..., mas quando a pessoa “faz de besta” não leva desaforo para casa! Ela, como noiva, já podia estar de mãos dadas ou de braços dados exibindo o noivo, como a sociedade acatava. Na licenciosidade de hoje, estranham esse comportamento, mas a entrega lentamente é a melhor.

Quanto ao Prof. Dorileo, embora o conhecesse desde criança, minha aproximação aconteceu como adulta, quando queria esclarecer dúvidas sobre a língua portuguesa. Depois nos encontros mensais do Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, onde suas opiniões eram muito valiosas. Prefaciou o meu livro “*Crônicas da Cidade Verde*”.

Católico praticante, o nosso saudoso homenageado assistia à missa aos domingos, fazia Páscoa e respeitava todo calendário eclesiástico. Das virtudes teológicas (Fé, Esperança e Caridade), praticava a caridade – “*o amor que move a vontade à busca efetiva do bem do outrem*”. Encontrei-me com

ele, aliás, com o casal, saindo da missa que mandou celebrar a favor do mestre Bomblet, meteorologista do Colégio Salesiano, aquele que estudava, na ciência, os fenômenos atmosféricos, possibilitando a previsão do tempo. Por ele, o Prof. Dorileo tinha grande admiração, não esquecendo do seu aniversário em memória.

Outra feita de amor do pequeno menino era com o animal de estimação, “Cholo”, cachorro, na linguagem infantil. Certa feita, seus pais, não querendo a companhia do “Cholo”, baniram o animalzinho da casa, o que lhe resultou em grande tristeza. Para o menino, o “Cholo” lhe fazia muita falta... Eis que, na sua angústia, escutou um arranhado na porta... É o bichinho, disse! E foi ao seu encontro, chorando de alegria, enquanto o cãozinho lambia suas lágrimas. Os pais, emocionados, permitiram seu retorno à casa paterna.

O Prof. Dorileo era muito devotado às amizades: aos cuiabanos de nascimento e aos de coração. Na Orquestra Sinfônica da UFMT, acolheu, com carinho, o cuiabano Hélio de Araújo (conhecido como Hélio do Cavaco) e Ivanildo Gomes de Oliveira (o saxofonista China), ambos do bairro “Mundéo”.

Chegou a hora da partida... O Prof. Benedito Pedro Dorileo faleceu em 12/12/2019, dois dias após completar 62 anos de casados, levando consigo toda a sabedoria adquirida e deixando para todos nós, seus valiosos escritos.

Naturalmente, foi bem recebido pelo Senhor, dono da vida e da morte. Suas palavras: Pode chegar, eu sou a prometida Eternidade e o lugar para quem praticou boas ações, é ao meu lado onde terá a PAZ verdadeira.

Ficamos com muitas saudades de quem, na vida fez o bom combate.

BENEDITO PEDRO DORILEO: UMA ÁRVORE CUIABANA DE RAIZ DA AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE

Fernando Tadeu de Miranda Borges (Cadeira 33)⁴



Homenagem conferida ao Professor Benedito Pedro Dorileo pelo confrade Fernando Tadeu de Miranda Borges, em 22 de agosto de 2013.

Foto: Acervo de Fernando Tadeu.

A Academia Mato-Grossense de Letras abre mais uma vez, festivamente, suas portas para acolher outra expressão do nosso mundo cultural, o Professor Benedito Pedro Dorileo. [...] Sem ter nascido em berço de ouro, subiu as escadas da vida pelo seu próprio valor e pelo seu próprio esforço, sem qualquer auxílio ou impulso paternalista.

Lenine de Campos Póvoas, Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, em 1987, recebendo o acadêmico Benedito Pedro Dorileo. Fonte: *Folhas Evocativas*, Cuiabá, Entrelinhas Editora, 2018, p. 466.

⁴ Membro da Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 33), do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso.

Cuiabá é uma cidade onde as pessoas se conhecem de perto, cultiva o aconchego e possui estratégias próprias de sobrevivência. A hospitalidade continua presente no cotidiano da sua vida privada e pública, que em algumas cidades brasileiras desapareceu quase por completo. As várias culturas reunidas tornaram-se as maiores responsáveis pela cordialidade doce na Terra do Pacu.

Prof. Benedito Pedro Dorileo, cuiabano tradicional, dedicou sua vida à educação, participou da criação da Universidade Federal de Mato Grosso (Universidade da Selva), cantou em prosas a trajetória da rádio *A Voz d'Oeste*, do Mixto Esporte Clube, animou a cultura cuiabana, e reavivou personalidades como Cândido Mariano da Silva Rondon, Dom Francisco de Aquino Corrêa, Joaquim Murтинho, Luís-Philippe Pereira Leite, Dom Bosco, Zulmira Canavarros, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, Filinto Müller, Octayde Jorge da Silva, Ranulpho Paes de Barros, Ubaldo Monteiro da Silva e tantas outras.

A história do ensino superior em Mato Grosso e a memória de uma Cuiabá tranquila, serena e festiva, com resquícios de um modo de viver especial, nas décadas de 1960 e 1970, mas que se transformou com o passar do tempo, e de certa forma, perdeu um pouco do charme conquistado, foi registrada em falas e/ou escritos de Prof. Dorileo.

Bacharel em Direito pela Faculdade Federal de Direito de Cuiabá, Prof. Dorileo movimentou a vida cultural da capital mato-grossense. Para a criação da Universidade da Selva, em 10 de dezembro de 1970, uniram-se a Faculdade Federal de Direito de Cuiabá e o Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá (este agregou entre as Faculdades a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas, criada em 1965, pelo governador Fernando Corrêa da Costa). Nos dez primeiros anos da Universidade Federal de Mato Grosso, cada conquista constituiu-se numa vitória, por isso da sala onde a primeira reitoria esteve instalada ter sido denominada de “Sala do Parto”, um espaço pequeno, localizado no Bloco B, do antigo Centro de Ciências Sociais (CCS), que deveria ter uma placa em homenagem ao desejo do Reitor-Fundador, Gabriel Novis Neves. Sem a presença da Universidade Federal de Mato Grosso na região dificilmente o Estado teria conseguido manter-se de pé diante da divisão ocorrida em 11 de outubro de 1977.

A divisão do Estado de Mato Grosso, de acordo com Prof. Dorileo, foi vista assim, “*Somos em Mato Grosso, agora, um Estado eminentemente amazônico*”.⁵

5 Na leitura de DORILEO, Benedito Pedro. Na Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá: Pronunciamento sobre o desmembramento de Mato Grosso, 11 de outubro de 1977, “Mato Grosso foi desmembrado. Surge o Mato Grosso do Sul - emancipa-se em novo estado membro da Federação. E a capital cuiabana, serenamente, com a sabedoria do seu passado de mais de dois séculos e meio, acena com entusiasmo novos caminhos de conquista”.

Neste ponto uma nota, no início tivemos muita dificuldade para aceitar a divisão, uma dor inexplicável tomou de súbito nossos corações, a sensação era de casa invadida, arrombada. Quarenta e três anos se passaram, hoje, parece mesmo que Prof. Dorileo tinha razão, éramos mais amazônicos do que qualquer outra coisa, e a divisão de Mato Grosso foi, no aspecto da cultura econômica e da cultura da cultura, bastante salutar para ambos os Estados: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, embora o espírito amazônico nestes últimos anos tenha sofrido agudos abalos.



Prof. Benedito Pedro Dorileo Reitor. Acervo da Família.

Dentre os livros escritos pelo Prof. Dorileo, “*O Fazejamento*”, classifico como um dos mais interessantes, e deveria ser considerado de leitura imprescindível para quem pesquisa o planejamento e a administração pública no Brasil. Nesse livro, Prof. Dorileo narra como ocorreu a implantação da Universidade Federal de Mato Grosso. Todos jovens, Gabriel Novis Neves (Reitor-Fundador), Benedito Pedro Dorileo (Vice-Reitor), Atílio Ourives (Sub-Reitor Acadêmico), repletos de sonhos, esse trio de reitores, com determinação e coragem, efetivamente construiu uma universidade com as cores e necessidades da região. Quando o Estado foi dividido, de forma (in)esperada, pelo Presidente da República, Ernesto Geisel, em 1977, a população de Mato Grosso conseguiu enfrentar de frente os desafios impostos devido a forte presença da Universidade Federal. A seguir, a descrição da criação da Universidade Federal de Mato Grosso, nos seus primeiros anos,

A ordem em 1972 era implantar a Universidade. – Planejar? – Quando e como? Fazer foi a decisão. O desígnio histórico não permitiria o luxo do planejamento empapelado, encadernado,

pintado, lubrificado. Rever o ontem com visão aguda seria perigoso, gerações estariam frustradas pelas crateras burocráticas observadas. Para a frente, carregar o ônus, soldar, solidificar, criar. Enfim, anteriormente, muito se fez de boa fé. [...]. Aqui situa-se um tempo, o tempo de fazer, sem ter tido oportunidade de planejar. Parece embaraçoso, o planejar pôde ter existido, mas foi tragado pelo fazer.⁶

Depois de ter publicado “*Miçangas*” (1971), “*Egéria Cuiabana*” (1976) e após mais de dez anos no exercício das atividades acadêmica e administrativa na Universidade Federal de Mato Grosso, Prof. Dorileo publicou “*Pensar para Fazer*” (1984). Em minha opinião esse novo livro nasce do resultado do trabalho em prol da educação em Mato Grosso ao lado dos seus dois mais próximos companheiros de jornada, Gabriel Novis Neves e Atílio Ourives. Na reflexão de Prof. Dorileo:

A Universidade de Mato Grosso, após a sua primeira fase de consagrado mutirão para implantar-se, deve assumir decisivamente o pensar para fazer – o evoluir com o “perquirire” – a pesquisa fundamental, com o trabalho teórico e experimental para a aquisição de uma nova compreensão dos fenômenos e fatos observáveis e a pesquisa aplicada, com a investigação original em adquirir novos conhecimentos, primordialmente dirigida para um fim, ou objetivo prático específico.⁷

Prof. Dorileo nasceu em Cuiabá, no dia 10 de dezembro de 1934, coincidência ou ironia do destino, no mesmo dia e mês em que a Universidade Federal de Mato Grosso veio a ser criada, em 1970, e dia que os Direitos Humanos são comemorados no mundo. Casou-se com a Cuiabana e Profa. Marlene Garcia Dorileo, em 10 de dezembro de 1957, e teve três filhos, Izis Dorileo, Marlene Aparecida Dorileo de Castro e Ivo Leandro Dorileo, netos, genros e nora. Devido sua marcante produção cultural e intelectual foi recebido com festa na Academia Mato-Grossense de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso para membro efetivo. Nessas duas importantes agremiações esmerou-se nos trabalhos, conduziu projetos, participou de atividades e contribuiu com ideias.

Um integrante da oca a sair de cena antes da Universidade da Selva

6 Benedito Pedro Dorileo. *Universidade O Fazimento*. Cuiabá: Edições UFMT, 1977, p.14.

7 *Pensar para Fazer*. Coletânea de Discursos. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1984, p. 85.

chegar aos cinquenta anos: Prof. Dorileo. Maestro na arte de registrar os feitos das muitas mãos visíveis e invisíveis de Mato Grosso. Embora a oca do Parque Aquático tivesse vindo abaixo um pouco antes, a oca sonhada na “Sala do Parto”, esta, atravessará os séculos, porque, como disse Pedro Pedrossian, Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Mato Grosso, no dia 10 de dezembro de 2010, quando a instituição completou 40 anos, em fala, que encontra-se guardada nos anais da instituição, “*A UNIVERSIDADE FEDERAL foi o marco zero e DECISIVO para as mudanças que nunca mais deixaram de acontecer, até colocar este gigante em pés de igualdades em relação a todos os demais Estados brasileiros.*”

“Somos eminentemente amazônicos”, nunca nos esqueceremos desse evocativo de Prof. Dorileo, lembrando igualmente que todos os dias nascem milhares de crianças em Mato Grosso, e que estas, através da educação, são as continuadoras da tessitura da rede UNIVERSIDADE em infinito processo de construção.

A imortalidade-mortal de Prof. Dorileo garante vida longa para a escrita da história do ensino superior na região. Das memórias registradas muita produção acadêmica está ainda para ser escrita, e os historiadores têm assegurado uma infinidade de temas de pesquisas. Que surjam mais árvores em Mato Grosso como Prof. Dorileo! Uma árvore cuiabana de raiz da Amazônia Mato-Grossense!

À família Dorileo os cumprimentos e a certeza de que a educação superior em Mato Grosso deve muito ao empenho e à dedicação de Prof. Dorileo, e também ao apoio da Profa. Marlene Garcia Dorileo, do filho, das filhas e netos, artesãos aprendizes do mestre propagador desse grande ideal.

Prof. Benedito Pedro Dorileo para sempre presente na Literatura, no Direito, no Hospital Júlio Müller, na Música, no Esporte, na Imprensa, na Universidade Federal de Mato Grosso. E, também na Academia Mato-Grossense de Letras, no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Na memória e história de Cuiabá considero Prof. Dorileo um dos nossos três ouros da história do ensino superior em Mato Grosso!

BENEDITO PEDRO DORILEO E SUA ESTREITA SINTONIA COM A EDUCAÇÃO

Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

Quando o Acadêmico Benedito Pedro Dorileo adentrou à Academia Mato-Grossense de Letras, aos 8 de dezembro de 1987, já maduro e gozando de elevado reconhecimento, foi recepcionado pelo Acadêmico também homenageado por este periódico, pelo seu centenário, João Antonio Neto.

Ao iniciar seu discurso de posse, Dorileo buscou suas raízes existenciais em sua terra natal, Cuiabá, lembrando sua infância:

O menino de calças curtas está sozinho na calçada, que tem pouca sombra no início da tarde, enquanto a guriçada não se reúne. O seu olhar, terno e ao mesmo tempo tristonho, tinha, embora, os olhos buliçosos.

Infância plena de ingenuidade em cidadezinha serena e terra de respeito.

Logo mais, após cumprir as tarefas de Latim e decorar estrofes do Navio Negreiro, estava a meninada pronta para traquinagens. Apanhar mangas e jenipapos no grande quintal do Seminário era a alegria das tardes.

Mal chegava a noite e a algarra juvenil dominava a rua, iluminada de ponto a ponto, onde o clarão amarelo era uma proporção pobremente aumentada do facho que caía de uma lâmpada em poste muito alto.

Cantavam alegres as meninas, pulando e batendo palmas, enquanto à distância estavam, na esquina, grupos de meninos.

A taipa de barro socado do Seminário, revestida de são-caetano, em noite escura, parecia mais um pano de boca bordado de pequeninas safiras ou esmeraldas, tal o número de vaga-lumes, os magnífcentes besouros alados.

A fosforescência das interessantes criaturas atraía-nos para um espetáculo singular, que nenhum artifício humano substituiu o seu lugar em minha saudade: a virgindade da nossa alma aliada à natureza simples e esplendorosa.

São imagens da minha vida de menino, na outrora bucólica cidade verde de Cuiabá, no tempo primeiro da fantasia, que enfeitava ingenuamente o meu pensamento.

O trabalho e os estudos foram-lhe oportunizados desde cedo:

Na infância e na juventude o livro e a argamassa estiveram constantemente em minhas mãos, estudava e empilhava mosaicos na pequena fábrica de Pedro Gratidiano Dorileo, meu pai.

O Magistério, nobre profissão que exerceu por toda sua existência, teve início educando jovens e adultos durante o período noturno, atividade pouco usual naquela época, mas uma marca do valor que ele dava à Educação, único caminho para se vencer as dificuldades e melhor compreender o viver:

Na Avenida Dom Aquino, ou Rua Nova, teve início o meu magistério. Ainda adolescente, reunia crianças e adultos para as aulas de alfabetização, à noite, com luz elétrica ou luz de lampião. Sentados na cadeira ou no chão, eu brincava de ensinar e houve surpresa quando percebera o resultado satisfatório.

Mais tarde, lecionou em diversas outras Instituições, todas em Cuiabá, do ensino primário ao universitário, um percurso invejável e que lhe oportunizou conviver com estudantes de diversos níveis sociais e culturais:

Moço, eis-me feito instrutor do Centro de Instrução Militar, Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Estado, como seu oficial. Depois, professor do Liceu Salesiano São Gonçalo, quando, em 1960, já conquistava aprovação perante a CADES—Ministério da Educação e Cultura para lecionar Língua Portuguesa, em provas ministradas pelos mestres do Colégio Dom Pedro II, do Rio de Janeiro. Ou professor da Escola Técnica Federal, com admissão mediante concurso público, ou no Ginásio Dom Aquino, até atingir o Instituto de Ciências e Letras, em nível superior, em 1968, onde desempenhei os cargos de Chefe do Departamento de Letras e Presidente da Instituição.

Formou, ao lado de Gabriel Novis Neves e Atílio Ourives, a trilogia responsável pela criação, implantação e sustentação da Universidade Federal de Mato Grosso, onde chegou a Reitor, o primeiro eleito pela comunidade universitária. Na recepção de João Antônio Neto ao Acadêmico Dorileo, disse ele com relação a este momento histórico:

A Universidade foi uma gigantesca improvisação racional! Vejam bem: Racional. Sabia-se que era assim, e queria-se que assim fosse e, dessa forma, concebia-se tudo, dentro do plano próprio, somando parcelas,

conjugando encaixes e modelos, para se formar uma fisionomia definida e embutir-se ali uma alma adequada à conveniência dos objetivos e segurança das determinações assumidas.

Quando Dorileo fala que o desígnio histórico não permitiria o luxo do planejamento empapelado, encadernado, pintado, lubrificado – pinta bem o quadro dos empreendimentos iniciais. Realmente, Fazer foi a decisão.

Tem-se, ainda, obrigatoriamente, que contar essa história de desafios e petulâncias. Dorileo já o delineou no seu livro Universidade – o Fazejamento – mas, a meu juízo, o fez, muito impessoalmente, como o engenheiro que mede ângulos, mistura argamassa, ajunta coordenadas, e configura regras secas e sumaríssimas. (ANTONIO NETO, João. Discurso de recepção a Benedito Pedro Dorileo na AML).

Reconhecido por todos pela sua expressiva contribuição no âmbito da Educação, seu nome está gravado para sempre na História da Educação de Mato Grosso. Sentimos orgulho de ter podido com ele conviver e muito aprender, lamentando não ter conseguido desfrutar ainda mais do seu imenso e sólido saber.

O MAGNÍFICO, “CÍCERO CUIABANO”

Ubiratã Nascentes Alves (Cadeira 1)



Prof. Benedito Pedro Dorileo discursando – Acervo da Família.

Registrar a memória de um obstinado titã educador ainda caracterizado por sua hábil oratória, além de outras exímias qualidades, não se trata de uma tarefa fácil, mas torna-se bem agradável o registro desta saga, quando se trata de um amigo, cujos laços retroagem gerações de nossas famílias; será tão somente um prazer e justiça.

O menino Benedito Pedro Dorileo brotou do amor entre o Sr. Pedro Gratidiano Dorileo e a Sra. Joaquina Maria de Almeida, no dia 10 de dezembro 1934 em Cuiabá, iniciando a profícua jornada de sua vida. Inicia os estudos primários na Escola Modelo Barão de Melgaço aos 8 anos de idade; posteriormente o ginásio no Colégio Salesiano São Gonçalo, habitualmente vindo a se destacar como um estudante exemplar. Estas circunstâncias pessoais findam por guindá-lo desde cedo, ainda adolescente, ao manifestarem os naturais pendores para a cátedra... Assim ele reunia um público independente dos metais, entre crianças e adultos com o fito de alfabetizá-los durante a noite, com a fraca luz elétrica de antão e até mesmo no precário lume da lamparina. Nosso grumete educador

seguia resoluto nesses misteres no antigo bairro Várzea Ana Poupino, atual Dom Aquino, participando como voluntário no ensino das letras, desta feita para remanescentes escravos libertos e dos seus filhos, firmando-se esta tendência inata.

Focado na formação, seguiu para a São Paulo, e nessa urbe veio a cursar o científico no Colégio Adventista Brasileiro, estudando apenas os 2 iniciais anos, sendo compelido a voltar à Cuiabá para atender seu genitor que apresenta sérias questões de saúde. Perdendo a figura paterna, aumenta sua responsabilidade no lar, ingressa como aspirante em 1955 por concurso na Polícia Militar e obtém um destacado 1º lugar no curso de cadetes, onde granjeou respeito e admiração dos colegas e até mesmo dos oficiais superiores. Inicia notável fase na atividade do magistério ao lecionar língua portuguesa no Colégio Salesiano São Gonçalo, Escola Técnica Federal de Mato Grosso, ambas mediante concurso público, ainda no sacro Colégio Dom Aquino. Logo galga outro degrau no magistério, desta feita marcial, ao tornar-se instrutor do Curso de Formação de Oficiais, quando ainda 1º Tenente da gloriosa corporação. A carreira militar segue auspiciosa; exerceu o cargo de secretário do Comando Geral, incluso secretário adjunto de vários oficiais mais graduados como Cel. Luiz de Carvalho, Cel. Goldenberg e Cel. Sá Corrêa, além de exercer também outras funções de confiança conforme os interesses da caserna lhe determinavam.

Estando na plenitude, inicia nova etapa na vida ao noivar em data especial, pois aniversário de sua mui amada em 15 de junho de 1956, vindo a contrair núpcias com Marlene Cuiabano Garcia, em 10 de dezembro 1957, agora seu natalício. Esta feliz união gerou augusta prole: Izis Maria Dorileo, Ivo Leandro Dorileo e Marlene Aparecida Dorileo. O matrimônio com a Sra. Marlene Garcia Dorileo perdurou 62 anos; tempos felizes onde partilharam provação e glórias em harmonia até o fim de seus dias.

Em seguida ingressa na Faculdade de Direito de Mato Grosso, este um fator fundamental em sua existência, que caracterizou um legítimo divisor de águas, vindo a colar grau em 19 de dezembro 1962 - estava apto agora a iniciar a pitoresca ascensão na vida, pessoal e funcional, de início foi escolhido para ser orador da turma. Ainda nesse ano, foi paraninfo dos ginásianos do Liceu São Gonçalo, também eleito pelo PSD vereador de Cuiabá. Neste cargo naturalmente se destacou e foi a Secretário e Presidente da Câmara e também Presidente do seu Partido. Assim a política assinalou sua fluente oratória, um operante professor do vernáculo à semelhança do grande Cícero, Marco Túlio Cícero 106 – 43

a.C., advogado, político, escritor, filósofo, e o maior orador em prosa da Roma Antiga. Foi uma meteórica ascensão desde logo na primeira vez eleito, assumindo a chefia do Poder Legislativo Municipal. Nunca mais voltou a postular cargo político algum, remanesceu esta, como a única experiência encetada em sua vida.

Prestou compromisso em 29 de janeiro de 1963, perante a Ordem dos Advogados do Brasil, Conselho Seccional de Mato Grosso, em Cuiabá, estado ainda indiviso, obtendo a sua inscrição na OAB de nº 378. Agora, por fim advogado, obtém no ano de 1966 uma dupla consagradora vitória, ao ser aprovado em 1º lugar e 3º, respectivamente, em concursos públicos para ingresso na Defensoria Pública e também no Ministério Público do Estado. O escritório inicia em sala na própria casa do mestre; melhorando a situação, alugam espaço na Travessa João Dias 230, nesta partilhando a nobre companhia do futuro presidente do Tribunal de Justiça e TRE, Des. Benedito Pereira do Nascimento. No exercício da carreira, atingiu por promoção o cargo de Procurador de Justiça; foi membro fundador do Conselho Superior do Ministério Público; associado fundador da AMMP - Associação Mato-Grossense do Ministério Público em 1967, onde foi o primeiro secretário, com sede funcionando de início, em seu gabinete particular juntamente com outros colegas.

Foi impulsionado pelo governador Pedro Pedrossian a implantar a Defensoria Pública em Cuiabá e mais 3 Comarcas, inclusive acumulando processos de natureza cíveis e penais, naturalmente incluído o Tribunal do Júri. Destacou-se nas marcantes elocuições que caracterizaram em definitivo o seu epíteto “Cícero Cuiabano”. Oportuno registrar haver arcado com a instalação da Instituição em seu escritório particular, assumindo as despesas de aluguel, servidor, energia elétrica e ainda todo material de expediente, sem nunca reivindicar e nem haver o ressarcimento do poder público.

Retornando aos trabalhos da cátedra, temos a registrar que no ano de 1968 torna-se professor-fundador do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, em nível superior, onde foi Chefe do Departamento de Letras. Demonstrando de forma inequívoca sua liderança e capacidade, logo depois, em 1970, foi democraticamente eleito presidente de honra da Associação Mato-Grossense de Professores do Estado - agora iria alçar voos ainda mais altos.

Colaborou diretamente na realização do velho sonho de Mato Grosso de obter uma universidade federal, proposta inicial do en-

ção Deputado Federal Garcia Neto, no ano 1967. Ele integrou desde 1970, o quadro de professores fundadores da Universidade Federal de Mato Grosso, lecionando as disciplinas: Língua Portuguesa e Direito de Família. Oportuno salientar que o professor Dorileo, especialista em Direito Educacional, foi o redator principal de todos os feitos da implantação da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, até mesmo o ato de criação, em 10 de dezembro 1970, vez que a própria vida e a UFMT se fundem, pois a data de criação é seu natalício!

Outras participações em sua jornada merecem registro, vez que referendam sua capacidade, assim como no Instituto de Previdência de Mato Grosso – IPEMAT, onde foi membro Presidente do Conselho Fiscal 1970/72. Na Fundação Cultural de Mato Grosso, era membro do Conselho Deliberativo, tendo exercido a função por três mandatos entre 1980 e 1985. Na Universidade Estadual de Mato Grosso, em Campo Grande – enquanto Estado indiviso, foi membro do Conselho Universitário 1970/71. Perante a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra - ADESG, realizou um curso sobre Segurança e Desenvolvimento, no ano de 1975, tendo sido o relator – expositor do Grupo de Trabalho. Na Justiça Desportiva de Mato Grosso, desempenhou as funções de Juiz do Tribunal respectivo ao período 1968/69. Ainda, membro titular do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, depois membro honorário permanente. Reitor honorário do Fórum Nacional de Reitores – FONAREH. Foi presidente de Honra da Associação dos Professores primários em 1971. Por fim, da Sociedade dos Amigos do Marechal Rondon, sócio efetivo admitido em 1965.

Desempenhou na imprensa jornalística de Mato Grosso efetivas contribuições desde 1960, quando era ainda estudante, operando como redator do jornal *Tribuna Acadêmica*. Depois escreveu em diversos jornais, iniciando no *A Cruz*, onde redigia uma coluna permanente; no *Social Democrata* foi Diretor-Secretário. Articulista e colaborador nos jornais *Folha Mato-Grossense*, *O Estado de Mato Grosso*, *Tribuna Liberal*, *Folha do Estado*, *Diário de Cuiabá* e, por ultimo, em *A Gazeta*. Participou ainda de grupos de programas acadêmicos em algumas rádios a saber: *Bom Jesus de Cuiabá*, *Rádio A Voz d'Oeste* e *Rádio Cultura*, e nos primórdios da *TV Centro-América*, participou do programa Galeria de Vultos Ilustres.

Partícipe abnegado da cultura, foi associado efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, desde 1976; imortal da Acade-

mia Mato-Grossense de Letras, em 1987 - cadeira nº 26, cujo Patrono é Joaquim D. Murtinho; membro da Academia Paulistana da História, mas filiado também à Ordem Nacional dos Bandeirantes. Concessões honoríficas: Títulos, comendas e medalhas, agraciado Comendador na Ordem do Mérito de Mato Grosso.

Suas obras literárias foram difundidas nas revistas da Universidade Federal de Mato Grosso, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras; outras, através de jornais e periódicos. Publicou os livros: *Miçanga* - 1971, *Egéria Cuiabana* - 1976, a divina esposa e conselheira de Numa Pompílio 2º Rei de Roma, *Universidade, o Fazejamento* - 1978, *Pensar para fazer* - 1984, *Centenário da Egéria cuiabana* - 1995, *Nomeação de reitor* - 1996, *Cholo* - 2003, *Ensino Superior em Mato Grosso* - 2005, *Zulmira Canavarros, a Egéria cuiabana* - 2016. Perfazendo 10 obras publicadas, por fim trouxe a lume 'Folhas Evocativas' em 2019, contendo 528 páginas, publicado pela Editora Entrelinhas, que retrata em 160 textos a nossa Cidade Verde através de vários temas como língua portuguesa e civismo, educação, literatura, história, direito e justiça, política, religião e crônicas diversas. É homenagem aos 300 anos; a capa do livro foi ilustrada pelo arquiteto Moacyr Freitas. Sobre este seu derradeiro livro, assim classifica-o: “Esta obra não é uma grinalda de flores escolhidas, coexistem crônicas e artigos variegados. Pode, entretanto, trazer liame de abordagem para assuntos referentes à eterna Capital mato-grossense, a Cidade Verde de Dom Aquino Corrêa – a Cuiabá dos 300 anos, em 2019, esta a minha terra natal. O incentivo de pessoas amigas e leitores novos resultou em compendiar uns textos editados nos últimos tempos, não acolhidos outros anteriores e os da minha iniciação. É mais coletânea do que florilégio, mais seleta do que antologia – de maneira muito simples. Assim, em ligeiro esforço, tentando afivelar resultados complexos de combinações, sobressai esta oferta despreziosa para leitura crítica de quantos tolerarem prender a atenção a assuntos havidos?”. O seu livro *Ensino Superior em Mato Grosso*, lançado pela Editora Komedi – Campinas, SP - 2005 – recebeu o Prêmio Clío da Academia Paulistana da História, em sessão plenária de 11 de outubro 2006, em São Paulo, capital. A publicação *Folhas Evocativas*, seu derradeiro título, dentre milhares de outros concorrentes no país, foi escolhido para compor o acervo da Biblioteca Mário de Andrade em São Paulo, obtendo assim reconhecimento a nível nacional.

Republicou, *Egéria Cuiabana* – 2ª Ed. ampliada, *Miçanga* – 2ª Ed., *Ensino Superior em Mato Grosso*, 2º volume. Recolhido ao lar usufruindo de uma

pacífica aposentadoria, o mestre tinha mesmo planos de publicar outras obras, por exemplo, sobre os atos legais, administrativos e técnicos que deram origem à UFMT - inclusive possuía os rascunhos, interrompidos com a partida.

Retornemos à vida academicista. Percebe-se a fusão do Homem incansável e a nobre Instituição. Em síntese, vemos que estruturou por delegação e compôs de início o Conselho Diretor, na condição de seu vice-presidente 1971/82, depois como presidente 1982/84. Vice-reitor acadêmico 1972/78, vice-reitor 1978/82 e Reitor 1982/84, foi o primeiro reitor eleito diretamente pela comunidade universitária, integrada pelos docentes, estudantes e corpo técnico e administrativo, na primeira eleição direta havida no meio universitário do país. Atingindo por justiça o ápice da carreira professoral como Magnífico Reitor, podendo concretizar as antigas aspirações.

Historicizando sua jornada *interna corporis* até o topo, são muitas pastas com manuscritos de estatutos, resoluções, portarias e projetos, minutados do próprio punho. Relator de todos os atos, hoje já digitalizados.

- I. Em janeiro de 1971, um mês após a Lei n. 5.647 - 10 de dezembro 1970, que originou a UFMT, apresentou, através de redação própria, como presidente do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, à Diretoria de Ensino Superior do MEC, ainda no Rio de Janeiro, projetos do Estatuto da Fundação - personalidade jurídica, e do Estatuto da Universidade propriamente dita. Foi relator no Conselho Federal de Educação, o Conselheiro Newton Sucupira, com quem Dorileo manteve intensos contatos de estudos. Após, com a Conselheira Esther de Figueiredo Ferraz, que, na década de 1980, assumiu o Ministério da Educação. Sendo aprovados – Decreto n. 69.370 de 18 de outubro de 1971.
- II. No Conselho Diretor, desde o funcionamento inicial, como seu conselheiro e vice-presidente, propôs, em 1971, os projetos de estrutura e organização da UFMT, em sendo relator, de acordo com a Lei n. 5.540 de 28 de novembro de 1968 versando sobre a reforma universitária, com aprovação nesse Colegiado e depois confirmação pelo MEC.
- III. Com base no Estatuto da UFMT dirigiu o levantamento patrimonial, nos termos da lei de sua criação, redigiu em equipe

todos os atos de Constituição do Patrimônio, bens do ICLC e da Faculdade Federal de Direito, nos Cartórios do 2º Ofício e do 1º Ofício da capital do Estado. Consta inclusive do seu livro *Universidade, o Fazejamento*.

- IV. Organizou Grupos de Estudos, participando da redação dos atos organizacionais do Primeiro Ciclo de Estudos, envolvendo todos os cursos de graduação da UFMT. Também dirigiu a implantação dos Centros Universitários, Departamentos, Órgãos Colegiados e a Coordenação do Primeiro Ciclo – como relata o seu livro *Ensino Superior em Mato Grosso*. Editora Komedi, Campinas – SP, 2005. Coordenou a implantação de todos os colegiados superiores.
- V. Vice-Reitor Acadêmico, assumiu, no cargo a coordenação dos trabalhos de reconhecimento de todos os cursos de graduação do antigo Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, nos primeiros anos da década de 1970, adequando-os perante o Conselho Federal de Educação, com o fim de comporem regularmente a organização da Universidade; bem como possibilitar legalmente a expedição de diploma segundo as exigências legais e respectivo histórico escolar.
- VI. Redigiu ato e promoveu a instalação do Diretório Universitário da UFMT, UNE e DCE's, no país na década de 1970, quando tiveram intervenção federal, que supriu os anseios estudantis, fazendo constar do Estatuto da UFMT.
- VII. Fundadores - Redigiu proposta para considerar os professores da Faculdade Federal de Direito e do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá como Fundadores e Titulares, desde que estivessem no exercício regular do magistério na data de criação da UFMT. Houve aprovação no Conselho Diretor - Resolução n. CD 06/72 e no Conselho Federal de Educação, com o referendo do MEC e posto em vigor, através dos decretos da Presidência da República, datados de 18.10.1971 e 19.03.1974, os quais deram legalidade aos Estatutos da Fundação e da Universidade propriamente.
- VIII. Orquestra Sinfônica e Coral Universitário – Assumiu suas organizações, mediante delegação de competência e com assessoria, redigindo todos os atos destinados à criação e fun-

cionamento da Banda Sinfônica, depois Orquestra Sinfônica Universitária, a primeira Sinfônica do Estado, vinculando-a à Administração Superior. Definiu ainda, com assessoria, a estrutura do Coral Universitário, também pioneiro, redigiu sem exceção os atos pertinentes da fundação. Resolução do Conselho Diretor CD 57/79 e Resolução CD 51/80 para a OSU, e para o Coral – Portaria GR 123/80.

A Sinfônica Universitária iniciou os passos em 1974, como visto, cujas raízes brotaram na banda sinfônica, com música erudita, em 1979, organizada sob direção do maestro fundador, Konrad Wimmer, secundado por Domingos Vieira de Assunção. Nasceu o Coral, em 29 de abril de 1980, visando à construção de um veículo de cultura musical do mais alto valor artístico, integrando a escola e coletividade. Tempo de inigualável inventividade, nas décadas de 1970 e 1980 foram criados: editora, cineclubes, núcleo de documentação e informação histórica regional, museus, biblioteca, audiovisual, departamento de artes, esportes e ainda um amplo teatro.

- IX. REITOR – Em 12 de fevereiro de 1982, no cargo de vice-reitor, cumprindo mandato, assume o cargo de reitor, dada a renúncia do primeiro reitor: completou o mandato, em seguida convoca a sucessão na reitoria da universidade.
- X. Em 1982, como o primeiro reitor eleito diretamente pela comunidade universitária: professor, técnico e estudante, em 19 de outubro de 1982, concorreu com dois outros professores, participando tão somente de debates, sem investida em campanha eleitoral, obtendo uma retumbante consagração pelos longos anos dedicados à educação.
- XI. Segue a nomeação pelo governo federal para reitor da UFMT; porém, sob a vigência da Lei n. 6.733, de 4 de dezembro de 1979, um dos piores casuísmos, que passou a cercar a organização da lista de candidatos, e obrigava a nomeação em comissão sem mandato, em Instituições fundacionais. A UFMT, organizada sob a forma de personalidade jurídica de fundação, foi apanhada para ter o dirigente nomeado em comissão (livro Ensino Superior em Mato Grosso, páginas 299 e seguintes). Esta lei foi revogada em 19 de dezembro de 1983, através da Lei n. 7.177. Ainda que eleito pela co-

munidade universitária e nomeado pelo governo federal em 17 de novembro de 1982, com posse em 6 de dezembro desse ano no MEC/Brasília. Permaneceu merecidamente no cargo maior da Universidade, onde conforme o tratamento adequado é Magnífico Reitor, com todo um rol de serviços prestados até o ano de 1984.

Existe ainda outra faceta humana do nosso obstinado educador, o Magnífico *Cícero Cuiabano* que também era musicista de primeira linha, manejava com a peculiar inteligência e maestria, o famoso cavaquinho. Dizem até que através de serestas logrou tocar o coração daquela que foi seu eterno amor e com esta gerou família. Fica uma dica aos casamenteiros de plantão: vamos nos aperfeiçoar desde logo, nesse choroso instrumento de cordas. Formavam até um grupo junto aos amigos mais chegados, dentre outros vários como Antônio Aires, o popular Tuta, Turene e os irmãos Ronaldo e Luiz Bouret, que faziam as suas habituais tertúlias musicais no antigo Beco do Urubu.

Infelizmente, como, mesmo, toda boa história chega ao final, o abnegado paladino da educação, sentindo o peso dos anos, apesar de lutar bravamente contra a impiedosa doença maligna e receber no lar o tratamento adequado, partiu à outra dimensão, deixou apenas o vazio para a família e tantos a quem cedeu a luz do conhecimento. Foi num tristonho 12 de dezembro 2019, uma tarde de quinta-feira, aos 85 anos, quando o silêncio se fez presente, justamente 2 dias após o aniversário comum, seu e da universidade que tanto amou e colaborou em sua fundação; seu concorrido velório foi realizado na Capela Jardins, e repousa *ad infinitum* no sepulcro da família no, Piedade!

DORILEO: UM PERSONAGEM DA CULTURA CUIABANA

Carlos Gomes de Carvalho¹ (Cadeira 40)

Uma de suas características marcantes era certamente a finura no trato, a gentileza e a cordialidade. Poucos, como ele, lembravam na atualidade aquelas figuras cavalheirescas de uma Cuiabá de antanho, sobre as quais falam em suas crônicas um Cesário Neto ou uma Dunga Rodrigues. Fala fluída e permeada de humor, quase sempre marcada por fina ironia, não se furtava a uma boa conversa. Não por menos era extremado amante de sua terra natal. Com ele convivi por perto de trinta anos em nossas reuniões da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico, aos quais deu forte contribuição.

Benedito Pedro Dorileo, ou simplesmente, como preferia, Professor Dorileo, nos deixou neste início de tarde do dia 12, mal completara o seu 85º natalício, mas já combalido por terrível enfermidade. Nascido em 10 de dezembro de 1934, era filho de Pedro Gratidiano Dorileo e de Joaquina Maria de Almeida, com ele parte, um pouco da história cultural e educacional cuiabana e mato-grossense.

Dorileo, embora tenha namorado a política, tendo sido Vereador em Cuiabá nos anos de 1960 pelo antigo PSD, no entanto foi no campo do magistério que ele dedicou a existência e deu sua contribuição mais significativa. Apaixonado pela educação e apreciador do idioma pátrio, ainda muito jovem lecionou Língua Portuguesa no Colégio Salesiano São Gonçalo, no Ginásio Dom Aquino e na Escola Técnica Federal. Em 1968 foi um dos fundadores do Instituto de Ciências e Letras de Cuiabá, gênese da futura Universidade Federal, tendo sido o primeiro Chefe do Departamento de Letras e Presidente do Conselho Administrativo. Posteriormente, enfileirou-se entre os fundadores da Universidade Federal de Mato Grosso da qual se tornaria, anos depois, Reitor no biênio 1982 – 1984, sendo o primeiro a ser escolhido por eleição da comunidade universitária.

¹ Carlos Gomes de Carvalho é membro do IHGMT, dentre outros, do Instituto dos Advogados Brasileiros (RJ) e da Academia Mato-Grossense de Letras, da qual foi Presidente por três gestões.

Entrementes, como diplomado em Direito, Pedro Dorileo demonstraria a inequívoca vocação pela área pública. Submete-se a concurso para o Ministério Público do Estado e escolhe a atividade na Defensoria Pública. Aposentar-se-ia como Procurador de Justiça. Foi um dos fundadores, e o primeiro Secretário, da Associação Matogrossense do Ministério Público. Curiosamente, nos primeiros anos a sede da AMMP funcionou no seu escritório particular, praticamente sendo mantida às suas expensas.

Aplicado, dedicado, querido pela comunidade acadêmica, o Professor Dorileo seria paraninfo de várias turmas de formandos, receberia comendas e títulos universitários e exerceria diferentes cargos e funções honoríficas. Membro do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, Reitor honorário do Fórum Nacional de ex-reitores, presidente de honra da Associação Matogrossense de Professores do Estado. A partir do final da década de 1950, quando foi redator do jornal *O Social Democrata*, portavoz do partido político ao qual era filiado, prestaria extensa colaboração na imprensa mato-grossense. Publicou os seguintes livros: *Miçanga* (1971), *Egéria Cuiabana* (1976), *Universidade, o Fazejamento* (1978), *Pensar para fazer* (1984), *Centenário da Egéria Cuiabana* (1995), *Nomeação de Reitor* (1996), *Cholo* (2003), *Ensino Superior em Mato Grosso* (2006), *Zulmira Canavarros, a Egéria Cuiabana* (2016) e, ainda este ano, embora já combatido, trouxe a lume *Folhas Evocativas*.

Neste seu canto de cisne, Dorileo reuniria, em 528 páginas, cerca de 160 textos, onde, escrevendo sobre história, literatura e memórias, mostra o seu acendrado amor a sua Cuiabá, sempre querida e reverenciada. Como ele mesmo diz, trata-se de “*abordagem para assuntos referentes à eterna Capital mato-grossense, a Cidade Verde de Dom Aquino Corrêa – a Cuiabá dos 300 anos, em 2019, minha terra natal*”. E, arrematando com modéstia e entusiasmo, diz ser esse livro: “*mais seleta do que antologia – de maneira muito simples. Assim, em ligeiro esforço, tentando afivelar resultados complexos de combinações, sobressai esta oferta despretensiosa*”.

O professor Benedito Pedro Dorileo, que teve na maior da parte de sua existência uma figura de excepcional presença na pessoa de sua esposa Dona Marlene, deixa um legado pessoal, cultural e profissional que honra a tradição da vetusta cuiabania, orgulha seus descendentes e estimula e entusiasma seus contemporâneos.

FAMÍLIA

HOMENAGEM À ACADÊMICA
MARÍLIA BEATRIZ DE
FIGUEIREDO LEITE



MARÍLIA – U.I E T.M.

Moema Figueiredo Leite



Jovem Marília em sua formatura
Acervo da Família

Sempre pensando na minha única irmã – U.I. – ou Marília para Andréa sua sobrinha e na T. M, para seus sobrinhos netos Hugo e Ana Clara, me vem a figura familiar daquela que tivemos sorte de participar da nossa intimidade.

Lembrar o aspecto cultural, artístico e literário vem depois. Por simples motivo: somos nós familiares dela. E, com certeza antes de tudo e todos, admiradores, fãs mesmo de carteirinha, da simpática e sedutora Marília.

Foi ela que desbravou novos caminhos. Foi marcante em sua arte e também na vida. Foi realizadora de movimentos antes nunca vistos por estas terras, especialmente na condição de mulher nos anos sessenta, muito importantes, pois de transformações para o universo feminino. Foi presente em várias e diferentes frentes de atuação ao labor feminino.

Formando-se em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, iniciou sua profissão ocupando-se da organização do Serviço Jurídico da Cruzada São Sebastião, obra social de Dom Helder Câmara, bispo católico, à época, e grande defensor dos Direitos Humanos e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil nos anos de 1966 ou 67, junto com suas amigas também recém-saídas da nossa Faculdade de Direito.

Aqui transcrevo a Dra. Lúcia Regina Clapp, uma dessas amigas: *“Marília e Dayse, todas nós jovens advogadas, resolvemos e precisávamos resolver um desafio para nós, pois as questões eram difíceis para nossa pouca experiência e quem veio nos dar as soluções? O Presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso dr.Gervásio Leite. Com o profundo conhecimento de Direito que o Dr. possuía, conseguimos formular novas teses para fundamentar nossas questões com os moradores da Cruzada. Em Juízo, o cartório nunca foi derrotado e nossas ações acho que foram discutidas pela CNBB pois, além da questão Cruzada, Monsenhor Castro Pinto nos solicitou soluções para outras ações que naquele momento sofriam a mão pesada da Ditadura Militar.”*

Para esclarecer: a Cruzada São Sebastião era um conjunto de prédios erguidos pela obra social de Dom Helder Câmara, auxiliado por católicos da sociedade carioca, no lugar de uma favela chamada “Praia do Pinto” onde aqueles moradores puderam adquirir seus apartamentos construídos de frente para a Lagoa Rodrigo de Freitas e outros de frente para o Jardim de Allah.

Desse contato nasceu um trabalho teatral idealizado por Marília sobre o qual falaremos em outro momento, visto ser muito gratificante essa ideia de construção de uma obra artística destinada aos mais carentes.

Marília, nascida no Rio de Janeiro, amava esta nossa terra. Assim, ao retornar para aqui trabalhar, é bom recordar o programa que criou e apresentou na Radio Cultura *“Falando de Cinema”*, onde fazia críticas aos filmes, coisa inédita, naquela época, aqui em Cuiabá.

Atuou também com brilho na área de Direito Penal, realizando júri e fazendo esplêndidas defesas que eu mesma pude presenciar. Que bom! Esse interesse pelo Direito Penal já se manifestava quando estudante de Direito, onde foi aluna do mestre Roberto Lyra, professor que causou

muita admiração em Marília e que acabou por leva-la a fazer um trabalho de pesquisa que tratava da influência do clima quente no aumento de crimes violentos, homicídios, que alcançou destaque à época.

Em Cuiabá, decidiu participar de um programa de TV “*Pote, Moringa e Panela de Barro*”, que pelo nome já diz se tratar de arte e cultura popular. Outro feito inédito, pois não recorro haver nada semelhante por aqui naquela época.

Depois, esse seu apreço pela cultura popular chegou à Comunidade São Gonçalo Beira Rio, lugar onde os artesãos trabalhavam produzindo peças de barro que, mostradas e divulgadas, alcançaram maior visibilidade e valorização.

Mas, lembrando um pouco mais de seus “feitos”, Marília também atuou nas Artes Cênicas.

Montou o espetáculo “*A Palavra – O Homem e o Objeto*”, adaptação do poema de Affonso Romano de Sant’Anna. Encenou a peça “*Poluição Poluição Galáxia XIII*” cujo texto inclusive foi elaborado em conjunto com o grupo de teatro GT 1. Essa peça tinha como tema a questão ambiental vista por um ângulo futurista. Foi Ótimo! Marina Capilé e eu participamos, vivemos esse momento feliz!

Do teatro para o cinema. Seu conhecimento da arte cinematográfica levou nossa professora à Presidência do Conselho Consultivo do Cineclubes Coxiponés, realização também da Universidade Federal de Mato Grosso.

Marília sempre foi uma mulher que se manteve atual, porque buscava novos conhecimentos e se renovava continuamente. Jamais parou.

Fez vários cursos como o Curso de Cinema (MEC-RJ), Curso sobre Romances (Academia Brasileira de Letras); História da Arte (FAAP –SP). Em São Paulo aprimorou-se cursando o Mestrado em Comunicação e Semiótica (PUC-SP).

Foi professora de Direito na Universidade Federal de Mato Grosso e a primeira Coordenadora de Cultura da mesma instituição.

Foi a pessoa que viveu vibrando cultura. Apresentou várias performances, incluindo a criação do grupo “*Os Crônicos*”, que se apresentou em vários eventos culturais, acrescentando momentos felizes ao nosso convívio com Marília, o que aconteceu também na Comemoração do Centenário de Rubens de Mendonça, que terminou levando sua filha Adélia Maria às lágrimas pelo sucesso que resultou. Assim disse Adélia

Maria Badre Mendonça de Deus a propósito de Marília e sua generosidade: “*Não existe pessoa como Marília, não existe, não vai existir nunca*”.

Aqui terminando, quero citar mais algumas das suas realizações entre tantas que nos fez.

Bem, ela fez acontecer em 1980 no Colégio Estadual, quando ainda era Chefe do Departamento de Artes da UFMT sendo este fato depoimento de Clóvis Resende Matos, que trabalhou no evento com ela. Ainda segundo Clóvis, aconteceu também a Pesquisa Siriri-Cururu pela Funarte, através do Programa Bolsa Arte também com a UFMT.

Parece que foi em 2019, no Cine Teatro Cuiabá, que nossa querida Marília trouxe mais uma faceta gostosa de sua marcante personalidade artística, quando apresentou a música “*O Mar*”, poema de sua autoria com música de Ceci e arranjo de Sidney Duarte.

Para além de tudo isso, Marília foi a pessoa entusiasmada pela vida, pelo amor e produtora inesgotável de beleza e sensibilidade em seus poemas, em suas muitas realizações estéticas, como sua experiência na arte de colagem de papel, como veremos em suas próximas obras a serem lançadas.

Não posso deixar de dizer de seu trabalho permanente pela preservação da memória de nosso pai Gervásio Leite. Como foi emocionante o Centenário dele na Academia Mato-Grossense de Letras, onde reinou o amor e a dedicação total dessa maravilhosa única irmã. Foi fiel ao papai.

Marília serviu até o fim de sua vida à Cultura e à Arte.

VIVA MARÍLIA!

VIVA!

Em Cuiabá, 03 de novembro de 2020.

Hoje completa quatro meses que Marília partiu.

DADOS BIOGRÁFICOS E PITACOS POÉTICOS

Dados biográficos

Natural: Rio de Janeiro-RJ, nasceu no dia 3 de setembro de 1941, filha de Gervásio Leite e Nilce de Figueiredo Leite. Graduada em Direito pela Universidade do Estado da Guanabara, atual UERJ. Especialista em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (1976), Mestre em Comunicação e Semiótica, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorado não concluído, PUC-SP. Profissionalmente, é advogada, tendo atuado no Rio de Janeiro e em Mato Grosso. Professora Fundadora da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, atuando junto à Faculdade de Direito de Cuiabá. Coordenou inúmeros espetáculos culturais, teatrais e no campo das artes plásticas. Dirigiu e produziu peças teatrais. Chefe do Departamento de Artes/UFMT a partir de 1978, Presidente do Conselho Consultivo do Cineclube Coxiponés, 1980, Coordenadora de Cultura da UFMT, 1983, Diretora do Teatro Universitário/UFMT; Membro do Conselho Editorial da Revista da APG; 1992/1993; Nomeada Assessora da Reitoria /UFMT, 1995. Colaborou em diversos periódicos regionais. Membro efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras, Cadeira n. 2. Faleceu em Cuiabá, em 2020.

Pitacos poéticos e de prosa

Espaço

Maior que eu
é o espaço.
E cabe a dor por inteiro
mas, não me cabe.
O espaço maior que o Som
atravessa com abstratos e absurdos
passos humanos o próprio espaço.
O espaço é maior que o projeto
e não pode contê-lo.
No espaço de agora há outro espaço.

Sem título

Aperto a esperança
contra você, Cuiabá:
minha espera paciente
é gelada de sono
o que vejo são os restos
do progresso

solenidade da dor
silêncio ou grito;
solidão boquiaberta
dente puído
olho afogado

solenidade da dor
trégua ou conflito;
o último beijo
aceno abatido
amor derogado
hoje estou assim:
querendo chover

a cada manhã e, pelo amanhecer,
lavo o rosto meu das noites
bafejo um hálito de lua minguante
guardo as estrelas com cílios postiços
na mesma gaveta em que deixo o orvalho
vivo o dia sem adereços
café requentado em sol menino

nenhuma palavra a mais
por hoje, chega
ela não veio
ela não quer
ela recusa-se

não a force
não a viole
deixe assim:
quieta no canto,
boiando no ar

algum dia
ah, meu Deus, algum dia
montarei sem doma e sem sela
galopando a palavra, segura na crina

MB e EM

a sós
atados
nós
desatinados

os quadros não se despedem
a gente é que se despede deles
hoje sinto saudades
da paisagem de um rosto-cidade
que não guardei

por isso, deito devagar e quieta
nunca reparei:
o quadro me dando adeus

ouvi dizer que sua boca sonhou comigo
os ruídos dos pingos da chuva
invadiram o quarto de madrugada
a salvo da água e dos curiosos
dormiste boiando na cama molhada

celebro o papel crepom
brinco com a infância
pareço criança na densidade
e efervescência das cores
do papel no arabesco
das encantadas estórias
passeio os gestos e desejos
mas não sei seu nome
e você não sabe o meu

um grito adiado
ecoa nos cômodos de mim
gingando blues, solando jazz
outorgo procuração
a tenores e sopranos
da minha boca,

apenas o sorriso sambado
fere docemente
com seu modo-passado
inacabado

faz silêncio
para o amor
jazem empalhadas
nas estantes cultas
não diga nada
apenas sinta
a emoção inefável
que só sabemos
ser exatamente
um não-sei-o-quê

a memória
é mais fiel
que as estações

participar sem indagar
sombras que acompanham
escrevo para não falar
da capacidade íntima

escrevinhar
coisinhas nossas
que só façam sentido
a quem se sinta vivo

tudo para fingir
que é brincadeira
o que não é
como os dados de Mallarmé

forçar a memória
desfilar a vida em esperanças
o que é pertencimento?
cheganças e presenças
tudo ilusão

MB e EM

no chão de letras-vivas
vivemos de adubo fraco
duvido que venha uma flor
assim sem querer
e sem dor

no entorno do olho
meu corpo subverte:
desnudo o que vejo

11. Vivi em evento

Agora para liberar
Só quero vento
E nada de conceituar.
Pego cata-vento
Dando conta do intento
Faço um tento
Amor perfeito contento.

12. Sentir

Sem ti
Cem vezes
Curti
Partir
Voltar e chorar
Permitir?

13. De sen rola

Con so laaaa
Can tarolaaaa
E En rola
En quanto canto.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA PRESIDENTE
DA AML, MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO
LEITE, POR OCASIÃO DO LANÇAMENTO DA
TRILOGIA DE AUTORIA DO ACADÊMICO JOÃO
ANTONIO NETO
24/11/2015

A PROPÓSITO DE COISAS LINDAS E LETRAS
ENCANTADAS

Meu querido Professor, amigo e escritor/mágico João Antonio Neto.

A presente coleção é fundamento de uma das maiores alegrias minhas neste ano. Ter convivido com o senhor em minha casa, abrindo o meu coração, ampliando o meu horizonte enchendo de ruídos e conversas de letras, roçando entre uma palavra e outra para descobrir o quanto há de envolvente e sedutor em suas insinuações degustativas. Enquanto prestava atenção em que uma palavra apresentada COMO novidade à mesa, presentia o escrevente perpetrando a receita para saborear outro termo. Era um nunca acabar de sentir e querer afundar naquelas vasilhas, naquelas louças para que todas as maravilhosas iguarias, os deliciosos petiscos incorporassem e escavados em minha mente nunca mais de lá escapassem.

Mas, devo confessar que a minha humana imprecisão não deu conta de apreender todo o gosto, tudo de saboroso que há em João Antonio Neto. Notável é que meu pai Gervásio Leite já havia ensinado a admirar e sempre afirmava: “A lírica de João Antônio Neto é música para a VIDA.” Assim senhoras e senhores, meu querido JAN desejo que o nosso paladar saiba APRECIAR COMO É DEVIDO O SEU BANQUETE!

HOMENAGEM DOS ACADÊMICOS A MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE MARÍLIA BEATRIZ: TRAÇOS DE UMA POÉTICA

Lucinda Nogueira Persona⁸

Nossa existência é finita. Assistimos constantemente, não apenas a um simples perpassar de nuvens, mas a um devastador perpassar de vidas que se vão muitas vezes abrupta e silenciosamente sem dar tempo à despedida e nos deixando inconsoláveis, em demorado, senão interminável, assombro e comoção.

Ao mesmo tempo em que é doce ter na conta da vida que passa pessoas admiráveis e inesquecíveis, que na escrita viveram e fizeram reviver sonhos, traduziram inquietudes culturais e cantaram o mundo com refinado sentimento, como é o caso de Marília Beatriz de Figueiredo Leite, também será uma grande empreitada, esta, a que me arrogo com o fim de trazer sua voz, uma voz que em momento inaugural de sua trajetória literária sinaliza com poderosas imagens o confronto do ser com a ausência:

*Nós somos a cada despedida
plurais divididos em singulares...
nós somos a cada partida
mãos desintegrando-se em acenos...
Nós somos a cada ausência
pensamentos novos de presença...
Nós somos a cada volta
o barulho primeiro do amanhecer.*

(“De Voltas”, O mágico e o olho que vê)

Expandir este tributo à Marília Beatriz, significa recuar para algum ponto de referência que corresponda a um começo, a um espaço-tempo de confluência de nossas trajetórias, como se fora a foz de desembocadura de dois rios. E tal foz se configura no estimulante campus da UFMT. Foi

8 Professora, poeta, ocupa a Cadeira n. 4 da AML

na então jovem universidade, do que me parece tão distante século XX, em meados da década de setenta estendendo-se à década seguinte, que tive os primeiros vislumbres da jovem professora Marília Beatriz, em seu festivo dinamismo e fácil comunicabilidade, em sua atuação constante nas atividades acadêmicas e em sua presença cultural ativa. Foi um acompanhar de longe e casual, conforme acontece com os partícipes do tecido funcional de uma mesma instituição.

Mais tarde, em 1994, sob a premissa de que os livros nos concedem o privilégio de fazer amigos, foi que logrei conhecer de perto a poeta, quando a procurei para apreciação do meu primeiro livro de poesia e, ademais, levá-lo até Olga Savary, da qual era muito amiga e (desolador dizer) tendo ambas ainda como denominador comum e fatal o falecimento, em datas próximas, no contexto sombrio e impactante deste 2020.

Naquele momento da década de noventa e mais adiante, vida afora, foi fácil constatar que Marília Beatriz, além de nortear a caminhada de principiantes, compartilha generosamente seus conhecimentos, sua interioridade artística, sua visão estética.

Nascida a 3 de setembro de 1941, no Rio de Janeiro, portanto, às portas da primavera, Marília Beatriz trazia um sorriso primaveril, principalmente nos olhos. Viveu sempre abraçada às artes. Sua trajetória pode ser verificada em vários aspectos: o da advogada (formada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro; o da professora (uma das fundadoras da UFMT); o da Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP); o da teatróloga; o da acadêmica (ocupando a cadeira nº 2 da AML); o da mulher de ação social incansável; o da mulher das letras (escritora, poeta, crítica literária, ensaísta). É autora de sete livros, publicados entre 1982 e 2020, sendo seis de poesia e um de ensaio, na seguinte ordem: *O mágico e o olho que vê* (EdUFMT, 1982); *DE (SIGN) AÇÃO: Arquigrafia do prazer* (Annablume, 1993); *Viver de Véspera ou antes mesmo* (Carlini&Caniato Editorial, 2018); *Agudas ou Crônicas?* (Carlini&Caniato, 2019); *Corte de Vinho* (Carlini&Caniato Editorial, 2019); *Lugar do Desejo: confesso?* (Entrelinhas, 2020); *Tremor essencial* (Entrelinhas, 2020).

Retraçar o desenvolvimento dessa produção requer a lembrança de que em sua escrita, bem como em sua fala, sempre palpitou o pensamento de uma consciência livre e a sensibilidade de uma mulher enamorada das criações do espírito. Sua produção é fruto de uma mente lúcida, de um coração que se emociona com o mundo e que sabe despertar emoções,

tudo aliado a uma grande capacidade de análise e diagnóstico certo e ponderado.

É a partir das seis publicações poéticas de Marília Beatriz que promovo esta aventura de uma aproximação dos distantes (as almas) tendo como agente propiciador a palavra. Entrar na esfera das enunciações poéticas de Marília Beatriz, sondar seu trajeto, percorrer o espaço mágico de seu legado, talvez seja o modo transcendente de lhe dar o desejado abraço de despedida, impossibilitado pela sombria e trágica condição da pandemia de Covid-19.

Nesse intento, retomo o ano de 1982 em que Marília Beatriz publica seu livro de estreia *O Mágico e o Olho que vê* (EdUFMT), título que já acena para sua predileção estética em relação aos signos que conjugam razão e sensibilidade e que serão usados depois em toda a sua escritura. No poema inicial “Purificação da Espera”, a construção se desdobra até chegar ao verso:

*Porque a mágica não é do mágico é do
olho que vê*

e numa atmosfera tal que faz imaginar aí um outro verso oculto, subentendido, ou seja, a poesia não é do poeta, é do coração que sente. Chegando assim ao que se institui sobre o lugar da poesia.

Muito daquilo que marca a poética de Marília Beatriz no futuro, já está delineado nesse primeiro livro, como a incorporação de experiências comuns de vida transmutadas em régia memória, observável no poema “Intimidade da Gata”, no qual lemos:

*Ela me contava coisas
Com seu silêncio de prata...
Também recriava universos.
Com seu silêncio de nuvens.
Na faísca – fagulha: o olho.
Que supunha perenes surpresas.
Pelo seu silêncio felino
Compõe e resgata um silêncio dourado...
Na intimidade do pelo,
O tato procura o sonho.*

Em vista disso, percebe-se a poeta retirando da teia complexa das relações do ser com o mundo os instantes marcantes, as incertezas, as urgências diversas, os desejos, as enunciações soberanas como:

As pequeninas coisas me sabem

Ainda no objetivo de debulhar as sementes plantadas na terra fértil dessa poética inaugural, vale notar que Marília Beatriz ergue seu canto ora em torno da palavra:

*A palavra sem letra
é o grito*

ora vendo-se a si mesma na fusão intensa com o objeto da poesia, gerando um autorretrato de muita densidade no poema “Do não sou ao sou mais”:

*Não sou a forma da letra, a carta
ou o papel
sou a tinta com que me inscrevo
a mensagem que não me dou, a palavra
que não pressinto;*

Marília Beatriz prende-se a tudo que a rodeia, sabendo que o olho que vê, não vê tudo, sabendo que a poesia acontece como um exercício mágico da mente, uma evasão do universo comum e da linguagem comum para uma dimensão particular, em que as elaborações se ordenam artisticamente e de modo extraordinário para infinitas reverberações.

Após um interregno editorial em poesia, entretanto ocupado por outras atividades artístico-profissionais, porquanto se dedicava ao magistério, atividades administrativas na UFMT como Chefe do Departamento de Artes, Coordenadora de Cultura e Pró-reitora de Cultura, além da publicação de seu livro *DE (SIGN) AÇÃO: Arquigrafia do prazer* (1993), Marília Beatriz publica seu **segundo livro** de poemas *Viver de Véspera ou antes mesmo* (2018). Sua evolução poética é notada em alguns aspectos formais, principalmente a economia vocabular e a redução de tamanho dos poemas que se apresentam sem título. Na verdade, cada poema, sem vínculo aparente entre um e outro, inscreve-se na página como minúscula e misteriosa ilha cercada de branco por todos os lados. Tais pequenas ilhas, mais do que pelas palavras, são povoadas pela densa atmosfera do sentimento da finitude. Em linguagem forte e madura, o eu lírico se desenha nos versos com traços ora incisivos, ora leves, reproduzindo sonhos e fatos. Do posfácio de minha autoria, “Laços com o tempo/véspera”, transcrevo alguns fragmentos:

(...). Há uma voz que se eleva e fala da finitude com a viva chama da energia criativa. Um livro de profundas nascentes, acentuando a maturidade poética da autora e seus fortes laços

com o tempo/véspera que inquieta, estremece e mantém corpo e alma despertos. (...) Ao tratar da finitude, Marília Beatriz também pervaga por sombras vespertinas dizendo: “Muitas vezes surge a tristeza do envelhecer”, trazendo à baila o exato estágio/preâmbulo do fim. (...). Com imagens sugestivas, a autoridade/morte é chamada ao diálogo, é sacudida, é rodeada e borrifada por uma salva de palavras dançarinas. Esse enleio atua como um cântico ou verdadeiro ensalmo a partir da mente vigilante, receptiva e pacífica da autora. Mente clara que, ao fio das tramas semióticas proclama: “Olhar em direção ao fim / pode ser uma antropofagia erótica / seduzindo o trajeto sem meta”. Eis aqui uma vigorosa explicação para esse tempo que precede a chegada da fatal “indesejada das gentes”, conforme a nomeou Manuel Bandeira. Um tempo que ninguém pode calcular, mas que muitos sabem viver o máximo possível, como o faz Marília Beatriz com seus “textos boquiabertos” em sua liturgia poética, antropófaga de si mesma, para seduzir o leitor.

Com o título *Agudas ou Crônicas?* (2019), a poeta nos oferece o seu **terceiro livro** que, em termos formais, possui duas partes já enunciadas no provocativo título. Vemos aqui a voz penetrante, intensa, enigmática, quando exprime com plenitude suas experiências, suas nostálgicas reflexões e seus instantâneos da vida cotidiana, ao mesmo tempo, com distinto sabor afetoso, conectando-se com aqueles que a cercam ou vão cruzando seu destino. São versos que atendem aos imperativos de uma voz enérgica e vibrante.

Neste estágio, pela exatidão e beleza, faço a cópia textual de um fragmento do prefácio “De mar, ilha e enroscos” escrito por Cristina Campos:

(...). Ao contrário do que se pode imaginar, o título indagativo – *Agudas ou Crônicas?* – não propõe uma dúvida, mas provoca o leitor, ofertando-lhe possibilidades de escolha na ordenação da leitura, pela estrutura bipartida entre situações vivenciadas e um desfile alegórico de seres-personagens – protagonistas, coadjuvantes, irrelevantes (e até acessórios) – num palco imaginado. É uma escrita que pulsa, (im) pulsionada. Ao registrar as impressões que marcaram sua alma e seu corpo poético, a autora ressignifica-as, deixando ao leitor a árdua tarefa de decifrar a enigmática Esfinge.

O **quarto livro** de Marília Beatriz, *Corte de Vinho* (2019), é um livro-celebração. Um livro sonoro. Sua dominante é a efusão jubilosa do sujeito lírico que se posiciona estabelecendo um contraponto entre o corte de vinho e as sensações advindas de sua degustação. A poeta vale-se de todas as agitações da vida e do espírito, eterna faminta, escava e remexe a teia dos signos, vendo sempre mais do que habitualmente se vê e traçando círculos mágicos com sua atuação.

Os poemas se alteiam como taças límpidas, seja a partir do ritual que antecede a degustação (p. 23):

*Um golpe de magia
transporta com elegância
a bebida para o copo*

ou a partir da descarga de imagens-impressões que a degustação proporciona (p. 20):

*A taça é presença
recebendo o saber
com o sabor do vinho*

(p. 72):

*Há uma leveza na chegada do vinho.
O corte é tão amoroso
que penetra com vagar
no cristal que brilha.*

Brevíssimos poemas, dois em cada página, povoam o livro, neles não há títulos, não há sombras, apenas a poesia ganhando a delicadeza, a luz, os aromas e as cores do admirável binômio: vinho-vida.

A vida segue. Marília Beatriz, fervorosa, comovida, vital, e usando a palavra ao seu mágico capricho, escreve seu **quinto livro** *O lugar do desejo – confesso?* (2020), deixando entrever nesse novo título o seu pendur indagativo e confessional, além de explicitamente declarar o tema com o qual se envolve e desenvolve uma lírica intensa, dentro de estruturas leves e com ricas imagens. Esta é a poeta. Espírito inquieto, presença cultural ativa, espontânea, fazendo ver a quantos a cercam os momentos em que gera seus frutos. Vale referir que sempre me foi grato acompanhar suas manifestações noticiosas através das redes sociais ou diretamente em conversas telefônicas ou presenciais (nos encontros fortuitos ou marcados).

Em suma, *Lugar do Desejo – confesso?* Surge das indagações existenciais de um tempo germinal dos mais fecundos no protocolo poético de Marília

Beatriz, cuja escrita denota experiência e mergulho em si mesma. Com urgência e uma cota de finitude e solidão, percorre seu caminho afagando obsessões e considerando, a cada passo, o arsenal de desassossego. O verso: “*Discurso sujeito à fúria do desejo*” propõe pontualmente o que está implícito no todo, impulsionando as elaborações com peculiar energia de uma corrente elétrica unidirecional, na transversalidade das emoções. Os 167 poemas, ao ritmo das asas do desejo, decorrem como estruturas leves, abrindo, a partir de seu âmago, poderosas incitações. Marília Beatriz sabe que instituir o desejo como campo de batalha da palavra é almejar uma realidade secreta, inacessível, instável. Porém, sutilíssima, ela o faz com a sensualidade dos signos dos quais é exímia usuária, alcançando esplêndidas imagens que lhe conferem um posto distinto na lírica de todos os tempos.

O dia final nunca foi nem será conhecido, durante a vida, pela mente humana. Nos cinco anos que antecedem a sua partida, Marília Beatriz, movida por uma torrente, vai expandindo e construindo sua lírica. A escrita, intensificada pelos sonhos, nasce da fusão da realidade com a própria palavra. É assim que vem à luz *Tremor essencial* (2020), um construto singular, onde se divisa, ou melhor, onde se adivinha uma razão secreta, um movimento embutido, mas que em termos do real objeto de poesia pode passar inadvertido. *Tremor essencial* é o que ele é dentro da ciência em que habita.

Em muitas trajetórias artísticas existem experiências que são determinantes e nesse caso Marília Beatriz põe-se a serviço de um drama central, concentra-se em assunto seu. A poesia é sua resposta natural para a resposta de seu corpo a determinada e irrefreável instabilidade que a faz dizer num verso:

Amanbeci com algo

O histórico do dia a dia (dúvidas, humor, entusiasmos, desamparos, afazeres) vai adquirindo diversos tons nas mãos da poeta e mesmo que pinte forte determinada cor, logo será atravessada por leveza luminosa. Os 152 poemas, na sua brevidade e urdidura, produzem grande emoção estética. Há uma unidade em tudo, uma harmonia que enlaça título, dedicatória, epígrafe pontual de Machado de Assis, esplêndido prefácio de Ivens Cuiabano Scaff e o conteúdo dos tocantes poemas.

Chamado à fala, o anunciante lírico de *Tremor essencial*, de modo terno e veemente, com lucidez e desassombro, mobiliza forças íntimas e transforma uma fragilidade real numa visão original e cristalina, como

deve acontecer com toda poesia. No caminho desses versos, há algo que vai permanecendo como infinita e graciosa energia, essência do eu, seus matizes e insinuações mais profundas.

Num dos parágrafos iniciais deste escrito expressei o propósito de historiar/rastrear a produção poética de Marília Beatriz, como forma de abraçar sua essência jamais adormecida. E aqui chego, devotada, coração brilhando forte, feliz por ter tentado, sob o amparo da palavra, dar-lhe o desejado abraço de despedida. Dizer-lhe, “No Poema” de Sophia de Mello Breyner Andresen que:

*No poema ficou o fogo mais secreto
O intenso fogo devorador das coisas
Que esteve sempre longe e muito perto.*

MARÍLIA BEATRIZ EM ABSOLUTA SINESTESIA

Olga Maria Castrillon-Mendes

“O limite da asa é o voo
o voo é limite do infinito”

Falar de Marília Beatriz é recair em adjetivos. Então, prefiro o ser substantivo que é todinha essência, daquela fermentada como sumo de fruta. Substância decantada, sinestesia absoluta, olhar perscrutador, inquietude à frente do seu tempo, ganas de estar em todos os lugares, por entre gentes e palavras.

Tempo e espaço para Marília são de deslimites. Assim ela se me apresentou com *O mágico e o olbo que vê*, publicação de 1983, que já merece reedição, não só para marcar o lugar da sua perene memória, mas atingir leitores levados ao domínio do conjunto da obra. O que ela (a obra) diz do inebriado mundo de Marília? De que fermentação resulta seu labor com a palavra, macerada pelos sentidos e transformada em ébrios deleites do leitor? O que a magia da primeira criação revela e que se estilhaça nos textos posteriores? Muita poesia germinada da própria matéria humana. O centro gravitacional dos poemas são palavras aladas em rasantes pousos na memória leitora. É pela magia da palavra que a poeta promete o inusitado salto, mas é pelo olhar que as fendas deixam resvalar sentidos ocultos. Da incerteza da espera, ao limite da matéria; da densidade da matéria, à brevidade do sentir, do existir nas coisas, do espaço entre o grito e o eco, do porto-reposo à partida, da loucura ao passe e ao lance do sonho; do pensar do mundo ao prazer do viver; da felicidade inconsistente à fuga de si mesmo. O “corpo no voo” está para a “boca que se abre num suspiro” ao cantar que precede os silêncios. Entre idas e vindas, a “paragem é quase antes de partir e um pouco tempo depois de aportar” (p. 57). A poesia de Marília se coloca na própria dualidade humana. O que é, afinal, o ser? O que é a vida? O que dizer, o que calar? Assumir o risco ou sumir? Dividida e endividada? Qualquer que seja a opção, não se envergonhar, mas ser portador de mensagens, fazer do corpo a tessitura do verso, das coisas sedimentadas o plural dividido em singularidades,

pois “nós somos a cada ausência pensamentos novos de presença” ou o “barulho primeiro do amanhecer” (p. 79). Então estamos sempre às voltas e nos círculos do mundo.

O que vê o mágico olhar de Marília? Em que medida os questionamentos do primeiro livro se agudiza no segundo? *Agudas ou crônicas* são aprofundamentos do olhar?

Um mar de afetos cerceando ilha pessoal é uma das matérias-primas de que se compõem os versos de *Agudas ou crônicas* (Cuiabá, Carlini&Canaiato, 2019). Como parte desse universo, encontro-me entre envolventes palavras-sentimentos, feito ilha no mar de Marília, o que dá a dimensão da unidade esmaecida no infinito-plural dos sentimentos poéticos. Cada aguda sensação costura crônicas imagens que não suportam a força das marés e se liquefazem, tomam formas distintas, projetadas em sombras. Redesenham, assim, os contornos do livro.

O per-curso autoral vai de orelha a orelha (de popa a proa?!); passa pela quilha de arrebentação do prefácio e desemboca por entre as bordas ondulantes do prólogo. Desenha-se a nave que singra mares e/ou atraca em ilhas que não são portos, mas passagens. Palavras líquidas navegam, mas também ascendem. São da terra, do ar, das águas, serpenteando o mapa do coração (ou da ficção?). Por onde passam, palavras fazem marolas que encorpam águas outras, em movimentos com efeitos na poesia. O olhar leitor é convidado ao adentramento oceânico.

Os agudos versos da primeira parte passeiam pela nostalgia da partida, pois “ideias carregam ilusões”. Pelas incertezas do ser/estar: “Que coisa é essa? Em tempo marcado” (p. 13-15), ou pelos caminhos pensados e nem sempre enfrentados: “Deixar que o rio me *lave*”, pois há momentos de parada/maturação em que se vive, não o perene, mas o transitório do (tantas vezes) empedrado *templo* interior, ou do ser “livre da lua [...] no transitar da “chegança e presença”, apertando seios e quadris (p. 20-23). E o nome? Lava-se na noite e no “formigamento do sonho/por conta da ausência” (p. 25). No frenesi do sonho, aprisiona-se, liberta-se e volta a se embrenhar no claro/escuro das impermanências.

Coincide nesta obra uma divisão enquanto estrutura interna e externa, pela qual se cria uma irresistível sincronia de intangíveis sensações que nos cercam e alcançam aura de mistério do ter sido. Antes de encontrar ilhas, o eu poético se debate entre o sagrado/secreto – dualidade da sensação do existir, na primeira parte do livro. Num jogo de impressões as

(in)consistências são centrais para alimentar/rechamar as dúvidas: o **sa-grado** que é segredo/espço-tempo e entrega no abraço e na amplidão do momento da fala ou da vigilância; o **secreto**, feito de esconde-escondes, espreita espaços guardiões de acordos costur dos em volta do ouvido. A impressão é de viver “em cofre”. Então, *agdas* são as dores de não ser o que realmente se é; e *crônicas*, as marcas das imprecisas relações: as celebradas em sagradas revelações, as que são feitas de encontros e encantos e as que se presentificam em cruzamentos de eixos e seixos. Afinal (ao final), *a vida é sonho*, pois só se alcança o triunfo da luz com o conhecimento de si mesmo⁹. Clausura e libertação são pontos equidistantes que se aproximam e se afastam, se miram e se rejeitam em caleidoscópicas perspectivas do olhar.

Por isso, não é sem propósito que o tecido de afetos, na segunda parte do livro, culmine com o poeta-catedral, Wladimir Dias Pino, cujo complexo sistema de relações guarda sentidos fundados no silencioso espaço de “So li da”, superpondo imagens ou o que se reverbera delas. Da solitária escrita surge o novo eu, ponto da experiência humana só alcançável pelo ato da criação visível no sabor fonético e invisível na intensidade das emoções.

No breve espaço entre fazer/viver/morrer reside o ser-palavra golpeado pela incompletude da composição e mergulhado na infinitude de vulcânicos sentidos soterrados (ou revoltos) nos subterrâneos “da nossa absurda corporeidade”.

Assim Marília entrou na minha vida e fez maravilhas. Pela palavra deixou esperança, mesmo nas desesperanças dos novos tempos:

E por tanto tempo pertencer à terra
serei pasto para seus sonhos
por ser do dentro do chão pisado
farei magia em seus sapatos
e por ter em forma o prévio
perfil dos frutos
serei a passagem para o agri-doce
por ter dos ventres a oculta manhã
por me saber sabor de dor

9 Reporto aqui à alegoria da tragicomédia homônima de Calderón de la Barca de concepção platônica.

e viagem – tentativa de comunicação –
e por não poder arrebentar o seu silêncio
em fugas, em brisas e em menos áridos
terrenos

quedar-me-ei: sonora como as conchas
e inamovível como qualquer das rochas
que no universo estão postas

(Tentativas para um mundo melhor, p. 91)

Em outro momento: “nasce o aleijado futuro” (p. 99).

Para que a espera
se o futuro amarrado ao meu corpo
limita a esperança?” (p. 101)

Maior que eu
é o espaço.

E cabe a dor por inteiro
mas, não me cabe.

O espaço maior que o Som
atravessa com abstratos e absurdos
passos humanos o próprio espaço.

O espaço é maior que o projeto
e não pode contê-lo.

No espaço de agora há outro espaço (Espaço, p. 105)

MARÍLIA BEATRIZ VIVE!

Eternamente luz, encantadoramente marcante, imortalizada pela luminosa presença entre nós e pela obra construída. Mato Grosso se lembrará para sempre da arte com palavras nos tapumes da Casa Barão de Melgaço, quando por longos anos ficou em reforma, bem no momento em que presidia a Academia de Letras. No entanto, Marília não se dava ao luxo de se acomodar e logo estava acontecendo no movimento da pichação, nas bibliotecas públicas, nos encontros com crianças e jovens, na escrita dos seus poemas. Marília era corpo de leitura. Performática em momentos do mais puro lirismo ou na profusão dos textos desconstruídos.

Eis que do tempo de Marília ficam seus poemas. Desconcertos e sentimentos do mundo. Sua imagem me vem pela memória numa rica conjunção sensorial. Marília de Gervásio Leite, agora ombro a ombro, de par em par a nos mirar do outro lado, para este lado em que continuamos a sentir seus fluidos.

Marília se fez poesia em mim “hoje e antes mesmo”:

Marília
mar e ilha
Poesia

mundos despertos
crônica saudade

Marília
luz e fogo
chama viva
Marília
alma e gesto
sinestesia.

Dos versos de Marília
agudos olhares
versos oceânicos

Marília no presente
Asa
Voo
Infinito.

Do infinito plural de Marília
gesto-de-arrebentação
minh'alma aninha
Dos encantos de Marília

Vai, Marília
ser-palavra
síntese
estrela-guia

NO ENTANTO,

(para Marília Beatriz)

Marta Helena Cocco (Cadeira 18)



Marília Criança. Acervo da Família.

No entanto,

na véspera ninguém morre.

Mas vive.

Na véspera do lume
nas folhas de uma copa à noite
pela face de um satélite;

Na véspera do prelúdio
na ribalta acordada
pela epifania da estrela;

Na véspera da paixão
na planície de um verso

pelo arado e sua vocação de cova;
Na véspera de um antídoto
nos jornais e sua língua bífida
pela ressurreição dos deuses onipotentes;

Na véspera de um abraço
no amor que se vai despedindo
pela piedade do tempo;

Na véspera de nunca findar
na autêntica impressão da presença
pelo corpo que respira.

Não, na véspera ninguém morre.

A não ser que abra os pulmões
ao inimigo invisível
o qual, por ser ainda extraordinário,
nem sempre se vence com tubos.

LEGADO, INSPIRAÇÃO E SAUDADES

Sueli Batista dos Santos (Cadeira 34)¹⁰

Marília Beatriz de Figueiredo Leite não se foi de vez, porque não morreu ao longo do percurso da vida, inspirou e deixou, além de saudades, o legado de uma profissional de talentos múltiplos, que muito contribuiu com a Educação, com o Direito e com a Literatura.

Se existe uma parte incontornável da vida, essa porção de um todo se chama morte. Ela é implacável e quando o desencarne ocorre, muitas vezes deixa até a alma dos que ficam dilacerada em dor, que nem sempre se sabe o que fazer com ela. É saudades, tristeza, vazio, quietude em preces. Confúcio, filósofo chinês sublinhou: *“aprende a viver como deves, e saberás morrer bem”*. Já que a perda é inevitável, é aconselhável aguardar ao último chamado da vida, deixando um legado. No dia 3 de julho, Marília Beatriz de Figueiredo Leite faleceu. Era ocupante da Cadeira 2, da Academia Mato-Grossense de Letras-AML, onde também foi a segunda mulher presidente.

Na tarde de sábado, dia 4 de julho de 2020, ocorreu ritual formal, do respeitoso silêncio para Marília Beatriz. A partida da dona de um sorriso fácil, largo, colorido e único, impresso no seu DNA, deixou familiares e amigos consternados. Moema Figueiredo Leite, disse-me, ao confirmar que o espírito de Marília havia realmente se desligado do corpo físico: *“minha única irmã, amada, amiga e admirada”*. Ela já havia reconhecido em vida que Marília havia lhe aberto uma grande janela em sua vida e sempre estava pronta para ajudar a família.

Adélia Maria Badre Mendonça de Deus, que foi como uma irmã que a vida lhe deu, tinha por Marília e Moema, uma amizade do tempo que seus pais, Rubens de Mendonça e Gervásio Leite, ambos “imortais” da AML, eram muito amigos. Ela escreveu que em certa feita comparou Marília com um beija flor. *“Na mesma hora que está num lugar, você procura e ela já não está mais. Era assim, de uma vitalidade infinita, de uma criatividade incrível”*.

A despedida de Marília foi como se os corações de todos que a amavam e respeitavam sua trajetória, se unissem em lembranças. Atuou

¹⁰ Presidente da AML, Cadeira n, 34

na educação, na arte e cultura (Literatura e Teatro) e no Direito, inspirando, deixando seguidores, pois sua personalidade forte e lapidação constante do ser, a levaram para a busca constante do conhecimento e de novidades.

SUA TRAJETÓRIA INICIADA NO RIO

Começou a escrever no Rio de Janeiro, sua terra natal, era muito nova quando participou de um concurso para a Rádio MEC (Ministério de Educação e Cultura), incentivada por uma professora. Seus pais, o advogado e escritor, Gervásio Leite, e sua mãe Nice de Figueiredo, lhe deram uma excelente educação. O seu primeiro conto, foi premiado pela rádio MEC, e a partir de então ela não parou de escrever, inclusive ao conhecer no Rio, a escritora e poeta, Olga Savary, incursionou para a elaboração de textos com cortes críticos e fortuna crítica. Seu pai a estimulou a alçar vôos, e ela o direcionou para Cuiabá, capital de Mato Grosso, cidade que abraçou verdadeiramente como sua.

Na “Cidade Verde”, cheia de esperança, ela construiu uma carreira de sucesso, olhando em panorâmica como se fosse uma águia. *“Uma pessoa que olha o mundo deve fazê-lo com olhar certo”*, destacou em uma de suas entrevistas, e foi com este olhar que parece que ela alçou seus vôos, principalmente pelos caminhos da educação superior, da arte, que para ela *“incrusta na pele, no coração e no olho da gente”*, e da literatura, que a estudiosa acreditava ser completa, se estivesse o seu universo sorvido na palavra, no gesto e no olhar.

Mestre em Comunicação e Semiótica, Marília Beatriz dizia que ser lembrada *“é uma forma de fazer história”* e não há dúvida que fez a sua. Honrou a trajetória de Gervásio Leite, notável personalidade.

Teve grande influência na educação, foi professora fundadora da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT, e também exerceu outros cargos de gestão na instituição, voltados principalmente a arte e a cultura, a exemplo de ter chefiado o Teatro Universitário; o Departamento de Artes; o Conselho Consultivo do Cineclube Coxiponés, e o Museu de Artes e de Cultura Popular (MACP). Nos 50 anos da UFMT, ela foi homenageada, e revelou mais uma face voltada para a arte, em uma programação com múltiplas atividades, som, letras e cor.

Uma mulher a frente do seu tempo, sabia fatiar bem as horas, para as suas multiplas atividades, que até causava certa preocupação familiar.

Dirigiu peças de teatro, escreveu, encenou, e ensinou a arte da dramaturgia. Como escritora, teve várias obras publicadas, inclusive uma delas há quase 40 anos: O mágico e o olho que vê (Edufmg, 1982); De(sign) ação: Arquigrafia do Prazer (Annablume, 1993); Viver de véspera ou antes mesmo (Carlini&Caniato, 2018); Agudas ou Crônicas? (Editora Tanta-Tinta/Carlini&Caniato, 2019) e Corte de Vinho (Carlini&Caniato, 2019).

PRESIDENTE DA AML

Foi com a “Chapa Multifacetada” que Marília Beatriz foi eleita presidente da AML, sendo empossada, no dia 10 de setembro de 2015, pelo então presidente Eduardo Mahon. Foi uma cerimônia muito concorrida, com participantes da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Durante os seus dois anos de gestão, o seu trabalho, assim como ela, não ficou parado num só lugar, porque teve que passar pela itinerância. Caminhou com sua missão para vários locais, numa andança e luta hercúlea, devido aos obstáculos originados com a reforma da Casa Barão, que foi além da data prevista, e também por problemas de saúde, que enfrentou, contando com a parceria de seu vice-presidente, José Cidalino Carrara, em diversas ocasiões.

Eu tive a honra de fazer parte de sua diretoria, e confesso que, como diretora secretária nem sempre eu conseguia acompanhar as suas quebras de protocolos e informalidade. Geralmente sugeria a ela para seguir o ritual que a ocasião pedia. A presidente, entretanto, fazia na maioria das vezes, o que lhe dava na cabeça. Não ligava se alguém ficava sisudo. Os risos que muitas vezes provocava, acabavam lhe legitimando, que fazer do jeito que fazia era o certo, não abrindo mão de ser ela mesma. Sou grata por ter sido na minha gestão a inauguração da sua foto na galeria dos presidentes da AML. Uma cerimônia muito bonita, ocorrida no mesmo dia da posse da acadêmica Lindinalva Rodrigues. Tudo foi feito conforme ela desejou, e o riso largo mostrou seu contentamento.

Parece contraditório o fato dela, por diversas vezes não respeitar o ritual. Ao tomar posse, no dia 10 de setembro de 2013, na Cadeira 2 da AML, cujo primeiro ocupante foi seu pai, Marília Beatriz analisou a cerimônia ritualística da qual estava sendo a protagonista e disse que “ritual é algo que faz parte de toda a vida e não se pode fugir dele, sob a pena de desgarrarmos do presente e do futuro”. Ela, entretanto, dava sempre um jeito de fugir das formalidades, e sem permitir que nenhum peso fosse colocado em sua consciência.

O saudoso professor Benedito Pedro Dorileo, que foi reitor da UFMT, e membro da AML, quem fez o discurso de recepção na sua posse de Marília Beatriz na Cadeira 2. Dentre tantas sábias palavras, disse que ela era uma realizadora de símbolos: “possui o dom imanente do transcendental, que permeia indistintamente o espírito humano”. É como se deixasse patente que se tratava de uma mulher singular, que possuía a pluralidade dos extraordinários.

RECORDANDO A IMORTAL

O jeito Marília Beatriz de ser foi muito recordado, e o inconformismo por sua partida, tomou conta de muitos de nós, seus amigos imortais. A Academia Mato-Grossense de Letras, em momento oportuno, após a pandemia, fará sua Sessão da Saudade. Inclusive, ela havia sido designada a fazer o discurso da Sessão da Saudade, ao professor Dorileo, pelos laços de amizade, e a pandemia fez como que a AML deixasse em aberto a data. Infelizmente ela não realizará o que tanto desejava. Talvez as palavras de William Shakespeare, “há mais mistérios entre o Céu e a Terra, do que possa imaginar nossa vã filosofia”, nos faça entender o quadro que se desenhou.

No presente artigo, tomei a liberdade de colocar muitas vozes unísonas, dos meus queridos confrades e confreriras, que carinhosamente falaram, nem todos diretamente a mim, sobre as peculiaridades de Marília Beatriz, do que ela representava e de como se ocupava com o que realmente valia a pena e a deixava plena de felicidades. Vozes que foram registradas, em algum momento, inclusive em vida da querida Marília Beatriz.

Abro o tributo para Marília, com o Ivens Cuiabano Scaff, e o que ele deixou gravado em documentário sobre a amiga que ele tanto admirava, e com quem disse ter se casado culturalmente. “muitos podem ter sido casados com ela e eu também sou”. Sobre Marília, ele destacou seu dom de “fazer as coisas pelos amigos”, e isso manifestando sempre carinho pelos anciões da AML, assim como pelo estímulo que dava aos novos. Sobre suas conversas disse que Marília sempre era novidade, seus encontros a conversa nunca terminava e nunca havia um dia igual. “Em todo lugar que a gente se encontra, a gente emenda uma conversa na outra, nunca um dia é como outro, sempre uma nova risada, uma nova maneira de ver o mundo e uma nova maneira de ver a arte”.

Tertuliano Amarilha, 95 anos, é acadêmico emérito, e assiste as muitas chegadas e despedidas na Casa Barão, enviou nota dizendo que “Marília Beatriz já não está em nosso convívio. Deixou-nos de inopino depois de fulgurar em nossa companhia. Foi notável acadêmica. Uma criatura fantástica”.

Nilza Queiroz, primeira mulher a presidir a AML, deu posse para Marília Beatriz, quando do seu ingresso na AML. Em suas palavras constam fatos vividos na UFMT, da parte cultural, enfatizando o teatro e da literatura, considerados seus pontos fortes. A congreira fala também da resistência da congreira em relação aos números, “ela não dava conta de lidar com eles”. Disse que Marília era ao mesmo tempo, caridosa e briguenta pela defesa do que acreditava. “Eu gostava muito da forma que ela tratava as pessoas simples, sem distinção”. Quando Nilza confidenciou isso pra Marília, ela lembrou que os seus olhos lacrimejaram. Marília disse: “gostaria que meus pais estivessem vivos para ouvir isso, porque foi com eles que eu aprendi”.

Carlos Gomes de Carvalho destacou que Marília, a quem ele sucedeu, na segunda vez que presidiu a AML, deixa lembranças em todos. Disse que “ela era parte de uma tradição cuiabana de cultura que, sob certos aspectos, lamentavelmente está se diluindo. Herdou do pai uma formação humanística que ela buscou preservar. Nela era habitual mesclar momentos de reflexão com falas hilárias que levava seus amigos e confrades acadêmicos tanto a se sentirem estimulados a lerem e a estudarem como a se divertirem”.

Ao saber do falecimento de quem foi sua grande inspiração, Eduardo Mahon deixou registrado que Marília Beatriz privava da intimidade de sua casa, dividindo com ele a sua inteligência aguçada, e deixou claro que a sua partida repentina, não foi seu último ato. Elizabeth Madureira Siqueira, que além de acadêmica da AML, é presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Mato Grosso, ressaltou: “que Marília leve com ela a alegria, a força e a energia que sempre timbrou sua personalidade”. José Cidalino Carrara lembrou que Marília era uma mulher multifacetada, “combativa, inquieta, corajosa, excelente poeta e escritora”. João Carlos Vicente Ferreira, enfatiza: “representou sempre, para mim, a forma e a força da mulher cuiabana fazer cultura. Destacava-se por seu querer, sua vontade e determinação na perpetuação de ícones da literatura e historiografia mato-grossense”.

Lucinda Persona disse que Marília era extremamente lírica, vital, inteligente, expansiva, afetuosa, exuberante, enigmática, luminosa, comprometida com seu tempo. Já o confrade Fernando Tadeu de Miranda Borges, lembrou da amiga que transitava no tempo, e disse que lhe falou em vida: “Marília você é atemporal, e que bom que estamos vivos e juntos, somos imortais mortais”. Luiz Orione Neto, sintetizou: ela era sinônimo de verdadeira alegria e símbolo de uma autêntica festividade”.

Para Amini Haddad, Marília não só fez história. Ela é história. *“Chego a ouvir a sua voz. Não há silêncio. Há poesia... Ela continua viva na imortalidade. Ela continua viva em nossas mentes e corações. Certamente, os anjos animam-se e o céu festeja a sua presença... Aqui, no entanto, nossos semblantes estão entristecidos. Melancólicos. Assustados por tão abrupta despedida... Marília já é saudade... E é saudade intensa! Tão intensa que é possível ouvir sua voz, aqui... bem aqui... e até sentir a sua presença”*.

É difícil conviver com a partida de quem amamos e que deixou indelével suas marcas. Difícil a síntese sobre quem exerce relevância em vários contextos. Luciene Carvalho é indagativa: “Falar em Marília de forma suscinta? Marília se mede em anos luz... não, ela não morreu, cintilou e foi se encontrar com Gervásio”. Para Agnaldo Rodrigues ela permanecerá em nossa memória como uma poeta do hoje. “Ela era a personificação da cuiabania e do jeito alegre e hospitaleiro do verdadeiro mato-grossense. Deixará muitas saudades, devido ao seu jeito cativante e inovador”.

Flávio Ferreira disse que conviver com Marília *“foi um grande aprendizado. Uma rara oportunidade de estar perto de um Ser lindo”*. Marta Cocco disse ter perdido *“uma pessoa tão querida, tão inspiradora, com uma vitalidade contagiante”*. Lorenzo Falcão deixou claro que será seu seguidor, onde quer que ela esteja. *“Estou contigo e sei que a recíproca é verdadeira. As articulações e os fazeres pela literatura brasileira e autêntica produzida em Mato Grosso prosseguem. Continue olhando por nós e fazendo o que sempre fez”*, disse ele.

Cristina Campos tem uma infinidade de memórias afetivas e culturais sobre Marília Beatriz, porém ela limitou-se nas palavras, pelo momento de recolhimento num espaço de silêncio e fala sobre a amiga, como inspiração. *“Marília: torrente alegre e festiva que inundou minha vida de Arte, sobretudo Poesia”*.

“Do berço à caixa foi nosso modelo de mulher livre e produtiva”, disse Lindinalva Rodrigues, que a considerava uma irmã presenteada pela vida. Para ela, Marília Beatriz foi pura ebulição e que será muito difícil pensar no mundo sem ela, razão pela qual chorava muito em “tristeza sem fim”.

Neila Barreto disse que professora Marília Beatriz de Figueiredo Leite partiu deixando uma larga lacuna nas letras e na cultura de Mato Grosso. Destacou que ela era altiva, guerreira, perspicaz, inteligente, e que suas falas e críticas eram acompanhados dos gestos enérgicos e, observando mais de perto, eram dóceis e afetivos. “E lá se foi ela, bela e radiante, ao encontro de um novo palco, de novos seguidores para saborear e beber da sua sabedoria. Nós aqui, ficamos órfãos das suas largas risadas, do seu amado gesto de baixar e levantar a cabeça. Do seu dócil dedo em riste e, eu do seu dizer baixo e amável, Neila você é especial. Ouvi muitas vezes essa fala, em tom amável e cordial”, finalizou.

Uma das últimas mensagens que ouvi de Marília Beatriz, dentre as muitas que a mim enviava gravadas, principalmente quando vivi um drama familiar, pela infecção da COVID 19, me faz dizer que eu conheci uma gigante na fé, na generosidade dos seus atos, e na gentileza de suas palavras. “Agasalhe-se na alma Deus vai te ajudar”, disse ela. Para que se compreenda a sua sutileza, ao tratar a dor, Marília muito me emocionou, na época, me enviando a composição, “Soleado, a Música do Céu, que trouxe-me acalanto,” De muito longe vem uma canção, suavemente como uma oração, e um anjo azul entre bruma e véu veio abrir pra nós os portões do céu”. Hoje eu lhe digo: siga em paz querida, o nosso bom Deus pavimentou de luz seu novo caminhar, entre as nuvens de letras que sempre haverão de acompanhar-te.

MARÍLIA: POESIA ATÉ NA PROSA!

Aclyse Mattos (Cadeira 3)



Marília em discurso na AML Acervo AML

Não posso precisar a primeira vez em que vi Marília.

Cada encontro parecia sempre ser um momento inaugural.

Se a poesia é o *Make it new* que dá a iluminação de uma percepção diferente (mesmo para as coisas cotidianas), então cada prosa com Marília portava essa dinâmica poética de ser uma visão inaugural.

Talvez seja porque minha avó Angelina tenha sido contemporânea de Gervásio Leite (o pai de Marília) e eu possa ter imaginado aquelas crianças nos bancos escolares. Aprendendo as primeiras letras e algarismos.

Gervásio completou os estudos e se tornou excelente com as Letras. Para as mulheres na década de 20 o caminho era mais difícil. Muitas se casavam mal chegavam à puberdade. E casamento na época era quase um se fechar para o mundo. Talvez não. Minha avó também se tornou

excelente com as letras, mas na leitura e narração de histórias e casos. Tornou-se uma leitora interessadíssima, mesmo só tendo o ensino fundamental, e os casos que contava eram sempre carregados de sabor, vivacidade e poesia, permeados pelas canções de Carnaval que a encantavam. Conto isso para ilustrar como a conquista de Marília nos estudos talvez tenha sido um modelo para tantas mulheres, inclusive para minha avó que tanto a admirava.

Será que antevi Marília num arquétipo da realização feminina num espelho idealizado pelo olhar de vovó? E essa mulher vencedora não perdia o sabor da boa prosa e do sorriso porque todo arquétipo consegue amalgamar qualidades.

Talvez a tenha visto em minha juventude, retornada da formação no Rio de Janeiro como faziam tantos cuiabanos. Como Gervásio fizera anteriormente. Como meu próprio pai também rumo às serras de Minas Gerais. Ou como eu mesmo fiz indo estudar nos centros do Sudeste já que a Universidade Federal ainda era a potência a crescer no chão do cerrado pelo fazejamento de tantos como Gabriel Novis Neves, Benedito Pedro Dorileo e Atílio Ourives.

Talvez a tenha encontrado nessa dinâmica que foi a presença de Marília na UFMT, seja como Coordenadora de Cultura (a primeira, sempre pioneira) ou como Chefe do Departamento de Artes. Marília farol-guia-estrela de uma cultura fervilhante como a de São Gonçalo, do Porto, do Coxipó, do Pantanal, da Cuiabá comunitária das rodas de conversa em cadeiras de balanço nas calçadas. Chego a não ter nenhuma inveja da Ágora ateniense se tivemos essa cidade Ágora de conversas deliciosas e multiculturais. O que tenho é uma melancolia de uma fraternidade fraturada e recolhida para ambientes fechados – ou agora – virtuais, sem calor (oximoro para Cuiabá) sem presença, mediados os afetos que não se podem remediar.

Talvez a tenha visto no cinema ou escutado pelo rádio. Essa Marília midiática, performática, cênica e crítica. Crônica. Carteirinha inicial do Cineclube Coxiponés de que recordo as exhibições a céu aberto – esse céu maravilhoso, mais que céu, a emoldurar os filmes como a cortina universal das cenas unindo vida e arte.

Talvez a tenha encontrado na fé, em busca do pão repartido e da força da esperança. Sim. Ainda podemos encontra-la nos livros e poemas. Numa prosa com Moema, sua irmã-fã, com quem Marília compartilhava os escritos antes de dar ao mundo suas luzes. Podemos encontrar o Mar

de Marília na canção. Ou no passeio iconográfico das fotos do Museu de Arte e Cultura Popular da UFMT. Mas, se todo Mar ainda não é Marília, todos esses encontros ainda não a formam inteiramente.

Podemos encontrar Marília nas conversas e lembranças de tantos que a conheceram e sempre a encontraram: criativa, dinâmica, poética-prosa.

Acabo de encontra-la aqui na Revista 99 da Academia Mato-Grossense de Letras. Vista e revista por tantos outros olhares de afeto.

O que tenho consciente é que cada encontro com Marília era um bálsamo criativo e poético. Mesmo num prosaico almoço no Brasileto compartilhando entre amigos a culinária e os doces cuiabanos. O carinho de sua acolhida na AML onde teatro, música e artes se entrelaçavam com espaço até para a dança e as quebras do sisudo protocolo. Seus discursos sempre comunicativos chamando as pessoas da plateia pelo nome. O brilho do olhar dos estudantes quando ela levava literatura para as escolas. As excursões a Santo Antônio para eventos maravilhosos no Salão Paroquial (onde Luis Carlos relembrou sua estreia nos palcos) ou nas escolas como a Faustino Silva onde virou nome de sala.

Quem teve a oportunidade de encontrar e conhecer Marília pode dizer que encontrou um ser de poesia. Em qualquer prosa, em qualquer cena, em qualquer sala de aula Marília vibrava e se dedicava à poesia.

Dramática. Enfática, Cênica. Poética. Dinâmica. Lúcida. Enigmática. Múltipla Marília Poesia até na prosa. Semiótica. Acadêmica. Lírica. Proproxítima Marília Poesia até no Nome, Libertária de um Dirceu Imaginário. Beatriz que nos conduz também é musa.

Agora vamos chegar mais perto. Vamos ao Coophema e sua casa repleta de quadros e obras de arte, eruditas e populares. Ao quintal com canto de aves e o perfume dos limões galegos colorindo o verde. A terna reunião dos amigos dizendo versos, cantando melodias, planejando filmes e peças. Repartindo o pão da poesia.

Acho que ainda vamos encontrar Marília por aí *Nel mezzo del cammin di nostra vita*. Um caminho e uma vida de poesia. E sempre será um encontro inaugural.

PEQUENO TRÍPTICO

Sarau no Céu

Marília Maravilha:

O Mar de Marília tem mais ilhas
As ilhas de Marília tem mais mar
Os poemas de Marília, redondilhas,
Pensamentos a cantar

Lá num outro patamar
O Bandeira e a boa Irene
Num café a esperar
Vem Gervásio – Sente-se um pouco
Vamos logo conversar

Que Marília vai chegar
Vem secreta e vem sagrada
Poesia é pra voar
Vem veloz e vem alada
Ninguém pense ir pra Pasárgada
Que Marília vai chegar

03.08.2020 (um mês sem Marília)

Garoa do Coophema¹¹

Olha que coisa mais tensa
Mais densa fumaça
Que vem e não passa
Que é longe do mar
Ah Cuiabá está imersa
Na densa fumaça
Chapada e Jangada

Queimada ao redor
Ah Porque tudo é tão cinza
Ah Porque a gente resiste
Vem garoa do mês de setembro
Chuva boa caiu nem me lembro
Ah se a garoa caísse
Cajueiro florisse

¹¹ Bairro de Cuiabá onde moraram os escritores Marília Beatriz de Figueiredo Leite e Ricardo Guilherme Dicke. Qualquer semelhança com Garota de Ipanema é mera sonoridade.

A garoa que não é só minha
Que também molha a vizinha
E de pronto emendasse
 num rastilho
É pau
É pedra
É fagulha

É queimada
É um toco
É uma guimba
É fumaça estradeira
É de lascar
03.09.2020

Haicai de julho

Vento de outono
até as folhas
querem voar

HOMENAGEM PÓSTUMA À MINHA CONFREIRA DOUTORA MARÍLIA BEATRIZ FIGUEIREDO LEITE, FALECIDA RECENTEMENTE!

Tertuliano Amarilha (Cadeira 23)



Marília na Academia: Liderança feminina. Acervo AML.

Procedente de Três Lagoas, em 1972, cheguei a Cuiabá, atendendo ao honroso convite feito pelo insigne Governador Doutor José Fragelli, para assumir o cargo de Secretário Particular do Governador. Isso realmente aconteceu no palácio Alencastro com a presença do Governador e vários Secretários de Estado.

E foi naquela ocasião que tive o ensejo e felicidade de conhecer a jovem MARÍLIA BEATRIZ FIGUEIREDO LEITE que era considerada “compêndio ambulante” devido ao seu maravilhoso cabedal de conhecimentos literários, e era costume da população cuiabana aplaudi-la onde aparecia.

Fomos apresentados, e desde aquele faustoso dia tornamo-nos amigos. Essa amizade, frutífera ao extremo, durou até ocorrer o seu desenlace, recentemente. A convivência com ela nos encontros esporádicos foi muito proveitosa para mim; ela naquele tempo já punha em realce sabedoria notável, e sua inteligência atingia o zênite com o seu brilho imperecível. Dediquei-lhe um acróstico de admiração, e ela o aceitou, entusiasticamente.

Marília chamou-me de “Sonetista”!
 Feliz, vive em seu mundo predileto,
 ela é consagrada beletrista
 digna é por isso de ardente afeto.
 Talvez outra igual não exista
 Vamos buscar sob o azulado teto,
 eu agora estou muito otimista.
 MARÍLIA é única. Tem brilho seletto.
 Além de ser “fruta doce” ela é,
 uma soberana da inteligência,
 tem muita firmeza com sua fé.
 Ela espalha frutos do seu talento,
 talento que tem suavíssima essência.
 É bem frutífero o seu pensamento!

* * *

Eu me encontro em lugar sagrado, as Doutoradas não acreditarão.
 Através de prece falarei com Deus. Muitas bênçãos vou solicitar, pois
 Ele acompanha o que eu escrevo.
 Ele já está preparado para ouvir-me, iniciarei dizendo:
 Aqui estou, meu Senhor! A minha mente estou mantendo firme;
 reivindicar-Lhe-ei um grande favor!

“Soube que duas de minhas confradeiras contraíram a peste CORONA VÍRUS, elas são duas cultas brasileiras que estão impedidas de dar seus giros. Vim aqui pedir que as abençoe e que fiquem imunes à doença. Que o mal saia delas, e que voe, e que o Santo Deus a esse mal vença... Os nomes delas, das duas Doutoradas: uma é Marília, e a outra Amini, ambas são, muito cultas Senhoras; espero que o mundo assim opine...

Você foi muito gentil, Marília, em exaltar meu nome de poeta, não é sempre que fico de vigília; minh'alma ficou de emoção repleta, comunicou-

-se comigo, dizendo: “tenho boa notícia pra você”. Recebi o jornal, e agora compreendo da novidade, qual foi o por quê.

Funcionou bem sua pena de ouro, elevou-me até o Céu. O seu artigo, pra mim, foi um tesouro, e pude fazer merecido escarcéu. Você com o seu timbre de catedrática, neste mundo brilha mais do que o sol; com o seu humanismo você é carismática. As suas produções são de escol. Esteja certa de que eu a admiro, mais do que as estrelas do firmamento; entre os livros que leio sempre prefiro as flores que expõem o seu pensamento. Você colhe aplausos porque é culta, seu nome explende, Marília Beatriz, sabedoria em você se avulta; o seu talento me deixa feliz. Bem sei que você brilha em qualquer parte, com as letras brinca e expande fulgores; os bons escritos são frutos da Arte que você expõe com impolutas cores.

Vejo-a luzir pelo universo afora com o magnetismo que é todo seu; nutre sua alma a rubente aurora; para encantar-nos você apareceu!

Mato Grosso orgulha-se de você por seus atrativos que são visíveis, nas páginas lindas que a gente lê vejo-a luzindo em altos níveis.

Ouçõ uma voz que lá no alto soa, eu presto atenção pra ouvir o que diz.

É Deus que me fala nessa hora boa: “Merece um troféu Marília Beatriz!”

* * *

MARÍLIA BEATRIZ é igual a “fruta doce”, tem doçura no sorriso e na fala, eu a imagino como se ela fosse a brisa suave que nos embala. Sabemos que é muito inteligente. Sua voz soa, o mundo se cala, o seu espírito é resplandecente com a sapiência que a todos embala. Tive a grande honra de conhecê-la quando aportei na bela Cuiabá. Ela era jovem, notável estrela! Tornou-se minha legítima amiga, ela não sabe o quanto a respeito! Este mal infame que me castigou, como o que acontece, não me deleito...

Doutora MARÍLIA, tanto a considero, ela foi a primeira musa que me surgiu. Posso dizer, fraternalmente, a quero; deu-me as “boas vindas”, e me sorriu! Ela presidiu a nossa ACADEMIA DE LETRAS com carinho e competência, nesse reduto de prosa e poesia ainda vemos a sua resplandecência.

O pai dela foi gênio da cultura, ficou gravada em mim a sua amizade, a minha estrada ainda era obscura; o gênio partiu e deixou saudade. Eis a homenagem pra você, MARÍLIA, é simples, não é significativa; sempre com hilariante expectativa! Vejo que a doutora até hoje brilha. Cuiabá,

Capital Mato-grossense! Há meio século resido aqui, Cuiabá, dia-a-dia me convence: é o paraíso que conheci!

Tenho amigas e amigos cuiabanos, feliz, resido em aprazível lugar; mesmo os lugares não sendo planos Cuiabá tem o que é bom para me empolgar! Você com seu potencial colosso já devia estar em pedestal de ouro, tem sido fanal aqui em Mato Grosso com o seu saber que é tesouro. Natal e Ano Novo já se aproximam. Receba de mim sagrados augúrios, os ricos pensamentos me dominam, envio-lhe flores com tênues murmúrios. Naquela época eu dizia: Outra igual a ela – Não há”!

Você no Hospital, Marília, é inacreditável! Você vive em vigília e sabe cuidar de si. Lamento que esteja assim, o fato me entristece, farei por você uma prece, e dizer-lhe o que senti.

Eu a imagino, feliz, plena de atividade nesta notável cidade onde você sempre brilha. É sábia em literatura, e todos lamentarão a triste situação na estrada que você trilha... Pois você vítima foi da CORONA VÍRUS, não mais em giros por onde ia com seus passos, vai ter que ficar no leito, mas isso só por enquanto. Você que rodava tanto não pode ter embarços. Ninguém está satisfeito. Espero que não demore... Entre em contato com Deus, ponha à luz, desejos seus e Ele lhe atenderá. Você não ficou presa à vontade de livrar-se, quer isso sem disfarce, e bênçãos Deus lhe dará.

A ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS está de luto, pois morreu MARÍLIA BEATRIZ FIGUEIREDO LEITE. A Acadêmica era das forças máximas de nossa Academia, infelizmente não mais a teremos em nossa companhia. Ela era detentora maravilhosa de sábia cultura intelectual, pessoa afetuosa que expandia sorrisos e expunha ao mundo a essência pura de sabedoria, uma inteligência efervescente e impoluta. O seu manejo com as palavras era por demais correto, e abordava quaisquer temas com admirável acerto. Ela nos deixa enlutados; só a veremos através de fotos e publicações que ficaram para perpetuar seu nome.

Será triste, o confrade ou confreira comparecer lá na Academia onde ela era a presença erudita. A ausência da nobre confreira deixará marca profunda de um vazio que permanecerá por tempos imemoriais.

Mas ela, jamais será esquecida. Estará brilhando sempre. Os acadêmicos são considerados: IMORTAIS. MARÍLIA BEATRIZ é nome sagrado que não perecerá. Sempre que ocorrerem reuniões, ela estará

conosco mentalmente, dando-nos incentivo. Gratidão nossa a ela pelo que fez pela literatura mato-grossense.

Quando passarmos pelo Sodalício, lá no fundo, a veremos sorridente, isso fazia parte do seu dia a dia, sua visão aí estará presente. Sempre será vista esbanjando simpatia com a alegria que lhe era inerente. Oh, MARÍLIA! Você morreu, e eu pedi que deixasse o Hospital, urgentemente. E que você apareceu e alguém me disse: “Faça um pedido para a Marília, se não sair do Hospital lá morrerá. Mande a poesia, cujo título foi este: *“Marília, peça que saia daí!”* Não obtive a desejada resposta. Mas veio a notícia: MARÍLIA MORREU!

Li o confrade Carrara dando-lhe seu “ADEUS”! Doloroso demais! Não me conformei ainda. Nunca será preenchido o vazio que ela deixou!

ACRÓSTICO PARA MARÍLIA

Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

MESMO AUSENTE, OS RECADOS E ENSINAMENTOS POR
VOCÊ VEICULADOS AINDA ESTÃO SONOROS E ATUAIS

ASUA VERVE, SEMPRE PERTINENTE E EXPLOSIVA, INDICA
SER NECESSÁRIO PROSEGUIR, COM CORAGEM E DESTEMOR

RIMOS MUITO DA VIDA, QUE ENCARAMOS SER PASSAGEIRA,
MAS AO MESMO TEMPO ETERNA, GRAÇAS AO LEGADO
QUE DEIXAMOS. POR ISSO

IRMANAMOS EM REFLEXÕES CORAJOSAS E DESTEMIDAS,
VIAJAMOS NO PENSAR, AFINAL, “TUDO VALE A PENA
QUANDO A ALMA NÃO É PEQUENA”, COMO DIZIA
FERNANDO PESSOA E

LENDO SUAS FILIPETAS ISSO SE TORNA VERDADE, UMA VEZ
PORTADORAS DE MENSAGENS ESTIMULANTES E MUITO
REFLEXIVAS

INCONFORMADA COM SUA PARTIDA FÍSICA, AINDA POSSO
DEDICAR-LHE ESTE ACRÓSTICO, EXTERNANDO,
MAIS UMA VEZ,

ADMIRAÇÃO ETERNA... VOCÊ DEVE ESTAR ENCANTANDO
POR AÍ... MAS FAZENDO MUITA FALTA POR AQUI!

UM BRINDE: MARÍLIA BEATRIZ,
NOSSA ESTRELA DA CULTURA!



Acervo AML

PAPAI, COMO EU ME SAÍ?

Lindinalva Rodrigues, (Cadeira 37)

Eterna fã de Marília, inspirada pelo fantástico
poema de autoria dela: “*Quero Entregar Minha Essência*”.

Odeio o fato de me sentir compelido a perguntar, no fim da vida: Como me saí, mamãe?

Sou escritor. E mamãe não sabia ler.

Mesmo assim, recorro a ela para buscar o sentido do meu trabalho. Toda vez que lhe fazia uma visita, eu a encontrava instalada naquela poltrona, com dois ou três de meus livros no colo. Ela os pesava, cheirava, acariciava – fazia tudo, menos lê-los.

O sentido da vida? Somos criaturas que buscam sentido, que têm de lidar com o inconveniente de serem lançadas num universo que, intrinsecamente, não têm sentido algum...não inventamos, e sim descobrimos, o projeto que dá sentido à vida.

Algumas pessoas são instigadas pela vida afora por uma visão de triunfo vingativo; outras, imersas no desespero, sonham apenas com a paz, o desapego e o libertar-se da dor; algumas dedicam a vida ao sucesso, à opulência, ao poder ou à verdade; outras buscam autotranscendência e mergulham numa causa ou em outro ser - um ente querido ou uma essência divina; outras, ainda, encontram o sentido numa vida de prestação de serviços, no pleno desenvolvimento pessoal ou na expressão criativa.

Precisamos da arte, disse Nietzsche, para que a verdade não nos destrua. (YALOM, 1931).¹²

Fora dos padrões, Marília desejou entregar ao mundo a sua essência.

Gritava que havia encravado em si um beco que não tinha saída, nem entrada, e era a um só tempo contentamento e desespero.

Queria trilhar na cabeceira seu cortejo descompassado do berço até a caixa.

Do amplo salão de máscaras que permeia as relações humanas, ela conseguiu manter seu quatinho com guardados misteriosos.

12 YALOM. Irvin D. *Mamãe e o Sentido da Vida*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S. A., 2008, p 13-15.

Seguiu sorvendo a vida abraçando e desabraçando, com sua eloquente linguagem que acolhia e repelia.

Vagueando entre acertos e erros, marchava gloriosa como só trilham os poucos que conhecem o sentido da vivência.

De fato, resvalou em pingos de luz, holofotes que não a deixaram seguir na penumbra da discrição ou do anonimato.

Desconfortada pelo silêncio, soltava sua voz de trovão e mudava o mundo.

Fez jejum de quem não a conseguiu decifrar e reconheceu, de plano, suas parcerias de alma.

Saboreou a vida de dentro para fora, extraordinária em sua existência ousada e afrontosa.

Em eterna fuga da coerência e do enquadramento, foi ferrada pela vida, que sempre nos ferra com marcas em brasa de fogo e calor.

Correndo para escapar de ajustes, enterrou seu tesouro em local seguro, em cofre cheio de borboletas e pássaros, ao alcance de poucos.

Deixou nódoas profundas de uma experiência inconfundível e desconfortável.

Sem amarras, quem tentou lhe aprisionar, a perdeu, vendo-a desaparecer diante de si, contemplando mãos vazias.

De todas as gaiolas do planeta se desprenderam suas relíquias, que voam hoje no infinito vazio, do oco que sua ausência física provocou.

Eis-lhe o paradoxo: Filha, eterna filha, a menina do papai e a mulher do mundo.

Papai, como eu me saí?

Vulto gigante, de personalidade incoercível, condenada a ser livre.

Abriu-se o cofre, a caixa se rompeu para eternidade, arremessaram dela todos as suas aves e mariposas em arroubos afobados e sedentos, doravante sempre voando com as asas de Marília.

SAUDAÇÃO À MARÍLIA BEATRIZ FIGUEIREDO LEITE

José C. Carrara (Cadeira 9)¹³

Nossa querida amiga, confreira Marília Beatriz de Figueiredo Leite, nós, acadêmicas e acadêmicos, não poderíamos deixar de, perante essa assembleia, dizer-te muito obrigado. muito obrigado à Marília Beatriz, criativa e instigante, que com este parâmetro, estabeleceu um traço de união entre os vários perfis que constituem a Academia Mato-Grossense de Letras e o pluralismo da nossa sociedade contemporânea. A gestão comandada pela Marília Beatriz termina com a assinatura e o carimbo inconfundíveis dessa mulher que se colocou à disposição deste sodalício para servir às causas da cultura e das letras de Mato Grosso. Neste período, fizemo-nos mais acadêmicos, fizemo-nos amigos: uma amizade de mão dupla.

Na gestão de Marília Beatriz, a Academia Mato-Grossense de Letras não existiu para encastelar, armazenar cultura, e sim para socializá-la. A Academia se afinou mais com toda a sociedade. Há um ditado que diz que *“os grandes portões se movem por meio de pequenas dobradiças.* A Marília Beatriz nos deu um exemplo de que as coisas pequenas fizeram uma grande diferença. Sua doença e a casa sem sede motivaram ainda mais essa mulher que tem um talento e desempenho relevantes que justificaram seu trabalho. É um risco grande ou um perigo falar ou resumir o trabalho da Marília aqui na academia. Marília é quase uma subversiva completa. Tem mentes e atitudes audazes. Sua fala é rígida. Marília Beatriz, é mulher de muitos talentos. Seus talentos têm horizontes longos, largos e sem fronteiras. Marília, querida amiga, ter sua companhia na diretoria da AML foi muito bom. Provérbios 14. 1 – *“a mulher sábia edifica sua casa”.* Marília, a senhora não só edifica, mas dignifica a Academia Mato-Grossense de Letras. a inteligência, a bondade, a humildade, o talento e a dignidade fazem seus vestidos, são suas vestimentas. A Marília Beatriz de Figueiredo Leite nasceu com a vocação para liderar e esteve sempre atenta ao andamento da casa, nunca, nunca *“comeu o pão da preguiça.”* Parabéns Marília Beatriz.

¹³ Texto escrito em Cuiabá, 31 de outubro, 2017.

JOÃO ANTÔNIO NETO: A CORAGEM DA ÉTICA - NOSSO PAI E GRANDE SER HUMANO

Regina Beatriz Guimarães Neto

CENTENÁRIO DE JOÃO ANTÔNIO NETO

Neila Maria Souza Barreto (Cadeira 19)

A CONSCIÊNCIA ILUMINADA DE JOÃO ANTONIO NETO

Marta Helena Cocco (Cadeira 18)

DOIS MOMENTOS DA LITERATURA DE MATO GROSSO DEFINIDOS
POR UM SUJEITO PARTICIPE E ESPECIAL, JOÃO ANTONIO NETO

Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

HOMENAGEM A BENEDITO PEDRO DORILEO PAI EDUCADOR

Ivo Leandro Dorileo

HOMENAGEM DOS ACADÊMICOS A BENEDITO PEDRO DORILEO
PROFESSOR BENEDITO PEDRO DORILEO

Nilza Queiroz Freire (Cadeira 14)

BENEDITO PEDRO DORILEO: UMA ÁRVORE CUIABANA
DE RAIZ DA AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE

Fernando Tadeu de Miranda Borges (Cadeira 33)

BENEDITO PEDRO DORILEO E SUA ESTREITA SINTONIA COM A EDUCAÇÃO

Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

O MAGNÍFICO, "CÍCERO CUIABANO"

Ubiratã Nascentes Alves (Cadeira 1)

DORILEO: UM PERSONAGEM DA CULTURA CUIABANA

Carlos Gomes de Carvalho (Cadeira 40)

HOMENAGEM À ACADÊMICA MARÍLIA BEATRIZ
DE FIGUEIREDO LEITE MARÍLIA – U.I E T.M.

Moema Figueiredo Leite

HOMENAGEM DOS ACADÊMICOS A MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO
LEITE MARÍLIA BEATRIZ: TRAÇOS DE UMA POÉTICA

Lucinda Nogueira Persona

MARÍLIA BEATRIZ EM ABSOLUTA SINESTESIA

Olga Maria Castrillon-Mendes

NO ENTANTO,

Marta Helena Cocco (Cadeira 18)

LEGADO, INSPIRAÇÃO E SAUDADES

Sueli Batista dos Santos (Cadeira 34)

MARÍLIA: POESIA ATÉ NA PROSA!

Aclyse Mattos (Cadeira 3)

HOMENAGEM PÓSTUMA À MINHA CONFREIRA DOUTORA
MARÍLIA BEATRIZ FIGUEIREDO LEITE, FALECIDA RECENTEMENTE!

Tertuliano Amarilha (Cadeira 23)

ACRÓSTICO PARA MARÍLIA

Elizabeth Madureira Siqueira (Cadeira 29)

PAPAI, COMO EU ME SAÍ?

Lindinalva Rodrigues (Cadeira 37)

SAUDAÇÃO À MARÍLIA BEATRIZ FIGUEIREDO LEITE

José C. Carrara (Cadeira 9)